FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | TERÇA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1968 | ANO 48.º — NÚMERO 16370

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

FICOU EM LISBOA O GRANDE PRÉMIO DO CONCURSO «FÉRIAS EM PORTUGAL»

• OS DOIS SORTEIOS CONTEMPLARAM LEITORES DE TODO O PAÍS

Foi para um leitor de Lisboa, sr. Luís Joaquim Campos Barradas, proprietário de uma ourivesaria, o primeiro prémio do nosso grande concurso «Férias em Portugal», que lhe proporciona, além de um automóvel «N. S. U. 1200 C», uma esplêndida viagem de trinta dias ao longo do País, com alojamento completo para duas pessoas nos melhores estabelecimentos da rede hoteleira nacional, e ainda, como se calcula e afinal dissemos mais que uma vez, a gasolina necessária para a aventura.

Há horas felizes. O relógio marcava 18 e 18 (coincidên-

(Continua na 8.ª página)

Os dois sorteios de «Férias em Portugal», a que presidiu o nosso director, trouxeram á sede do nosso jornal muita gente esperançada numa sorte que acabou por ser só para leitores ausentes

A HOLANDA DE HOJE — Portas abertas para o futuro

(Crónica de RAUL REGO na pág. 11)

O MADISON SQUARE GARDEN ESTÁ A SER DEMOLIDO

NOVA YORK, 16 — (R.) — O clamor dos entusiastas do pugilismo foi substituído pelo ruído ensurdecedor do camartelo no Madison Square Garden, a famosa arena onde Joe Louis combateu, Franklin Roosevelt discursou perante comícios políticos e o produtor cinematográfico Mike Todd organizou uma festa que lhe custou 400 000 dólares (11 200 contos).

A fim de se construir um novo arranha-céus, brigadas de demolição estão a deitar abaixo a famosa arena, que atraiu 250 milhões de espectadores durante 42 anos.

Entusiastas do boxe têm já um novo e atraente Madison Square Garden a quilómetro e meio de distância do antigo. Contudo, Nova York não será a mesma sem a «Meca do soco», que foi a capital mundial do pugilismo durante quatro décadas.

Figuras famosas da alta sociedade misturaram-se com elementos do mundo do crime no velho Garden, vendo quase todos os campeões mundiais de boxe desde os anos 20 até 60,

(Continua na 17.ª página)

Nota do dia

PAGAR HOJE PARA RECEBER AMANHÃ

A ideia do seguro social obrigatório apareceu inscrita na legislação portuguesa em 1919. Há meio século, a inovação terá a alguns parecido ousada ou, pelo menos, contemporizadora. Hoje, porém, o princípio já ninguém se sente com forças para o contestar e o sistema da previdência, de um modo ou de outro, não pode ficar esquecido no esquema de vida de qualquer comunidade organizada. Do sistema actualmente em vigor entre nós tem cada um a sua experiência. Não custa a entender que, por hábito ou inábito, a tendência mais generalizada seja de cada um rezingar pela imposição de «descontar para as Caixas», que é a fórmula corrente: quem está de saúde e não sente a proximidade da doença sente-se atraído a considerar como injustiça «estar a pagar para os outros». Mas não é esse mesmo o grande princípio da solidariedade? O resto é a orgânica, o funcionamento, através dos quais o sistema actual tem estado, ao longo dos anos, a capitalizar, como se sabe e em dimensões agora referidas pùblicamente pelo ministro das Corporações na inauguração dos serviços médico-sociais em Tomar: em 1960, gastava-se apenas 54% do que se cobrava, percentagem que em 1966 subiu para 67,5. Tal medida de disponibilidades permite pensar no alargamento da zona de cobertura, que até agora incluía apenas a produção activa aplicada no comércio, na indústria e nos serviços e em que se projecta agora incluir «os demais sectores, designadamente os serviços domésticos e o sector agrícola». Não será o mais fácil, reconhece-se. Mas não será o menos necessário. As populações agrícolas são, no nosso tempo, as menos protegidas, pode dizer-se que por toda a parte. E não será assim do pé para a mão que o complexo problema poderá apresentar-se como resolvido. Mas as ideias fazem a sua carreira e por isso nos parece realmente importante que tal propósito seja anunciado: não apenas por ser o acenar de uma esperança, mas principalmente pela oportunidade de poder cada um pensar nos seus direitos e deles ganhar boa consciência.

O RECURSO À FORÇA CONTRA PRAGA FOI POSTO DE PARTE

—ADMITE-SE EM MOSCOVO

MOSCOVO, 16 — (A. N. I.) — Julga saber-se em Moscovo que os dirigentes russos teriam chegado á conclusão de que o movimento de liberalização na Checoslováquia pode ser reprimido sem o recurso á força.

O comunicado final da conferência de alto nível de Varsóvia deu a entender que os russos acreditam que a Checoslováquia ainda pode ser «persuadida» a restringir o seu movimento de «democratização», a fim de não pôr em perigo toda a segurança comunista.

O facto de as tropas russas estarem a retirar da Checoslováquia, embora muito lentamente, no próprio momento em que o comunicado foi distribuído, parece sublinhar a decisão tomada pelos países de «linha dura» do Pacto de Varsóvia de que não será necessário usar agora da força.

No entanto, os observadores de Moscovo salientam que o Exército russo se manterá sempre a poucas horas de Praga, nas suas bases situadas na região de Dresden e na região de Leipzig, na República de Pankow, e na região de Legnica, na Polónia.

Nos círculos diplomáticos de Moscovo tem-se manifestado a opinião de que não se verificará uma repressão militar russa, a menos que o regime checoslovaco esteja gravemente ameaçado de ser derrubado, por forças internas ou externas.

DEPENDÊNCIA CHECA EM RELAÇÃO À U. R. S. S. QUANTO A MATÉRIAS-PRIMAS

Em círculos russos geralmente bem informados afirma-se que ainda existem outros meios, que não a força, para obrigar os checoslovacos a continuarem a seguir a linha de obediência a Moscovo.

Económicamente, a Checoslováquia é um país altamente industrializado, que depende em grande parte da U. R. S. S. para o fornecimento de matérias-primas.

Seriam necessários muitos anos para que a União Soviética pudesse ser substituída como fornecedora. Os checoslovacos são considerados um povo cauteloso, meditativo, que deve medir cuidadosamente os efeitos que poderia ter um corte dos habituais fornecimentos russos de matéria-prima para as suas indústrias.

INAUGURADA EM LUANDA A PRIMEIRA FÁBRICA DE PNEUS DE ANGOLA

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

De ontem para hoje

CONDECORAÇÕES ALEMÃS PARA OS DRS. MOTA VEIGA E PAULO RODRIGUES

Dois membros do Governo, o ministro de Estado, dr. Mota Veiga, e o subsecretário de Estado da Presidência, dr. Paulo Rodrigues, receberam das mãos do embaixador Robert Müller-Roschach, respectivamente, a grã-cruz de 1.ª classe e o grande oficialato da Ordem de Mérito da Republica Federal Alemã, com que haviam sido agraciados. «Sinto particular alegria», afirmou o embaixador Müller-Roschach, «neste honroso encargo». Em resposta o dr. Mota Veiga disse: «Permitimo-nos interpretar tão honroso gesto, não como recompensa de méritos ou serviços que — pelo menos no que me diz respeito — tenho a consciência de não possuir ou haver prestado, mas como mais um significativo testemunho da amizade do nobre povo alemão para com Portugal, que Vossa Excelência, sr. embaixador, tão distintamente personifica, na continuidade, aliás, de uma tradição multissecular que, desde os alvores da Nação portuguesa, sempre ligou os nossos dois países.»

UM NOVO «LI» PARA A CHINA DE MAO TSÉ TUNG

Na Casa do Leão, Castelo de S. Jorge, durante a reunião quinzenal do Clube Lions de Lisboa, tomou posse a nova direcção do organismo, presidida pelo sr. dr. José Fernando Trindade Martínez, e houve uma conferência do dr. Henrique Martins de Carvalho sobre «A revolução cultural chinesa». O orador explanou o seu ponto de vista, sublinhando que o «Livro Vermelho» dos pensamentos de Mao Tsé Tung constitui, possívelmente, um novo «li», ou rito, destinado a atrair as massas em fermentação.

FOGO EM TRÊS QUILÓMETROS DE FRENTE

Restolho e cascalho arderam ontem, numa frente de três quilómetros, entre a Abrunheira e Albarraque, zona de Sintra. Podia ter sido muito pior (e chegou a recear-se que o incêndio tomasse maiores proporções). Finalmente, quatro horas de combate por nove corporações de bombeiros encerraram o caso. Origem: ponta de cigarro?

UM ISQUEIRO, UM BARCO, UMA AGULHETA

Um isqueiro acendido por imprevidência na casa das máquinas do arrastão «Praia de Algés», ancorado em Pedrouços, deu um princípio de incêndio que os Sapadores Bombeiros, coadjuvados pelos Voluntários de Algés e de Campo de Ourique, extinguiram, não sem dificuldade, com uma agulheta de nevoeiro. Foi ontem de tarde. Menos prontidão nos socorros e o «Praia de Algés» estaria agora consideràvelmente chamuscado.

MORTE NO TERMINAL DE LEIXÕES

Um operário de 19 anos, Lino Nogueira da Silva, morador em vida no lugar de Crestins, Nogueira da Maia, foi ontem vitimado por uma queda (seguida de afogamento) no terminal petrolífero de Leixões. Ele e mais sete colegas estavam numa prancha a grande altura, pintando tubos condutores. Como foi, não se sabe ao certo. A prancha vacilou e os oito homens atiraram-se á água. Vieram populares para o salvamento. Um a um os operários subiram a terra firme. Só o jovem Lino da Silva, menos feliz, ficaria no fundo até um mergulhador o localizar. Tudo inutil: estava morto.

Incêndio no Hotel Francfort dominado em 30 minutos

Esta tarde cerca das 14 e 30, deflagrou um incêndio no velho Hotel Francfort, de Santa Justa, o qual teve a sua origem na chaminé da cozinha, passando rápidamente, as faulhas, através da mesma, para o forro e telhado.

O sinistro causou natural alarme, mas meia hora depois de se haver manifestado estava dominado pelos bombeiros.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram, em combate, na província da Guiné, o alferes miliciano de artilharia Henrique Ferreira de Almeida, natural do concelho de Sátão, filho de João António de Almeida e de Elisa da Conceição Ferreira de Almeida; e o alferes de 2.ª linha Ura Balde, natural de Galomar, filho de Ierundi Balde e de Suncari Baldé

FESTA NACIONAL ESPANHOLA

Na quinta-feira, em comemoração do XXXII Aniversário do Movimento Nacionalista Espanhol, será rezada, ás 19 horas, uma missa de campanha nos jardins do Palácio de Palhavã, seguida de juramento de bandeira pelos recrutas e recepção á colónia espanhola.

Os membros da Colónia Espanhola, maiores de 18 anos, que desejem assistir aos referidos actos, devem munir-se de um bilhete de convite, que pode ser requisitado nas secretarias do Centro Espanhol, da Juventud de Galicia e da Beneficência Espanhola.

O MOVIMENTO COOPERATIVO NA JORDÂNIA

por J. DIAS AGUDO

A Jordânia, que ultimamente tem sido assunto de conversa por causa das contendas com o seu vizinho Israel que a limita pelo Ocidente é um país de certa extensão territorial (97 350 km2) onde vive uma reduzida população de 1 860 000 habitantes falando o árabe, o turco, o sírio, o curdo e o arménio. A religião do país é a muçulmana, mas há praticantes doutras seitas, o que ao lado das várias raças existentes no território não deixa de dificultar a formação duma unidade nacional bem cimentada. O rei Hussein não o ignora e por isso promoveu, em certos sectores, a constituição de cooperativas, que são meios de vida até certo ponto comunitária, pois os interesses que elas defendem e procuram satisfazer respeitam a toda a população e não apenas a uma parte.

A modalidade de *produção e venda* foi a que, naquele meio agrícola, foi escolhida para realizar os desejos do monarca, que em Qalqilya, pequena povoação vizinha de Israel, mandou fundar a primeira cooperativa agrícila. O lugar era ingrato para a cultura por falta de águas, pois estas haviam passado, tempos antes, para as mãos dos israelitas. A unica solução residia na abertura de poços artesianos, embora este processo de rega fosse bem mais difícil, e mais caro que o aproveitamento de águas correntes.

Mas os poços abriram-se, as terras regaram-se e os produtos apareceram. Dentro em pouco nas encostas da pequena colina e nos plainos vizinhos verdejantes brotavam os pepinos e os tomates, desabrochavam as flores e os frutos das árvores de caroço, e até a flor ornamental e bonita enfeitava no Inverno a habitação e o campo do agricultor.

Não se dedicou a cooperativa a produzir sómente flores, legumes e frutos temporãos. Abriu outros sectores de actividade, em ligação directa com a produção: armazenagem, embalagem, transporte, venda por grosso e a miudo, e passou a constituir um pequeno mundo de actividades sãs, onde se não vislumbrava já a luta cega pelo lucro, a disputa e o mau entendimento entre os homens. Era um outro ambiente, uma outra vida que contribuira na melhor ordem para o progresso da Jordania.

A' Cooperativa de Qalqidya seguiram-se outras. O exemplo é contagioso e convence. Em Dever Sherof, na zona de Masplonse, abriu-se uma cooperativa agrícola ou lagar de azeite, especializado na moagem da azeitona por processos modernos. Uma das suas prensas é accionada por electricidade, havendo no país apenas mais duas pelo mesmo sistema e que são propriedade do Governo de Amã.

Os *ateliers* de cinzeladores de nacar (madrepérola) em Betlem, são propriedade duma cocperativa que, além desta, possui ainda umas vinte fábricas, pequenas, onde trabalham uma centena de operários, dirigidos por vinte técnicos do ofício. O nácar vem da Austrália, em conchas. A película de nácar, a aproveitar, exige do operário um esforço delicado para a não romper, o que terá de ser evitado, dado o prejuízo que isso representaria. Corta-se em seguida, segundo a forma e o tamanho do objecto a produzir: jóias, incrustações, quadros, encadernações, etc.

A produção artesanal do nácar não é grande e destina-se quase toda aos Estados Unidos da América do Norte. O serviço é manual e o numero de pessoas que nele trabalha é reduzido. Contudo, o seu valor é considerável para a economia de um país que não é rico.

Outra cooperativa artesanal: a dos alfaiates de Amã, aos quais a instituição paga um ordenado mensal, acrescido duma percentagem proporcional ao trabalho produzido, serviço médico e farmacêutico, além doutras pequenas regalias.

Não fica por aqui a acção cooperativista no reino da Jordânia. As crianças das escolas associam-se também ao movimento cooperativo. É uma determinação inteligente que só aplicaram ainda os movimentos mais evoluídos. O meio escolar é, na verdade, óptimo para familiarizar a cooperação com os lares mais humildes, e para recrutar, no futuro, elementos válidos como sócios conscientes de qualquer modalidade da cooperação, e até dirigentes que sirvam as cooperativas e as orientem com conhecimento verdadeiro do que é ou deve ser o cooperativismo. Não se esqueceu, pois, a *Direcção do Desenvolvimento Cooperativo Jordano* de fazer das escolas um elo desta cadeia de auxílio mútuo. Constituiu, para este efeito, uma espécie de *mealheiros escolares*, administrados pelos alunos, aos quais inculca, por associação, o espírito de economia ou da boa aplicação do dinheiro de cada um e de todos.

Os alunos elegem um conselho composto de crianças com os seus 12 anos para administrar juntamente com um professor, pelo menos, os bens da sociedade, constituídos essencialmente por pequenas quantias que uns e outros foram juntando e depositando na *Caixa Escolar* ou *Mealheiro*, e cuja aplicação será resolvida pela assembleia dos sócios. Normalmente, a *União Central das Cooperativas* utiliza estas *migalhas* dos alunos das escolas para financiar empréstimos, que vencem juro, o que, falando uma linguagem que envolva princípios desinteressados, como são os das cooperativas, não é um aspecto muito simpático. Mas está de harmonia com a organização económica do país e desenvolve o espírito cooperativo da mocidade, o que é o objectivo principal dos govenos. A população compreendeu e aprovou este objectivo, esperando-se, assim, que no prazo máximo de 15 anos todas as escolas do país estejam associadas neste movimento cooperativo.

o abastecimento de água ao concelho de Cascais

Pelo Fundo do Desemprego, vai ser concedido á Câmara Municipal de Cascais, um subsídio reembolsável de sete mil contos, ao juro anual de dois por cento, destinado á obra de reforço do abastecimento de água no concelho.

ONTEM NO CAMPO PEQUENO O SOL DEMOROU A PÔR-SE

Foi um pôr-de-sol magnífico o que reuniu, ontem, na praça do Campo Pequeno, toureiros, jornalistas e aficionados. Num beberete á moda portuguesa, proporcionado pelas proverbiais qualidades de anfitrião que caracterizam Manuel dos Santos, o vinho tinto escorreu leve pelas gargantas, como auxiliar valioso na condução ao estômago dos saborosos lombinhos de porco.

A finalidade da reunião foi apresentar a sensacional corrida da TV, que, na quinta-feira, ás dez da noite, vai chamar á vetusta praça milhares de apaixonados da festa brava.

A iniciativa partiu da R. T. P., através da sua Casa de Pessoal, e da empresa do Campo Pequeno. Viam-se ali (á paisana, que o «traje de luces» é para quinta-feira) Manuel Conde, José Ataide, Varela Cid e José Azarujinha (que tomará a alternativa) e os matadores José Júlio, José Simões e Fernando Santos. O ganadeiro da próxima corrida: Cabral Ascensão.

O sol fez-se rogado e demorou a pôr-se. Queria estar também na festa, onde havia muitas caras conhecidas do pequeno «écran».

Ainda houve quem quisesse treinar-se nas lides da arena — não os toureiros, claro, que esses só na quinta-feira.

A EXPANSÃO DA BAYER

A Farbenfabriken Bayer AG, de Leverkusen, e a Kodak AG, de Stuttgart, acordaram na aquisição, pela Bayer, com efeitos a partir de 1 de Julho de 1968, da participação de 50 % na sociedade Faserwerke Hüls GmbH, de Marl — participação essa que até então pertencia á Kodak AG. A respectiva transferência foi efectuada com a concordância da Chemische Werke Hüls AG, de Marl, que detém os outros 50 % na Faserwerke Hüls. A Faserwerke Hüls é fabricante da conhecida fibra de poliéster «Vestan».

O 33.º Aniversário do Grupo «Os Misteriosos do Oriental»

Assinalando a passagem do 33.º aniversário da sua fundação, o Grupo Excursionista «Os Misteriosos do Oriental» oferece, no dia 4 de Agosto, um bodo a 33 pobres, durante uma sessão solene com início ás 10 e 30. Às 16 horas, haverá uma sessão de variedades na sede e, ás 20 e 30, o jantar comemorativo.

GAZCIDLA no seu bairro

ALECRIM

o Stand GAZCIDLA

é na Rua do Alecrim, 77 Telef. 535171-536961

No Stand Gazcidla do seu bairro você pode fazer os seus contratos requisitar a bilha Gazcidla pedir a deslocação rápida a sua casa do Assistente Técnico liquidar os seus débitos e comprar todo o material de queima de que precisa!

GAZCIDLA

uma chama viva onde quer que viva

COLÉGIO MODERNO

Rua de Malpique, 19 e 22 (ao Campo Grande)
LISBOA 4 — Tel. 77 50 38 — 76 12 39 — 77 50 72
Fundado em 1936 pelo Prof. JOÃO SOARES

INTERNATO ● SEMI-INTERNATO ● EXTERNATO

Sexo masculino — Instrução Primária, Curso Liceal e Complementar dos Liceus, Admissão às Escolas Superiores

Secção Infantil (para os dois sexos)

Curso Liceal Nocturno para Adultos

Abertas as matrículas. A Secretaria presta informações em todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 18 h.

AMPLIAÇÃO DO LAR-GRANJA DE LUÍS RODRIGUES EM MONTE DA CAPARICA

No sábado, ás 14 e 30, o Chefe do Estado preside á inauguração da ampliação do Lar-Granja Luís Rodrigues que, sob a égide da Santa Casa da Misericórdia de Almada e por subscrição publica, foi construído em Costas do Cão — Monte da Caparica.

IMPRENSA

«Comércio de Portimão»

Entrou no 43.º aniversário de publicação, em defesa dos interesses e dos valores do Algarve, o nosso prezado colega «Comércio de Portimão». Ao director, sr. Pedro Octávio Leal, e aos seus colaboradores apresentamos felicitações.

RECTÂNGULOS DA VIDA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

AS NOVÍSSIMAS AVENIDAS

Já não são novas as Avenidas Novas. Foram-no em tempos, no tempo delas, mas eram frágeis e ás vezes feias Gostavam de aparentar grandeza e os seus prédios eram altos, de paredes delgadas, e nos tectos, altos também, das salas e dos quartos, havia florões horrorosos que levavam dezenas de anos a perder pétalas de caliça Eu disse que ás vezes eram feias, mas só ás vezes, note-se. Poder-se-iam qualificar assim, por exemplo, as suas pequenas vivendas com gradeamento e quase cobertas de flores?

A verdade é que envelheceram demasiado depressa e por isso mesmo mal — o que são normalmente cem anos para uma casa? — e ficaram de repente senis e a ameaçar ruína, até dos senhorios porque as rendas eram na verdade baratas. Então as indemnizações, as mudanças com uns contos na carteira, a demolição impiedosa. E a pouco e pouco surgiram no mesmo local, com o mesmo nome, as outras avenidas, as novíssimas, num grande aparato de vidraças quase panoramicas e mármores cinzentos e rosados na entradas. E a da Republica, destruída-construída, onde já quase não há prédios «desse tempo», é a mais novíssima de todas.

Foi precisamente na Avenida da República que vi há algumas noites a «Louca de Chaillot», e dei comigo a pensar que uma louca assim teria muito com que se entreter nas demolições de Lisboa. E que *ali* ela estava na verdade como peixe na água, até porque ao que parece, paira uma ameaça sobre aquele palco onde há alguns anos se faz teatro sério. Isto pensei eu ao mesmo tempo que me alegrava por no subsolo desta nossa cidade não haver petróleo para o prospector. Se o houvesse, por pouco que fosse, já teria jorrado junto de qualquer picareta ou de qualquer escavadora, durante aquelas e outras demolições, nos buracos que tantas vezes há nas ruas — na própria Avenida da República —, nos túneis em construção do metropolitano. Enfim, em qualquer lado desta Lisboa sempre em obras.

Ora diga-nos...

— Gosta de corridas de automóveis ?

Depois de Vila Real foi Lisboa que teve as suas corridas de automóveis. Os desportos mecânicos estão em plena estação e a pergunta pode considerar-se fruta da época...

● — Não é coisa de que desgoste corridas de automóveis. Por acaso até gosto... E gosto especialmente de ver correr aquele... como se chama... Manuel dos Santos...

— ... esse é dos touros...

— ... é outro nome, não me lembro agora. Há dois anos assisti ao circuito de Monsanto. Foi quando ganhou um Ferrari. O corredor chamava-se Carlos Gaspar, se não me engano. Este ano, por minha vontade também tinha ido. Mas não pude. Não tinha companhia, nem transporte — tinha mas era outras coisas que fazer.

Assim falou o nosso primeiro entrevistado, sr. Amadeu Horácio da Silva Avelãs, empregado comercial e, como orgulhosamente nos declararia, sócio 45 500 e tal do Benfica.

● *O sr. Álvaro Manuel Colaço Silva, declarou-nos, por sua vez:*

— Gosto, embora não tenha tempo para assistir. Assim, ao natural, nunca vi nenhuma: só assisti a uns treinos em Lourenço Marques e na Beira, onde residi. De resto, só através da televisão e do cinema.

— ?

— É um desporto que exige do homem que conduz a máquina mais atenção e perícia que qualquer outro, pois é muito perigoso. É isso que mais aprecio no automobilismo.

● — Até sou condutor, faço uns ralizinhos — *declarou-nos o sr. António Cruz Rosa, motorista de um organismo corporativo.*

E prosseguiu:

— Até adoro as corridas de automóveis. E fui ver o circuito de Montes Claros. Por acaso assisti mesmo ao desastre do...

— ... José Baptista dos Santos...

— Exactamente. Uma pessoa fica sempre triste, quando há um acidente.

— O que o entusiasma mais no automobilismo?

— A velocidade. Quando posso vou sempre ver as corridas de automóveis.

Trabalha em França mas ficou sem o dinheiro em Portugal...

Há pessoas que são predestinadas, para a sorte ou para o azar, e que não lhes podem escapar, dêem as voltas que derem...

É o caso do português Óscar Flores dos Santos, que há alguns anos trabalha em França, donde mandou a uma pessoa de família, para que lha guardasse, a importancia de setenta contos.

Tendo conhecimento de que essa de etenta contos.emrveioa pessoa desaparecera, levando o dinheiro, veio a Lisboa, para tratar do caso. Mas em tão má hora que encontrou junto da Cervejaria Portugália, dois desconhecidos que meteram conversa com ele, acabando os três por se deliciarem com várias *imperiais*. A certa altura os dois disseram que tinham de ir entregar 40 contos ao Hospital de Santa Maria, mas que lhes faltava uma parte do dinheiro.

O nosso homem resolveu ir a casa buscar dez contos em notas de Portugal e francos franceses no valor de nove contos. É claro que, por artes de berliques e berloques, desapareceram o dinheiro e os dois burlões.

E o roubado não teve outro remédio, senão queixar-se ao guarda Alfredo Ferreira de Carvalho, da esquadra do Campo Grande, que teve de se limitar a fazer a respectiva participação...

Inspiração alfacinha para o «metro» carioca

Uma missão brasileira chegou a Lisboa para apreciar o funcionamento do metropolitano, no início de um estudo sobre a construção de idêntico meio de transporte no Rio de Janeiro. É constituída pelos generais Nilton Mendes Gonçalves e Dario Coelho e estará entre nós até sexta-feira.

Dizem os leitores...

AS GRAVATAS E OS EXAMES

Do nosso leitor sr. João da Silva Varges recebemos a seguinte carta comentando a «Nota do dia» em que, no passado dia 18, se referia o desuso crescente da gravata como um exemplo da queda dos símbolos:

«Li, como sempre o faço, a «Nota do dia» intitulada «Mais gravata, menos gravata». Cheguei ao fim com um sorriso nos lábios ao passar pela minha recordação um episódio ocorrido no Jardim Cinema, há uns oito anos, em que os miudos — maiores de 12 anos — que talvez só usassem gravata nessas ocasiões, iam entrando um por um, mas espaçadamente, aguardando que o companheiro que entrara lhes atirasse da varanda o tal «passaporte» de entrada.

Mas não era isto o fim desta carta... É que, enquanto sorria, os meus olhos detiveram-se na fotografia por cima da dita «Nota do Dia» e não deixei de exclamar: «Pobres estudantes! Ainda têm que entrar engravatados!»

Há oito anos eu também entrei, obedecendo á disposição afixada nas vitrinas do liceu. Mas há oito anos eu também não entrava nos cinemas de gravata e agora já entro!

Pobres estudantes, com tantos nós na garganta durante aqueles longos minutos de exame e ainda mais um: o nó da gravata, mesmo que seja com trinta á sombra e quarenta de nervos!

Desculpe, sr. director, mas já lá iam oito anos que eu não fazia uma redacção e hoje o tema inspirou-me. Espero que por este exercício não fique «chumbado»...

GENERAL FERNANDO E OLIVEIRA

Teve a gentileza de vir apresentar cumprimentos ao «Diário de Lisboa» o sr. general Fernando Marques e Oliveira, que recentemente deixou o comando-geral da P. S. P. e que no passado dia 16 tomou posse do cargo de comandante-geral da Legião Portuguesa.

Racionamento de água no concelho de Ílhavo

ÍLHAVO, 16 — Agrava-se o problema do abastecimento de água ao concelho, em face do crescente consumo daquele líquido feito pelos complexos industriais aqui instalados, o que levou os competentes serviços camarários a recorrer ao regime de racionamento.

O consumo subiu extraordinàriamente e as captações são as mesmas do início, pelo que o problema só pode ser resolvido com o auxílio das entidades superiores.

Entretanto, regista-se o precioso auxílio dispensado pelo Município de Aveiro, que tem cedido água das suas nascentes situadas neste concelho.

NOVA DEPENDÊNCIA DO BANCO FONSECAS & BURNAY

Foram ontem inauguradas as novas instalações da dependência da Avenida de Roma do Banco Fonsecas & Burnay, na presença de grande numero de clientes daquela instituição de crédito, de membros do respectivo conselho de administração e de outros corpos directivos.

Misto de bom-gosto e de utilidade funcional, as novas instalações foram construídas para substituir as que na mesma artéria funcionavam já há anos e que se tinham tornado exíguas devido ao aumento de operações.

Na nova Dependência será dentro de dias colocada mais uma unidade BANCOMAT, a qual não chegou a tempo de ser inaugurada na data da abetrura deste novo balcão.

Estas instalções estão ainda dotadas de cofres de aluguer apresentando-se por isso como uma das mais completas de Lisboa.

A administração daquele banco ofereceu um «cocktail» a todos os convidados para o acto inaugural.

Em sessão municipal do Porto foi aprovado um orçamento suplementar para este ano

PORTO, 16

Efectuou-se hoje a sessão mensal da Câmara Municipal, em que falaram os vereadores sr.ª D. Maria Francisca Pinto da Costa Leite de Sá Carneiro, drs. Rolando Van Zeller e Eduardo Plácido e professores Alberto Pereira dos Santos e Pereira Pinto, que se referiram ás obras municipais visitadas em Maio ultimo, e aos diversos acontecimentos das comemorações do 1100.º aniversário da Presuria de Portugale por Vimara Peres e ainda á permanência do relógio existente numa das torres da Sé do Porto. O presidente do Município, sr. dr. Nuno Pinheiro Torres, salientou todas as intervenções daqueles vereadores, fazendo algumas considerações e dizendo que o 2.º orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano do montante de 38 000 contos se destina á aplicação de dois empréstimos ultimamente conseguidos. O primeiro, no valor de 28 000 contos, cujas condições eram também objecto de outra proposta presente naquela reunião, era para ser utilizado na primeira fase da importantíssima obra de ampliação de abastecimento de água á cidade do Porto e concelhos limítrofes. O segundo, do montante de 10 000 contos, tinha como destinatário o Serviço Municipalizado de Gás e Electricidade.

Foram depois aprovados o segundo orçamento suplementar ao ordinário da Câmara Municipal para o ano corrente cuja receita importa em 38 000 contos e a despesa em igual quantia, empréstimo de 28 000 contos a contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência para ampliação do abastecimento de água á cidade e concelhos limítrofes, concessão da medalha de mérito-ouro á escritora Elaine Sanceau, inclusão de uma rubrica na tabela de taxas referente aos cabos subterrâneos condutores de energia eléctrica e o encerramento dos estabelecimentos comerciais de artigos de viagem e os de chapelaria, aos sábados, ás 13 horas.

A *TAP* — TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

LINHA PORTUGUESA AO SERVIÇO DE PORTUGAL

PRETENDE

Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras para chefiar os seus SERVIÇOS DE CONTABILIDADE, que reuna os seguintes requisitos:

- **que fale e escreva correntemente o francês e o inglês;**
- **que possua larga capacidade de organização;**
- **que esteja a par dos novos métodos de contabilidade;**
- **que já tenha cumprido os seus deveres militares.**

OFERECE

- **Vencimento compatível com as condições exigidas e responsabilidade inerente ás funções;**
- **Benefícios sociais;**
- **Salários diferidos;**
- **Prestígio, estabilidade e progressão.**

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente ás exigências postas.

INSCRIÇÕES NO SERVIÇO DO PESSOAL

RUA DO CONDE DE REDONDO, 79, 1.º, EM LISBOA

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RADIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Com a revista «Grande poeta é o povo» reabre no dia 6 de Setembro o Teatro Maria Vitória.*
- *São de Mário Alberto os figurinos e a montagem da nova revista do ABC. A coreografia é de José Manuel e as maquetes de Hernâni Lopes.*
- *O empresário José Miguel pensa mandar vir do Brasil seis manequins que apresentará na sua próxima revista.*
- *Ingressa no elenco do ABC o actor José de Castro.*
- *A actriz Laura Alves deve apresentar-se no teatro que tem o seu nome na próxima temporada de Inverno.*
- *O locutor José Castelo está a escrever uma comédia para o actor-empresário Raul Solnado, intitulada «Zé Pato».*

TRAIÇÃO

(VERSÃO INGLESA)

ADULTOS

O seu primeiro erro foi ter começado um romance de amor... o segundo foi trair a unica mulher que ele amou!

PETROS FISSOUN — ELLI FOTIOU e MANOS KATRAKIS

Hoje ESTREIA Às 21.30 no MONUMENTAL

AS ESTREIAS DE HOJE

No Alvalade

Título em português — «Batalha sem regresso».
Título original — «The Long Ride Home».
Produção — Americana.
Realização — Phil Karlson.
Intérpretes — Glenn Ford, George Hamilton, Inger Stevens e Paul Petersen.
Género — Aventura.
Distribuição — Columbia Filmes.
Classificação — 12 anos.

No Monumental

Título em português — «Traição».
Produção — Inglesa.
Intérpretes — Petros Fissoun, Elli Fontion e Manos Katrakis.
Género — Aventura.
Distribuição — Rivus.
Classificação — 17 anos.

Novo director-gerente da Universal Picture

ARTUR ABELES

Milton Rackmil, presidente da Universal Picture, acaba de anunciar a nomeação de Artur Abeles para director-gerente daquela grande companhia para a Europa Continental, Médio Oriente e Reino Unido.

Artur Abeles, com uma longa e brilhante carreira no negócio do cinema, terá grande autonomia nos territórios que lhe são atribuídos, dentro da política de descentralização das autoridades executivas nos quadros da companhia.

A Universal dá assim uma nova prova da extraordinária vitalidade que a vem animando nos últimos anos e que a tem guindado ás mais altas posições no panorama mundial do cinema.

«CORPOS E ALMAS»

— próxima sessão clássica do Império

Na sessão clássica do Império da próxima quarta-feira, ás 18 e 30, será exibida a película «Corpos e Almas», o filme em que se desvenda a vida dos médicos dos grandes hospitais.

«The Interns» conta a história dos médicos recém-formados, no seu ano de estágio num grande hospital, antes da sua admissão como assistentes, entre os médicos de renome entre as suas especialidades. O primeiro contacto com a vida, a doença, a dor e a morte são nele abordados dentro da maior diversidade de factos.

Duas vezes nos são mostradas cenas de excepcional interesse: a sequência, oportunamente conseguida, do parto por cesariana e a cena em que o dr. Arnold descreve o progresso da sua doença paralisante.

Um elenco notável, saído da nova vaga de artistas americanos, entre os quais se podem destacar Michael Callan, James McArthur, Cliff Robertson, Susy Parker e Haya Harareet, dignifica esta famosa película que o Império apresenta na sua sessão clássica.

HOJE, às 21.45 E APENAS DURANTE UMA SEMANA NO

ADULTOS SÃO LUIZ T. 327172

CARLOS AVILEZ APRESENTA

O TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS COM O PATROCÍNIO DA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

LOURDES NORBERTO • JOSÉ DE CASTRO

EM

O TEMPO E A IRA

de John Osborne — Trad do dr. Palla e Carmo

com MARIA DO CÉU GUERRA • CANTO E CASTRO • LUÍS SANTOS •

Encenação de Artur Ramos — Cenário de Paulo Guilherme

UM GRANDE ACONTECIMENTO QUE VAI ARREBATAR LISBOA!

Espectáculo subsidiado pelo FUNDO DE TEATRO, FUNDO DE TURISMO e FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Esta peça foi gentilmente cedida pelo TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

VASCO MORGADO apresenta

RAUL SOLNADO

EM

AR CONDICIONADO TELF 53 85 86 TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de lisboa

Oh, que delícia de COISA

ADULTOS

Hoje 2 sessões ás 21 e ás 23 h.

DISPARATE CÓMICO de GILA encenado por CARLOS AVILEZ com Ana Paula • Fernanda Borsatti • Henriqueta Maya • Barroso Lopes • Luis Filipe • Carlos Queiroz e ainda Fialho Gouveia

Um livro actual

MORTE DE UM PRESIDENTE

O ASSASSÍNIO DE KENNEDY

por William Manchester

LIVRARIA BERTRAND

O RESTAURANTE «A LAREIRA»

comunica aos seus estimados Clientes de que já tem AR CONDICIONADO.

AGUARDENTE VELHA Nieport a prova esta na prova

NOTÁVEL REPOSIÇÃO EM LOUVOR DA MEMÓRIA DE UM TALENTO RARO

O SAUDOSO ACTOR

JOÃO VILLARET

na sua maior criação no cinema nacional

EXCLUSIVO IMPERIAL FILMES

ADULTOS

ENCARNANDO A FIGURA DE UMA «RAPOSA DO CRIME» DEVOTADA A DESVENDAR UM DENSO MISTÉRIO...

GRANDE ELENCO COM PAOLA BÁRBARA, CARMEN DOLORES, MADALENA SOTTO e RIBEIRINHO

Realização de LADISLAU VAJDA

3 ESPELHOS

UM FADO ADMIRÁVEL POR MARIA CLARA

UMA NOITE DE HOMENAGEM QUE DEVE MERECER O APLAUSO DO PÚBLICO!

AMANHÃ ODEON

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MOMENTO DESPORTIVO — **Fialho Gouveia foi o entrevistador. Um mérito: o esforço que se notou trabalhado para evitar os embaraçosos pontos mortos. Pois é, é assim mesmo: o melhor improviso vem a ser aquele que se prepara com a devida antecedência.**

Quatro foram as modalidades na berlinda: actividades submarinas (com uma área exagerada na rubrica, inexplicàvelmente: 12 minutos. Foi de perder o folego!) futebol, ciclismo e atletismo.

Da submarinagem falaram António Modesto, presidente da Federação («há 18 clubes federados») e o campeão nacional Carlos Manafaia. Tema principal da conversa: «o congresso mundial da medicina do mergulho». Muito instrutivo, mas.

Do futebol, Ângelo Martins treinador dos infantis e juvenis do Benfica. Nada adiantou á entrevista que, há pouco ainda, deu á Televisão, nos estudios do Porto, vai treinar o Salgueiros, mas deixa o coração á massa associativa do Benfica D. Pedro também deixou o coração á mui leal e invicta cidade do Porto. Donde se prova que o coração por herança é, entre nós, uma constante histórica.

O atletismo presente em força em quantidade e qualidade. Frente a frente, os treinadores do Sporting e do Benfica, Moniz Pereira e Matos Fernandes.

Já não é a primeira vez que vemos os dois reputados técnicos em idêntica situação. Agora também não aproveitaram a presença diante de centenas de milhar de telespectadores para falar atletismo sério. O Sporting talvez não perca mas o Benfica há-de ganhar porque, embora o Sporting talvez não perca porque. Clubismo, muito; atletismo, nenhum.

Não. Assim, não. Não se deve contar anedotas ao pé do cadáver. É de muito maaaau gosto.

E já agora, permitam-me que sublinhe um pormenor insignificante.

Matos Fernandes falou da possibilidade de os seus atletas se encontrarem «au point». Durante o teledesporto de sábado ultimo, também Fernando Pires desejava que os jovens nadadores estivessem «au point».

A língua portuguesa continua a não ter na televisão portuguesa a protecção indispensável. Entrevistados e entrevistadores não podem referir-se a marcas comerciais ou produtos — mas podem utilizar á vontade expressões estrangeiras, enquadrá-las, desnecessàriamente, no linguajar comum. Então como é?

Desculpem ter referido o pormenor, insignificante a tal ponto. A língua portuguesa, que importancia tem isso?

GRANDE POETA É O POVO — A falta de sal e de poesia foi, mais do que nunca a nota dominante da sessão de ontem. Também, quem fala aqui de poesia? As quadras são, no concurso, mero pretexto para se descobrirem as rimas e ter-se, deste modo, a possibilidade de se ganhar, ou de se perder, uns pataquinhos que bom arranjo fazem, ai não, nos tempos que vão correndo!

Ao menos não metessem nisso quem nenhuma culpa tem, o povo. Rimas? É o que mais há, no mundo. Fazia, quem quisesse, umas quadrinhas e pronto. Porque, na maioria das quadras apresentadas ontem, não era preciso chamar o povo para as fazer:

Cantigas são pataratas
Eu, por mim, não digo isso.
Muitas vezes em cantigas
é que se arranja o derriço.

Quem vê neste subproduto literário o dedo do povo? ou neste:

Você diz que me quer bem,
que me traz dentro do peito.
Isso sim, não acredito
quem quer bem, tem outro jeito.

Ou então neste:

Quem ao alto quer subir
sem ter forças naturais
nas baixas vem a cair
por não poder subir mais

Ou neste ainda:

Se quereis, rosa, ser rosa
fugi do cravo, fugi.
No tempo em que eu era rosa
por um cravo me perdi.

Tamanha falta de qualidade poética já não admira, tão habituados estamos a ela, ao longo do concurso. Quanto ao mais, tudo na mesma: Artur Agostinho incapaz

(Continua na página seguinte)

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 55: «Noite de Teatro»**

Na sua rubrica «Noite de Teatro», a R. T. P. apresenta hoje a peça da autoria de Jorge Tristão, intitulada «O Carnaval da Vida», que será interpretada pelos artistas Pedro Lemos, Joaquim Rosa, Manuela Cassola, Hortense Luz, António Sacramento, Elvira Velez, Bettencourt Ataíde, Ana Paula e Pereira Saraiva.

A realização pertence a Ruy Ferrão.

TV FOGUETE — Telefones: 835299 831223
Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

Recintos de diversões

O «ballet» português «Linda Rosa Show» está agora em Espanha, no «Señorial» de Madrid, comandando um desfile de atracções internacionais em que também figuram a dupla acrobática «Nelly and Gino», o conjunto «Los Flamencos», a orquestra latino-americana de Rafael Talens, a parelha de baile moderno «Rosário & Roberto e a cançonetista inglesa Leila.

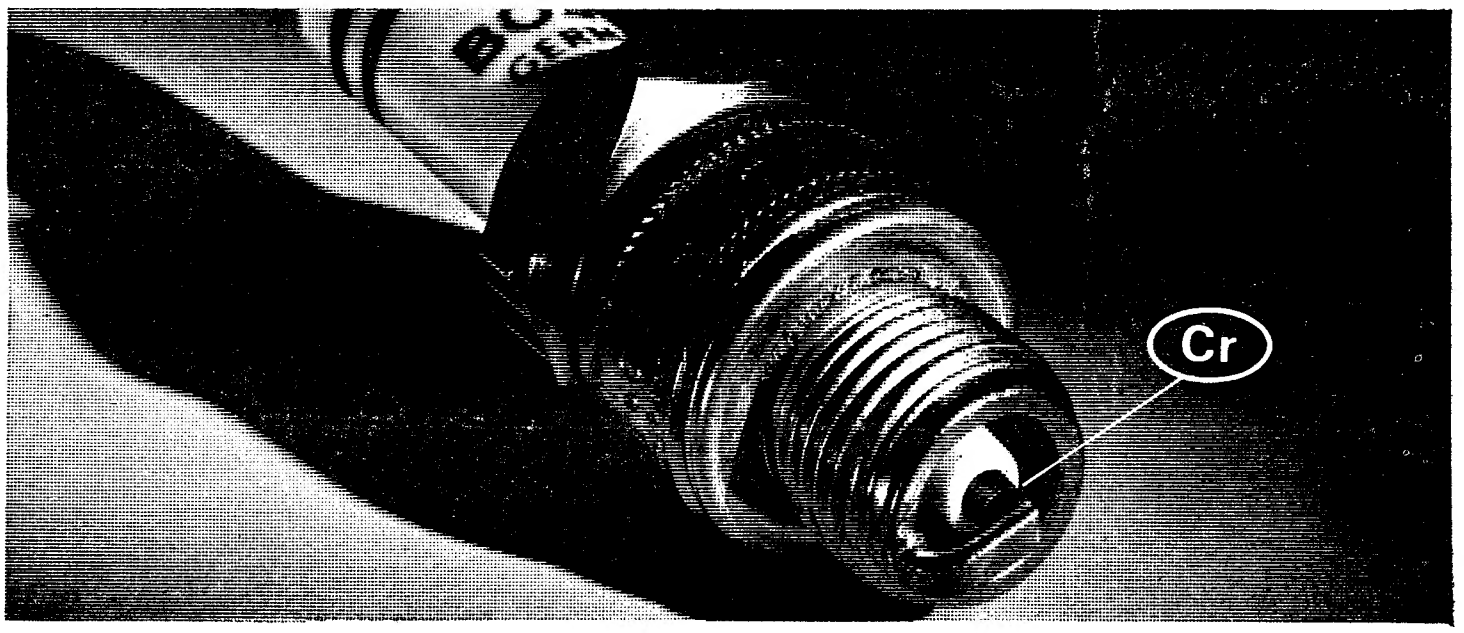
* A artista Lina Maria Alves gravou recentemente um disco acompanhada pela orquestra de Ferrer Trindade.
* Os artistas Maria da Fé e Francisco Martinho devem apresentar-se dentro de dias num programa da TV.
* O artista Joaquim Cordeiro reaparece no próximo dia 21 em Monchique.
* Parte dentro de dias para o estrangeiro o artista Sérgio proprietário da Viela.
* Está confirmada a ida de sua ao Austrália do artista Fernando Farinha.

«BRASÍLIA-SHOW» TRIUNFA EM BARCELONA

O conhecido agrupamento brasileiro «Brasília-Show», composto pelos artistas Euridice, Tania, Edison, Frederico e Fernando e que actuou com êxito em vários teatros da nossa capital, está presentemente a fazer grande sucesso em Barcelona no New York Club, juntamente com Cocinella, uma artista também muito conhecida do público português.

LATINA

De novo Bosch marca o progresso



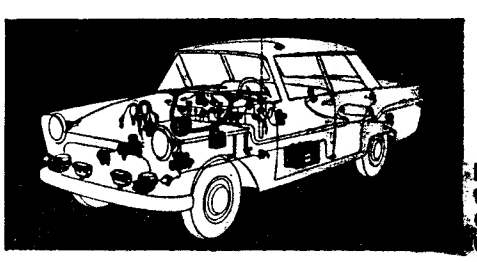
Muito mais motor para o seu carro

BOSCH revoluciona o sistema de velas de ignição com o novo eléctrodo Cr.
Os técnicos chamam-lhe a «cura de rejuvenescimento» para os motores.
O motivo é este: produzindo faíscas muito mais fortes, tornam mais pronto, mais regular e fácil o trabalho do motor.
Experimente as novas velas Bosch!

...E escolha a vela adequada
De que maneira?
Confie nos técnicos de Robert Bosch.
O progresso da criação de velas tem desde 1897 a marca Bosch.
Especialista mundial no fabrico de velas de ignição, Bosch estudou rigorosamente e produz o tipo de vela especial para as características e exigências de cada tipo de motor.

Sirva-se desta experiência do mais alto nível técnico e científico. Veja as nossas tabelas e escolha, sem dificuldade, o tipo da vela Bosch feita de propósito para o seu carro.

Deste modo obterá sempre: maior duração • maior rendimento • maior aceleração.



Para mais pormenores, consulte, as tabelas técnicas Bosch ou envie a Robert Bosch (Portugal), Lda., Av. António Augusto de Aguiar, 32-Lisboa, o cupão anexo, indicando [illegible] e morada

BOSCH [illegible] automóvel

cupão I
Queiram indicar-me o tipo de vela aconselhado para o meu carro.
Marca .....
Modelo .....

velas BOSCH
thermo-elastic

«A FLOR DO CACTO» NA PROVÍNCIA

A magnífica comédia de «boulevard», original de Barillet & Gredy, «A Flor do Cacto», continua a segunda fase de «tournée», esgotando as lotações onde quer que se apresente. Laura Alves, em mais uma interpretação excepcional, é a protagonista muito bem coadjuvada por Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Angela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa. Hoje, «A Flor do Cacto» representa-se em Monmor-o-Novo e amanhã no Teatro António Pinheiro, em Tavira. A partir de sexta-feira volta a Lisboa para o Teatro Variedades.

TV DIA A DIA

(Continuação da página anterior)

de dar alma a quem não a tem, Maria Fernanda, como o fogo de artifício, a aparecer no fim da festa. Tem de ser. O concurso sem a rábula das bolinhas nem tinha graça nenhuma...

Ontem, afinal de contas, ao contrário do que tenho estado a insinuar, houve um «caso». Vale a pena contar: determinado concorrente foi desclassificado porque enviou uma quadra com três versos iguais a uma quadra de Silva Tavares.

Era esta a quadra original:

Já te paguei por amor
muito mais do que devia:
vê lá, se fazes favor
de me dar a demasia.

Era esta a quadra do concorrente:

Já te paguei por amor
muito mais do que devia.
É pequena a vida inteira
pra me dares a demasia.

«OS «DOSSIERS» DA AGÊNCIA O» — Permitam-me ainda que volte ao problema do «au point» dos senhores desportistas, a propósito dos «dossiers» desta rubrica policial. Ai esta nossa atracção pela língua francesa, por vezes de tradução impossível, como se prova!

Volto a pedir que me desculpem esta mania de sublinhar pormenores insignificantes. Agora o que principalmente me traz aqui é a necessidade de chamar a atenção para uma rubrica que vai apenas, se não erro, no seu segundo episódio.

Há quem aprecie no género policial o quanto mais terror, melhor. Um bom garguete bem apertado, uma boa punhaladazinha entre as espaduas, uma corda maviosamente passada pela garganta, o veneno ping-ping no copo de água descuidado, ah, isso é que sim!

Esses não apreciarão uma série como «Os «dossiers» da Agência O». Aqui, os aspectos superficiais da boca aberta e olho esgazeado foram abolidos. Em substituição, uma ironia que lima as arestas mais agudas e um problema que solicita a aplicação, a inteligência, o «faro» do telespectador.

Vale a pena passar quarenta minutos descontraídos diante do televisor com um problema assim, sem problemas. Isto é um facto insólito nos anais da criminologia das séries da televisão. Aproveitem. — M. C.

No CARTAXO o «DIARIO DE LISBOA» está á venda na CASA PEDRO ALVES SUC., RUA DO BATALHOZ.

Sr. ESPECTADOR:

A nossa missão é procurar bons filmes, novos espectáculos, que o distraiam, que o façam esquecer o quotidiano insípido...

ENCONTRÁMOS...

O ANALISTA DO PRESIDENTE
(THE PRESIDENT'S ANALYST)

que preenche 100% esses objectivos.

Um filme produzido por STANLEY RUBIN
Realizado por THEODORE J. FLICKER.
HOWARD W. KOCH produtor associado,

com JAMES COBURN

em que se comentam, sorrindo, tantas tolices, tantas vaidades, tantos ridículos...

COM GODFREY CAMBRIDGE · SEVERN DARDEN · APRESENTANDO JOAN DELANEY

PANAVISION TECHNICOLOR (ADULTOS)

É UM FILME PARAMOUNT

UM FILME FÓRA DE SÉRIE!
CONTUNDENTE!
IRÓNICO!

AMANHÃ ESTREIA no IMPERIO

Odiando-se, dois homens lutaram quatro longos anos...
Uma mulher sofreu por isso durante 12 longos minutos

COLUMBIA FILMS apresenta

BATALHA SEM REGRESSO

"The Long Ride Home"

com GLENN FORD · GEORGE HAMILTON · INGER STEVENS · PAUL PETERSEN
e TODD ARMSTRONG MAX BAER

ARGUMENTO DE HALSTED WELLES · DA NOVELA DE NELSON · MÚSICA COMPOSTA E DIRIGIDA POR SHIRLEY WOLFORD · MUNDELL LOWE

PRODUÇÃO DE HARRY JOE BROWN · REALIZAÇÃO DE PHIL KARLSON

MAIORES DE 12 ANOS

PANAVISION · EASTMANCOLOR

HOJE, ESTREIA às 21.45 ALVALADE

REGRESSO DE UM ÊXITO...

A PARTIR DE 6.ª-FEIRA (ADULTOS)

NO TEATRO VARIEDADES

PARA COMEMORAR 1 ANO CONSECUTIVO DE REPRESENTAÇÕES

APENAS ALGUNS DIAS

O 1.º ESPECTÁCULO DE 6.ª-FEIRA ÀS 21.45 H. É OFERECIDO POR VASCO MORGADO AO SEU EX.MO PÚBLICO, SENDO OS BILHETES DISTRIBUÍDOS GRATUITAMENTE (1 POR PESSOA) A PARTIR DAS 18 H. DE 6.ª-FEIRA NAS BILHETEIRAS DO VARIEDADES. — COMEMORANDO ASSIM TÃO GRANDE SUCESSO.

UM EXITO! 4.ª SEMANA

20TH CENTURY-FOX

BOM CINEMA E PALPITANTE ESPECTÁCULO!

O FILME MAIS PREMIADO NAS ÚLTIMAS COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS!

MAIS VIVIDO DO QUE REPRESENTADO, É DURO, CRUEL, ROMÂNTICO E SATÍRICO COMO A VIDA DOS PRÓPRIOS CIGANOS!

Um filme de ALEKSANDAR PETROVIC

ATÉ ENCONTREI CIGANOS FELIZES

Com BEKIM FEHMIU - OLIVERA VUCO - BATA ZIVOJINOVIC EASTMANCOLOR ADULTOS

estúdio 444
15.30 e 21.45
AR CONDICIONADO

DUAS REPOSIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO — «Moulin Rouge» (1952).
REALIZAÇÃO — John Huston.
INTÉRPRETES — José Ferrer, Colette Marchand, Zsa Zsa Gabor.

A época em que viveu Toulouse-Lautrec (o filme passa-se entre 1890 e 1900) adquiriu para nós um valor mítico: ela figura uma certa irresponsabilidade, uma certa alegria de viver, alguma superficialidade a par de uma imensa despreocupação, e uma entrega reservada, sempre moralmente tolerável, á irreverência e ao prazer. Simultâneamente distante e próxima (ela está nos nossos avós, mas está *no que eles não são*), esta época aparece-nos como o modelo decadente e fulgurante de uma certa futilidade eufórica que a grande guerra viria definitivamente pôr em causa.

Ora suponho que um dos motivos do êxito do filme de Huston é certamente esta recuperação exemplar do *valor mítico* dum determinado período histórico. E reside aí o que de melhor há em toda a obra, nessa reconstrução de uma atmosfera, duma cor, dum espaço e dum movimento característicos duma sensibilidade fortemente datada. A música de Auric, por exemplo, quem a não conhece? A ela se deve em grande parte o sucesso do filme. Mas acima de tudo, merece-nos o maior apreço a qualidade da fotografia, e ainda o apuramento da cor, que, numa graduação subtil de diversos matizes, assume uma *função expressiva* muitíssimo importante ao longo de todo o filme.

Mas outros dois factores devem ainda ter contribuido para a consagração de *Moulin Rouge*. Em primeiro lugar, a proeza de José Ferrer, que não só restitui a configuração física do grande pintor, como interpreta o seu drama com indiscutível inteligência. Por outro lado, o filme apresenta um outro aspecto que o público sempre acolhe com simpatia: assistimos á génese da obra de Toulouse-Lautrec, á transposição da vida para o traço, do real para a mancha de cor que alastra na tela. E se este ponto é talvez tratado com certa ingenuidade, não temos dúvidas de que Huston, ao dar-nos esta versão algo simplista da criação estética, foi ao encontro das concepções ideológicas correntes sobre o trabalho artístico.

Apresentados todos estes aspectos positivos, que justificam plenamene o grande prestígio de *Moulin Rouge*, digamos que o mito da época contaminou o filme, e este vale-se excessivamente disso mesmo. Estamos longe de uma obra-prima, e o próprio Huston assinou produções de muito melhor qualidade. Porque esta biografia de Toulouse-Lautrec, apresentada com todos os elementos necessários para a tornarem aliciante, não deixa contudo de ser uma *biografia magazinesca*, e os cordelinhos sentimentais do argumento atingem por vezes o insuportável. A sequência final (com as figuras nítidas do «Moulin Rouge» a invadirem imaginàriamente, na transparência da imagem, o quarto do moribundo é com certeza deplorável. Ela documenta, no entanto, que Huston, abordando o mito, deixou-se enredar numa das suas mais frequentes solicitações: o lugar-comum. E algumas figuras, algumas cenas e alguns pormenores (sem falar nos diálogos) são isso memo.

Assinale-se a interpretação notável de Colette Marchand no papel de Marie Charlet.

EDUARDO PRADO COELHO

• NO CONDES

TÍTULO — «Os Campeões de Oxford» («A Chump at Oxford»).
REALIZADOR — Alfred Goulding, 1940.
INTÉRPRETES — Stanley Laurel, Oliver Hardy, Forrester Harvey, Wilfred Lucas, etc.

1. Raymonde Borde e Charles Perrin dedicaram um volume (1) ao estudo do humor de dois dos mais importantes cómicos do cinema americano que formam seguramente a dupla de maior importância na história do cinema: Stanley Laurel e Oliver Hardy (em Portugal, simplesmente *(Bucha e Estica)*. Desse estudo, extraímos os seguintes parágrafos que, em certa medida, podem servir de introdução ao nosso comentário a *Os Campeões de Oxford:*

— «*O seu estilo cómico é a arte da catástrofe calculada, da maturidade dos efeitos cómicos. Eles introduziram no burlesco, voluntàriamente, tempos mortos que criam no espectador uma impaciência e uma tensão que se libertam de um único golpe. Como no amor em que o prazer é maior se for demorado, o riso é retido um instante na garganta.*» e mais adiante: «*Lauren e Hardy não são ternos nem compassivos eles não apelam para a emoção, nem sequer têm pena. Conservam uma dignidade real.*»

2. Como no amor: a explosão violenta sucede ao clima que progressivamente se vai criando e intensificando. Como no amor, o riso frenético adivinha-se para além de um tempo de pausa. Sabe-se que ele surgirá. Pressente-se a sua presença. Como no amor o espasmo final assinala a sua existência futura desde que o jogo principia. Laurel e Hardy transportam para o cinema as regras de um convívio que se prolonga por uma noite de humor. Como no amor, o descanso que intercala (e sobre que repousam) os «gags» nada mais significa do que a preparação de uma nova situação. Como no amor incansàvelmente, até ao esgotamento, o mesmo será dizer até á saciedade. Provisória... como no amor.

3. Stan e Oliver procuram trabalho numa cidade americana. Numa agência de colocação sabem da existência de um emprego único. Simplesmente há exigências: um casal de criados. Obedecendo ao prescrito Laurel faz-se passar por cozinheira, enquanto Hardy fica no *serviço de fora*. E o banquete principia, numa casa burguesa e requintada. Adivinha-se a catástrofe e nada desfaz as previsões: o tumulto entra de jacto nessa casa de grande compostura e dignidade. Resultado: Bucha e Estica encontram-se a varrer ruas no dia seguinte. À hora de almoço, sentam-se nos degraus de porta de um banco e meditam na sua ignorância: *Ah, se soubessem ler e escrever! Como deveria ser bom ter instrução!*... Eis senão quando lhes sai um ladrão de dentro do banco e escorrega numa casca de banana. Resultado: prisão de mediante e recompensa para a dupla: uma viagem até Oxford. Aí chegados tornam-se motivo de gaiola dos colegas que lhes preparam as piores partidas... Nada mais adiantamos. Como no amor: o prazer não se descrve: usufrui-se. O mesmo para Lauren e Hardy.

4. Com uma primeira parte simplesmente sensacional e sequências de antologia exemplos: o jantar em casa dos novos patrões, o labirinto do jardim de Oxford, a ocupação do gabinete do reitor da universidade), *Os Campeões de Oxford* pertence já ao período de declínio desta dupla notável, é ainda assim, um bom exemplo de uma época riquíssima do burlesco americano. Por isso, daqui avisamos: meninos novos e velhos não percam a mocidade. Todos aos *Campeões de Oxford:* humor (ou amor?) para todas as idades.

5. Como no amor: o prazer que se renova ou a saciedade como limite simplesmente provisório. O amor (como o humor) não se esgota. Repete-se. Refaz-se. Por isso ficamos á espera de novas películas de Bucha e Estica, Irmãos Marx, Pamplinas, Harold Lloyd, Charlot e de todos os maiores. Aqui fica o pedido, á consideração de Filmes Castello Lopes.

(1) Lauren & Hardy, *de Richard Bord e Charles Perrin. Col.* Premier Plan, *n.º 38. Sobre o mesmo tema pode ainda consultar-se o volume da colecção* Cinema d'Aujourd'hui, *n.º 25:* Keaton e C.ª (Les Burlesques American du Muet), *da autoria de Jean-Pierre Coursodon.*

LAURO ANTONIO

John Huston: filmografia

Nasceu em Nevada (Estados Unidos) a 5 de Agosto de 1906. Filho do actor Walter Huston. Dirigiu os filmes: 1941, «The Maltese Falcon» (O Falcão de Malta); *1942, «In This Our Life». 1943, «Across the Pacific»* (Rumo ao Pacífico); *«Report from the Aleutians», 1944, «The Battle of San Pietro»; «Let There Be Light. 1947, The Treasure of the Sierra Madre»* (O Tesouro da Sierra Madre) *1948, «Key Largo». 1949, «We Were Strangers». 1950, «Asphalt Jungle»* (Quando a cidade Dorme). *1951, «The Red Badge of Courage»* (Sob a Bandeira da Coragem); *«The African Queen»* (A Rainha Africana). *1952, «Moulin Rouge»* (Moulin Rouge). *1954: «Beat the Devil». 1955: «Moby Dick»* (Moby Dick). *1956, «Heaven Knows Mr. Allison»* (O Demónio e a Carne). 1958, «The Barbarian and the Geisha» (O Bárbaro e a Gueixa). *1959, «The Roots of Heaven»* (As Raízes do Céu). *1960, «The Unforgiven»* (O Passado não Perdoa). *1961, «The Misfits»* (Os Inadaptados). *1962, «Freud, the Secret Passion»* (Freud, Para Além da Alma). *1963, «This List of Adrian Messenger»* (As Cinco Caras do Assassino) *1964, «Night of the Iguane»* (A Noite de Iguana). *1965, «The Bible»* (A Bíblia). *1966, «Casino Royal»* (Casino Royal) *1967, «Reflections in a Golden Eye».*

«Moulin Rouge», aquando da sua estreia em Los Angeles, foi boicotado pela American Legion que pretendeu assim cortar a carreira a Huston e Ferrer pelas suas atitudes antimaccarthistas manifestadas nos anos anteriores.

GERARD SOTTO: VIAGEM AO ULTRAMAR

Gerard Sotto, o cançonetista francês que se radicou em Portugal, esteve agora no seu País a apresentar, na televisão parisiense, um programa de melodias portuguesas, que culminou com a interpretação do poema «Ce que chantent les portugais», da autoria do próprio artista.

No regresso, Gerard prepara-se para cumprir contrato no Casino da Figueira da Foz (durante dez dias, a partir de 18 do corrente) após o que tomará o rumo de Angola. Luanda marcará o início de uma digressão que se prolongará a Moçambique e Guiné.

GERARD SOTTO

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **Anunciam de Madrid que Aurora Bautista é a vedeta do filme de Miguel Picazo «Homenagem a Adriana», segundo um argumento do realizador e de Lopez Yubero.**

■ **Em Dobbiaco (Itália), onde chegou vinda de Cortina d'Ampezzo, a equipa do filme «Os Amantes» dirigida por Vittorio de Sica, iniciou a filmagem de algumas cenas no aeroporto militar. Esta produção de Carlo Ponti é realizada quase completamente nos Dolomitas.**

■ **A partir de 22 do corrente, o realizador Stuart Rosenberg e o produtor Gordon Carroll iniciam as rodagens, em Nova York, de uma comédia romantica, intitulada «The April Fools» («Os Peixes de Abril»). É o primeiro filme norte-americano interpretado pela actriz francesa Catherine Leneuve, a qual contracena com Jack Lemmon.**

■ **O cançonetista italiano Adriano Celentano é a vedeta do próximo filme do realizador Pietro Germi, intitulado «Serafino». Trata-se da história de um jovem pastor que, depois de ter emigrado para a cidade, resolve regressar, desiludido, á sua montanha e aos seus rebanhos.**

■ **«Quatre Jours», um filme franco-canadiano dirigido por Pierre Granier-Deferre, começa este mês a ser rodado em Montreal. A película é extraída de um livro de James Buell e interpretada por Anthony Perkins e Paul Meurisse.**

■ **A novela «Sangue e Arena», de Vicente Blasco Ibanez, volta a ser transplantada para o cinema, em cor e cinerama, rodada na praça da «Maestranza», de Sevilha, e nas zonas próximas, por uma empresa britanica. São protagonistas Steve McQueen, Jane Fonda e Virna Lisi, esperando-se que esta nova produção supere em muito a que foi realizada por norte-americanos há mais de vinte anos, já em filme colorido.**

VOLKSWAGEN

* OFICINAS
* ESTAÇÃO DE SERVIÇO
* PEÇAS LEGÍTIMAS

às suas ordens
no novo AGENTE DISTRITAL

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.

Rua da Escola Politécnica, 259/271
telefs. 683145/6, 689260

FÉRIAS EM PORTUGAL

Na presença do nosso director e do sr. José Pesquinha da Silva, representante do Governo Civil de Lisboa, a sr.ª D. Judite Catana, também do Governo Civil, abre um dos armários das colecções, que estava selado

(Continuação da 1.ª página)

cia?) quando o nosso amigo Augusto de Oliveira, da administração do «Diário de Lisboa», começou a desengasgar com voz trémula, depois de deixar cair duas bolas, os algarismos da colecção vencedora. Primeiro um 0, a seguir um 2, um 4, um 5 (emoção na sala), finalmente um 1. O número, conhecido por extracção mecânica, vinha à luz do dia de trás para diante, pormenor que o diligente (e justamente estafado, apesar do sorriso) Francisco Ramos, também da nossa Administração, já explicara à assistência:

— Começa por sair pelo buraco o número das unidades, depois o das dezenas, o das centenas, o dos milhares e o das dezenas de milhar.

Como eloquência não há mais completo. Um público de olhar suspenso ficou assustadoramente elucidado.

Entretanto, a mesa da presidência estava ocupada pelo nosso director, sr. dr. António Pedro Ruella Ramos, que dava a direita ao sr. José Pesquinha da Silva e a esquerda à sr.ª D. Judite Catana, delegados do Governo Civil e velhos amigos — mau grado a juventude — do «Diário de Lisboa», perfeitos conhecedores da mecânica do concurso e até da sala, onde já haviam prèviamente sofrido longas horas de tortura fiscalizadora.

Foi então, isto é, logo antes de o Oliveira anunciar o sensacional zero do fim do número, que um dos assistentes, sr. António Vaz Garcia, disse da sua justiça:

— *Está bem, está bem... Mas olhem que eu venho buscar o automóvel! É só disso que preciso.*

Puxando do cachimbo, atacou-o de bom tabaco holandês (ah, aquela fumarada...) e acrescentou:

— *Concorri eu e concorreu a minha mulher. Queremos ambos o carro. Se não puder ser, saiam então umas férias na Figueira da Foz ou na Póvoa de Varzim. Está a rir?* (Isto era com o repórter.) *Pois olhe, eu sou de Abrantes e a minha mulher de Lisboa. Não escolhemos mal as férias, pois não?*

Inquieto, Francisco Ramos cilindrou-o do meio da mesa da extracção. Tinha umas palavras a dizer. E disse. Toda a gente ouviu, uns mais que outros, claro, e o sr. Garcia deu-se por satisfeito: «ora essa, o carro é para mim!»

Mas não foi. Guardado estava o «N. S. U. 1200 C» para quem há-de ir buscá-lo daqui a dias ao *stand* da Lusolanda. Guardado para o sr. Luís Barradas, que nem sequer se lembrava (como confessou mais tarde) da data do sorteio...

Um bebé com os pais

Explicar o ambiente de um sorteio destes é difícil. Aparecem amigos de vários sítios e profissões, uns porque têm a certeza de levar directamente para casa o *seu* prémio, outros porque já sabem que os prémios não são para eles (diz-se). Todos com os nervos em franja. «E se...?» «Já tem acontecido...» «Figas, figas, o melhor é tapar os olhos!»

Desta vez houve, também, um episódio de ternura. O bebé chamava-se Paula Cristina, tinha nove meses incompletos e fez as delícias de quem andou com ele (aliás *ela*) ao colo.

— *Ora* — contou o pai — *trouxe a Paulinha porque estou de folga.*

A Paulinha bateu as palmas, disse adeus, não se esqueceu de fazer beicinho. Quanto ao carro, estava guardado para o sr. Luís Barradas, manipulador de ouro.

Um sr. Barradas que não havia meio de responder aos sucessivos apelos da redacção do «Diário de Lisboa». A gente a telefonar, a mandar recados por intermédio da Pastelaria Pão-de-Açúcar, e a casa do vencedor muda como um penedo de cimento-armado! Mas a história completa vem mais á frente.

Digamos que os prémios seguintes vieram... a seguir. O 2.º para Lisboa, o 3.º para a Amadora e o 4.º para Estremoz. As tantas já se sabia: o 4.º classificado era um rapazinho alentejano, empregado de café, e vão lá achá-lo... É o achas!

— *Oh!* (exclamação longa ao telefone) *Isso está para o «monte». Hoje não trabalha na cidade. Quando souber, cai para o lado...*

22 mil colecções

O grande problema viria a ser o dos trabalhos forçados ao serviço do concurso — tira bolas, diz números, abre o armário, desencaixota as colecções do milhar correspondente, corta o fio, procura a colecção, fosse, diz:

— *É o 6188!*

Quinto prémio para Cascais.

— *É o 6032!*

Sexto prémio para Lisboa.

Ao todo, e por sinal bem arrumadinhas, mais de 22 mil colecções, que davam cá um peso... O sr. Garcia aflitíssimo (calmo por fora), a ver quando lhe soletravam o nome:

— *An-tó-ni-o-Vaz-Gar-cia!*

Nada. Para o sr. Garcia nada. Só se for no Totobola, pensavam os parceiros.

E até final foi este desbobinar de números, nomes e terras. Incluindo as identidades dos suplentes para o 2.º, 3.º e 4.º prémios, que substituirão os actuais efectivos se estes não puderem ir (por ordem decrescente) a Lourenço Marques, Luanda e Funchal. Quem gostar de estatísticas fica a saber que os 19 prémios do sorteio geral calharam em Lisboa (9), Dafundo, Amadora, Paço de Arcos, Cascais, Barreiro, Vila Real, Seia, Monforte, Estremoz e Faro. Quer dizer: a Grande Lisboa e a Outra Banda fizeram uma autêntica razia, arrebatando 14 prémios. Curiosidade adicional: 11 premiados vivem em centros turísticos escolhidos para «Férias em Portugal».

Mas há mais. Contra o que se palpitava, só uma senhora entrou na repartição dos quatro prémios grandes, embora mais sete apareçam entre o 5.º e o 19.º lugares. Duas dessas senhoras vivem em Lisboa, na Avenida João Crisóstomo, uma no 15 e outra no 12: conhecer-se-ão? Repare-se ainda que o 3.º prémio coube ao n.º 12 715, e o seu suplente é o n.º 12 713. Número mais alto: 21 961, (8.º prémio). Mais baixo: 1407 (16.º prémio).

Ah, é verdade. O vencedor queria ir passar férias a Aveiro. Paciência, damos-lhe um «N. S. U.» para esquecer.

O sr. Garcia abre as portas de Viana

Por fim, servido com boa estratégia um óptimo vinho do Porto, procedeu-se á extracção (manual) dos prémios do sorteio especial, que levarão 20 leitores×2 a duas dezenas de excelentes «terras de férias». Eram 8 e pico da noite, e o sr. Garcia fez questão de *tirar* o prémio de Viana do Castelo, que não foi para ele.

As 22 colecções implicadas no apuramento do sorteio geral já não figuravam nas respectivas caixas. Sempre era um alivio. Mas até á última gota (de concurso e de vinho do Porto) *niente* para o sr. Garcia.

— *Ó senhor Garcia, que grande falta de azar!*

— *Pois. Vim sem carro e vou sem carro. Há lá direito?*

Apertou-nos a mão. Só não sabemos onde passará as férias, para as quais desejamos a mesma boa disposição com que ontem, ás 9 e um quarto da noite, assistiu ao derradeiro suspiro do nosso concurso.

O PRIMEIRO PRÉMIO PARA UM OURIVES DE LISBOA

«QUASE NÃO CONSIGO TER-ME DE PÉ»

— REACÇÃO DO SR. LUÍS BARRADAS AO SABER QUE TINHA GANHO

Proprietário de uma ourivesaria, o sr. Luís Barradas não contava ganhar o quer que fosse. É o grande vencedor de «Férias em Portugal»

— O mais importante agora é conseguir ter-me de pé!

Estas palavras, proferidas pelo sr. Luís Joaquim Campos Barradas, pouco depois de saber que tinha ganho o primeiro prémio geral do nosso concurso, mostram bem o nervosismo que dele se apoderou perante a notícia sensacional e inesperada que lhe levámos.

Leitor do «Diário de Lisboa» há muitos anos já, o sr. Luís Joaquim Campos Barradas dirige uma ourivesaria na Rua do Ouro, 195 *(Almeida & Silva, Ld.ª)*, que pertence á sua família desde há perto de vinte anos. Com 44 anos de idade, sua vida é pacata: do estabelecimento para casa, de casa para o estabelecimento.

— *Nunca pensei em comprar automóvel. Não se me pôs nunca o problema, nunca senti grande necessidade de ter carro...*

— *Mas agora?*

— *Ah, sim, agora, vou aproveitar. E, no fim de contas, um carro é sempre necessário, quanto mais não seja para uns passeios ao domingo.*

Foi difícil apanhar o sr. Luís Campos Barradas. Tentámos, primeiro, telefonar para sua casa, mas não conseguimos obter ligação. Dirigimo-nos então a própria residência, na Avenida Guerra Junqueiro, 2, 5.º, onde fomos recebidos (gentilmente) pela sr.ª D. Dagmar Campos de Almeida e Silva, mãe do premiado, que não escondeu o seu contentamento. Foi esta senhora quem telefonou para a ourivesaria e disse ao filho:

— *Não saias daí por enquanto, que vão duas pessoas falar contigo. É uma notícia agradável, mas não te posso dizer mais nada.*

Quando comunicámos ao sr. Barradas o que se passava, este nem queria acreditar.

— *Bem vê, é a primeira vez que isto me sucede. Nunca tive sorte. Só uma ocasião é que me saíram 100$00 na lotaria. Também é verdade que, nas ultimas semanas, tenho tido sempre terminações no jogo. Posso dizer que é um período de sorte que estou a atravessar...*

Um problema (que não o chega a ser) se levanta agora ao sr. Luís Barradas: tem de tirar carta de condução. Outro problema: escolher a pessoa que o acompanhará na viagem de trinta dias á volta do País, com todas as respesas pagas. Este também está resolvido.

— *A minha mãe ou a minha irmã me acompanharão.*

Um pormenor curioso: o sr. Barradas, que não prescinde da leitura diária do nosso jornal, não sabia que se realizava ontem o sorteio. De facto, não liga muita importancia aos concursos e não lera, por isso, o que escreveramos acerca do epílogo de «Férias em Portugal». Ele e sua irmã haviam concorrido, cada um com a sua colecção, mas não esperavam ganhar.

Não obstante, a sorte quis, desta vez, amparar o sr. Luís Barradas. Esperemos apenas que esta primeira visita da fortuna não seja a ultima nem a unica. Pela nossa parte, prometemos: mais oportunidades virão.

Resta desejar ao primeiro contemplado do nosso concurso (que a todos os níveis constituiu um espectacular êxito) umas «Férias em Portugal» muito felizes.

«Foi a minha costureira!»

— diz a premiada com a viagem a Lourenço Marques (onde talvez não possa ir)

O segundo prémio do sorteio geral (15 dias de férias em Lourenço Marques para duas pessoas, com viagens asseguradas pela TAP) ficou em Lisboa, mas há fortes presunções de que possa atravessar o Tejo. A premiada, sr.ª D. Maria Pinheiro, leitora de longa data do «Diário de Lisboa», encontra-se com a saude abalada e certamente não aproveitará a viagem. Nesse caso os benefícios reverterão para o suplente do segundo prémio, sr. Manuel Seabra Nascimento, da Costa da Caparica.

— *Eu até, para falar verdade, nem concorri* — disse-nos a sr.ª D. Maria Pinheiro. — *Foi a minha costureira, a Ana Josefa, quem se deu ao trabalho de recortar os cupões e mandar tudo para o «Diário de Lisboa». Depois, coitada, pôs o meu nome no boletim e escolheu um local de férias á sua maneira — Cascais...*

D. Maria Pinheiro lê o «Diário de Lisboa» com muita atenção. Conhece quase todos os redactores pelo nome e pela fotografia («já sei, o senhor é fulano!»), e surpreendeu-nos ao abordar em pormenor o regulamento do concurso.

A costureira Ana Josefa não estava. Teve um palpite, imagine-se, e agora vem o vento e sopra tudo pela janela. Só se a dona da casa fosse... Talvez então lhe desse boa companhia.

Mas não. A sr.ª D. Maria Pinheiro não se sente com forças para a viagem. Ainda há dias viu coisas tão bonitas de Lourenço Marques na televisão... Paciência, paciência.

Paciência também para uma costureira que joga todas as semanas no totobola com o dinheiro (e o nome) da nossa leitora de tantos anos. Há palpites que começam na Rua de Sant'Ana à Lapa e podem acabar, por um golpe de mágica, na Praceta Holbeche Castelo Branco, Costa da Caparica.

QUEM SÃO OS PREMIADOS

Prémios do sorteio geral

1.º PRÉMIO — Um automóvel «N. S. U. 1200 C» e uma viagem de 30 dias para duas pessoas através do País, segundo o itinerário da conhecido: colecção n.º 15420, sr. Luís Joaquim Campos Barradas, Av. Guerra Junqueiro, 2, 5.º, Lisboa.

2.º PRÉMIO — Duas viagens aéreas a Lourenço Marques por intermédio da T. A. P. e estadia de 15 dias para duas pessoas na capital de Moçambique: n.º 10878, sr.ª D. Maria Pinheiro, Rua de Sant'Ana á Lapa, 15, 1.º, Lisboa.

(SUPLENTE — N.º 1944, sr. Manuel Seabra Nascimento, Praceta Holbeche Castelo Branco, 14, Costa da Caparica).

3.º PRÉMIO — Duas viagens aéreas a Luanda por intermédio da T. A. P. e estadia de 15 dias para duas pessoas na capital de Angola: n.º 12715, sr. Armando Jacinto Botelho, Rua Sete de Junho, 47, 2.º, dir., Amadora.

(SUPLENTE — N.º 12713, sr. Jaime Luís Cabrita dos Reis, Av. Padre Himalaia, 11, 3.º esq., Damaia).

4.º PRÉMIO — Duas viagens aéreas ao Funchal por intermédio da T. A. P. e estadia de 15 dias para duas pessoas na capital da ilha da Madeira: n.º 9746, sr. Amaro José Nunes Fonseca, a/c Café Alentejano, Estremoz.

(SUPLENTE — N.º 18232, sr.ª D. Ana Isabel de Monte e Freitas Vieira Ivo Cruz, Rua Francisco de Holanda, 2, 3.º, esq., Lisboa).

5.º PRÉMIO — Uma estadia completa de 5 dias para duas pessoas no Hotel Dom Carlos, de Lisboa: n.º 6188, sr. António Maria Saraiva Loureiro, Rua João das Regras, 17, 1.º, Cascais).

6.º PRÉMIO — Uma estadia completa de 5 dias para duas pessoas no Hotel das Arcadas, do Estoril: n.º 6032, sr.ª D. Ester da Silva Matos Correia, Rua Primeiro de Maio, 22, Casa 10, dir., Lisboa.

7.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de S. Teotónio, Valença do Minho: n.º 3929, sr.ª D. Isménia Clarisse Catraia Carvalho, Rua Pereira Palha, 8, 3.º, esq., Dafundo.

8.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de S. Gonçalo, Amarante: n.º 21961, sr. José Inácio Soares, Rua B, 39, Bairro da Liberdade, Lisboa.

9.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada do Serém, Águeda: n.º 3068, sr.ª D. Maria Teresa R. Alface Canoa, Rua M. Costa Pinto, Monforte.

10.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada da Ria, Torreira: n.º 9323, sr. Luís Augusto da Silva, Rua Nova, 34, Vila Real.

11.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de S. Lourenço, Serra da Estrela: n.º 15569, sr.ª D. Maria Carmina Tavares da Silva V. Meirinho, Avenida João Crisóstomo, 12, 4.º, esq., Lisboa.

12.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de Óbidos: n.º 4267, sr. Manuel da Silva Lopes Cardoso, Rua E, 2.º Lote, 435, 7.º, letra D, Olivais-Sul, Lisboa.

13.ª PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de Elvas: n.º 13531, sr. Amandio Gomes Vieira Bastos, Rua da Madalena, 21, Faro.

14.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de Santiago de Cacém: n.º 19061, sr. António Pedro A. Andrade, Rua Gourgel do Amaral, 7, 3.º, Lisboa.

15.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de S. Gens, Serpa: n.º 20742, sr.ª D. Maria Laura da Costa Maria, Av. Marquês de Pombal, 5, 1.º, Paço de Arcos.

16.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de S. Brás de Alportel: n.º 1407, sr.ª D. Rogélia Patrício Rodrigues, Travessa D. Vasco, 35, 1.º, esq., Lisboa.

17.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de Eagres: n.º 8867, sr. Rui Francisco Bravo, Av. Alfredo da Silva, 24-A, 2.º, esq., Barreiro.

18.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada dos Lóios, Évora: n.º 13986, sr.ª D. Maria do Carmo P. de Lacerda Pinto de Lima Dias Costa, Av. João Crisóstomo, 15, 1.º, esq., Lisboa.

19.º PRÉMIO — Um fim-de-semana na Pousada de S. Martinho do Porto: n.º 10430, sr. Manuel Mendes Simões de Melo, Seia.

Os concorrentes premiados com os quatro primeiros prémios têm ainda um seguro de viagem com o capital unitário de 500 contos, por intermédio da Companhia de Seguros Tranquilidade.

Prémios do sorteio especial

VIANA DO CASTELO
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: D. Maria Isabel C. C. S. Vasconcelos Carvalho, Rua de Moçambique, 130, Lisboa.**

BRAGA
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. José Diogo Ribeiro, Rua Marcos Portugal, 81, r/c, Lisboa.**

GUIMARÃES
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Augusto Navalho, Rua Garcia da Orta, 59, 3.º, Lisboa.**

ESPOSENDE
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Vasco Torres Graça dos Santos, Rua das Madres, 18, 3.º, Lisboa.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Ofir: sr. Aníbal de Albuquerque Trindade, Quinta da Manteiga, Camarate.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Ofir: sr. Jorge de Mello Pereira Conceição, Rua António Patrício 22, 3.º, Esq.º Lisboa.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Ofir: sr. Manuel Matias Ribeiro, Avenida Bocage, 48, 3.º, Dir.º, Barreiro.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Pinhal: D. Maria Goretti Santiago de Carvalho Vaz, Rua 9 de Abril, 11-A, 1.º, esq.º, S. Pedro do Estoril.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Pinhal: D. Maria Gonçalves Simões, Rua Pio XII, 16, 2.º esq.º, Amadora.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Pinhal: sr. José Lopes Ribeiro, Rua da Paz, 6, 3.º Viseu.**

PÓVOA DE VARZIM
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Joaquim F. Nunes Maia, Rua Pascoal de Melo, 85, Lisboa.**

PORTO
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: D. Maria Eugénia Oliveira Pestana Leão de Almeida Gonçalves, Rua Bartolomeu de Gusmão, 11, 1.º dir.º, Rio de Mouro.**
- **Estadia de 3 dias para duas pessoas no Hotel Infante de Sagres: sr. José Neves de Jesus, Rua Mestre de Avis, 3, 1.º, esq.º Oeiras.**
- **Estadia de 3 dias para duas pessoas no Hotel Infante de Sagres: D. Maria Fernanda F. M. S. Martins, Calçadinha das Olarias, 1, 1.º, (Olivais), Lisboa.**

MATOSINHOS
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Amadeu de Almeida Colaço, Campo da Republica, 3, Peniche.**

ESPINHO
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: D. Emília Manuela Rodrigues Viegas, Travessa de S. Sebastião, 26 3.º, dir.º Lisboa.**

AVEIRO
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Amílcar Marques da Cruz, Tábua.**

COIMBRA
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: menino João Carlos Leandro da Silva, Rua Projectada á Travessa do Guarda Jóias, 2, 2.º dir., Lisboa.**

FIGUEIRA DA FOZ
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas sr. Sérgio dos Santos Chaves, Rua General Justiniano Padrel, 4 6.º esq.º, Lisboa.**

NAZARÉ
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Alberto Milheiro, Rua Dr. Alves da Veiga, 105, 1.º, Porto.**

ERICEIRA
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: D. Maria da Conceição Trigo Santos, Largo da Feira, 55, Vidigueira.**

SINTRA
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. João Augusto de Oliveira Goulão, Avenida 5 de Outubro, 70, Lamego.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas na Estalagem da Raposa: sr. Joaquim Lalanda Roseiro Boavida, Rua dos Chões, 12, Castelo Branco.**

CASCAIS
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: D. Judite Ribeiro Polónio, Santar, Beira Alta.**

ESTORIL
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Jorge Bizarro, Rua Maria Pia, 355, 2.º dir., Lisboa.**
- **Estadia de 3 dias para duas pessoas na Estalagem Belveder: sr. António de Carvalho, Rua Leão de Oliveira, 10, 5.º dir., Lisboa.**

LISBOA
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Fernando de Lima Dinis Coelho, Rua do Tourinho, 4, Viana do Castelo.**
- **Um fim-de-semana para duas pessoas no Hotel Tivoli: sr. José Maria de Almeida, S. João da Pesqueira.**

SESIMBRA
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. Daniel Gonçalves Rodrigues, Rua de Macau, 5, 1.º esq., Olival Basto.**

ÉVORA
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: sr. António L. S. Amaral, Travessa do Cabral, 32, 3.º, Lisboa.**

FARO
- **Estadia de 15 dias para duas pessoas: D. Isabel Santos, Rua General Alves Roçadas, 11, Sintra.**

O sr. António Vaz Garcia no momento em que retirava da caixa a colecção premiada com 15 dias de férias em Viana do Castelo. «Venho buscar o carro!» Afinal a sorte esqueceu-o

UM PREMIADO DE 18 ANOS NO MONTE DE MARIA DONA

Amaro José Nunes Fonseca, 18 anos, empregado de mesa do Café Alentejano, em Estremoz, vive no Monte de Maria Dona, aos Arcos, e não tem tido sorte nenhuma ao totobola. Lembrou-se então de participar no nosso concurso «Férias em Portugal», já que é leitor do «Diário de Lisboa» e a coisa parecia fácil. Resultado: um quarto prémio no sorteio geral, uma bela viagem á ilha da Madeira (pela TAP) com estadia de 15 dias no Funchal, e tudo, mas tudo, para duas pessoas!

— *Não estou em mim* — disse uma voz ao telefone. — *Ontem era o meu dia de folga, de modo que só soube á noite, «na do meu tio», essa coisa do prémio.*

— *Mas vai ao Funchal.*

— *Não houvera de ir, ora essa! Só ainda não escolhi a pessoa que me acompanha.*

O pai trabalha nas pedreiras do Mouro, perto de Borba, a mãe é jornaleira. Amaro Fonseca queria, por junto, vir a Lisboa, e foi isso que indicou no boletim identificador. Tem um tio nos quadros da C. P. Pronto, eis a história.

Agora, como um homem nunca está livre de surpresas...

— *Funchal, hem? É bem bom. Ai vou, pois! Não houvera de ir?*

Uma viagem a Luanda e o filho engenheiro
— dois motivos para a alegria do sr. Armando Botelho

— *Isso deve ser brincadeira com certeza* — foi esta a primeira reacção da sr.ª D. Maria de Jesus Ferreira Botelho, moradora na Amadora, na Rua 7 de Junho, 47, 2.º, direito, ao saber, pelo telefone, que seu marido fora contemplado com o terceiro prémio do sorteio geral do concurso do «Diário de Lisboa».

Uma viagem a Luanda, num avião da TAP, e estadia de 15 dias num dos melhores hotéis da cidade, com todas as despesas pagas, não são, porém, brincadeira nenhuma. Esta a razão por que o sr. Armando Jacinto Botelho, de 49 anos, empregado há 26 no Grémio dos Armazenistas de Mercearia, teve de deixar passar uns momentos antes de nos poder responder, com um sorriso amplo na face:

— *Sinto-me radiante, até porque é a primeira vez que tenho um prémio num concurso. Apesar de já ter participado em vários, nunca me saíra nada.*

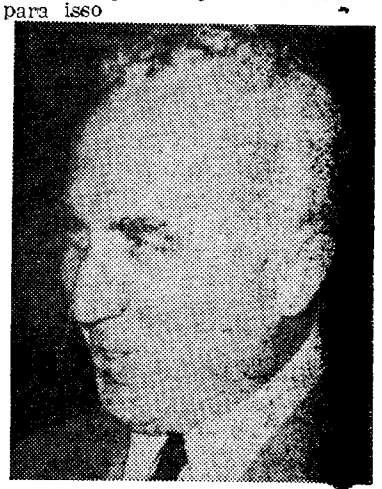
Mas há outro motivo que faz o sr. Armando Botelho sentir-se radiante. O filho, Carlos Alberto Ferreira Botelho, um simpático jovem, aluno brilhahnte, deve passar a ser hoje o sr. eng.º Carlos Botelho.

— *Está a ver, é uma dupla prenda: no mesmo dia em que o meu filho faz o ultimo exame do seu curso de engenharia, tenho uma notícia destas...*

E um motivo existe para nós ficarmos também, pela nossa vez, radiantes. É que o sr. Armando Botelho é um leitor recente do nosso jornal:

— *Comecei a ler o «Diário de Lisboa», há alguns meses, quando da renovação por que passou. Posso agora dizer que em boa hora o fiz...*

Deixámos o sr. Botelho já a pensar nos problemas que tem de resolver para realizar a viagem, com sua esposa ou com o filho, se aquela não o puder acompanhar. Em Luanda, onde nunca esteve e através dos magníficos aviões dos TAP, de que também nunca se serviu, pois nunca andou de avião, aquele nosso leitor vai, assim, passar o inesquecível meio mês de férias. O «Diário de Lisboa» sente-se muito satisfeito por ter podido contribuir para isso



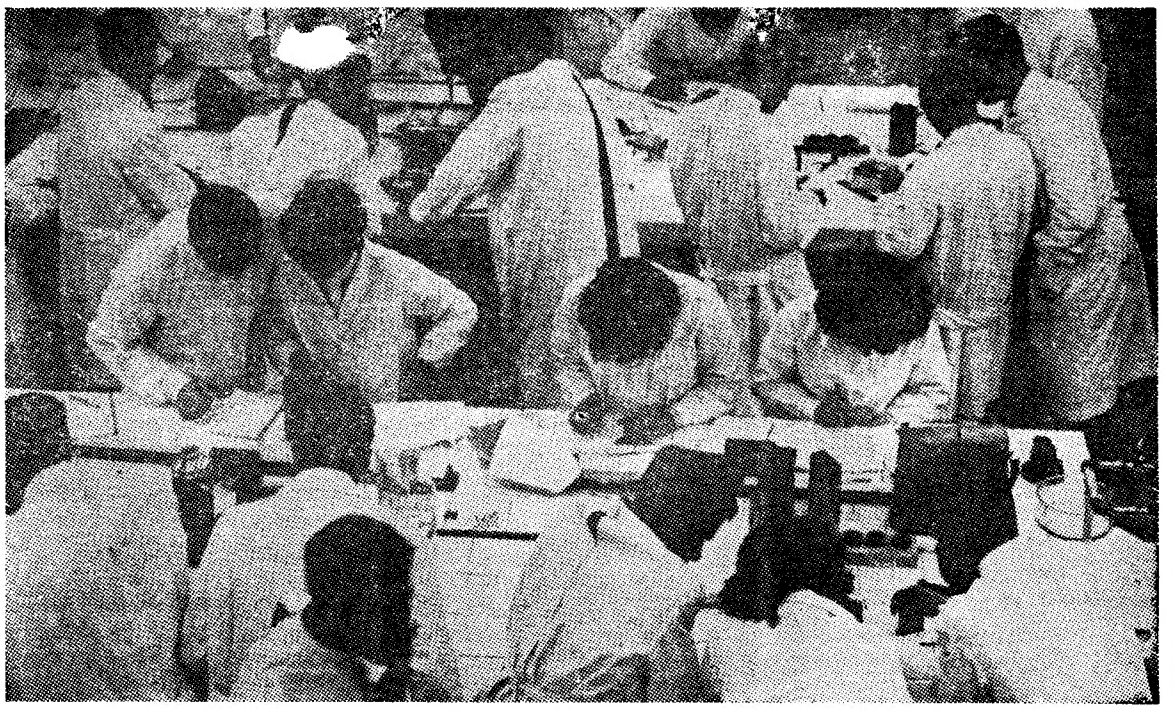
O sr. Armando Botelho, premiado com férias em Luanda para duas pessoas, renova hoje a sua satisfação: é o dia de formatura do filho

CERTOS ASPECTOS DA FORMAÇÃO DE BIOFÍSICOS

por VICTOR K. VRANSKY

A BIOFÍSICA é uma ciência biológica relativamente nova, cujo desenvolvimento tem sido extremamente rápido no decorrer dos últimos anos. Trata-se de uma ciência que procede a uma análise física de estruturas biológicas elementares, das funções e das relações de organismos vivos, formando assim com a bioquímica e a fisioquímica a base de todas as ciências da vida.

Na situação actual do desenvolvimento das ciências da vida é evidente que a maior parte dos problemas biológicos não pode ser estudada de maneira aprofundada sem um conhecimento suficiente dos seus aspectos biológicos. Assim, por exemplo, o conhecimento da estrutura e da forma das moléculas de numerosos biopolímeros poderia ser consideràvelmente aumentado por uma análise radiológica das estruturas; o nosso conhecimento actual das funções dos músculos e da sua contracção não poderia ter sido conseguido sem estudos biofísicos.

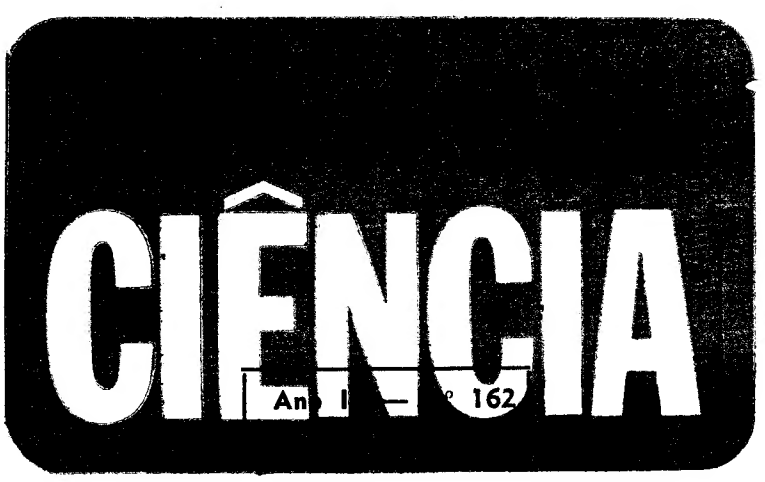


Trabalhos práticos na Faculdade de Ciências da Universidade de Salamanca

Porque a biofísica é uma ciência relativamente nova, não existem ainda tradições e métodos largamente aceitados para a formação dos seus especialistas. A necessidade de tais especialistas aumenta, contudo, ràpidamente em numerosos países e o problema da formação é o objecto de uma atenção cada vez maior.

Em certos países, como os Estados Unidos, a U. R. S. S., a R. D. A. e a Hungria, foram já tomadas disposições tendo em vista essa formação. Em certos outros países tais disposições estão actualmente em curso de preparação e desenvolvimento; mas, na maior parte dos países nada foi feito até aqui. Porém, se uma acção urgente não for empreendida num maior numero de países, poderemos contar com dificuldades muito reais num futuro próximo, se desejarmos ver a biofísica tomar lugar entre as outras ciências da vida. Isto exercerá, por sua vez, um efeito prejudicial sobre essas outras ciências.

Até agora, realizaram-se numerosos debates num plano internacional sobre a formação de biofísicos; podemos citar, a título de exemplo, a Conferência Internacional de Biofísica que se realizou em Leopzif em Dezembro de 1963 e em Outubro de 1965. Mas, dada a importancia e a urgência deste problema, seria muito util que tivesse lugar uma discussão mais larga entre os especialistas das diferentes ciências ligadas duma maneira ou de outra á biofísica.



A principal dificuldade em resolver este problema da formação, provém do facto de a biofísica cobrir um domínio situado entre dois grandes grupos de ciências, cujas características são ainda muito diferentes no actual estado de desenvolvimento. Dum lado encontram-se os complexos das ciências da vida e, do outro, os das ciências físicas e matemáticas. O biólogo muito conhecido, A. Szent-Gyoryi, disse a este respeito, há anos: «Existe uma diferença fundamental entre a física e a biologia. A física é a ciência das probabilidades. Quando um fenómeno segue 999 vezes uma via e uma unica vez uma outra via, o físico não hesitará em chamar á primeira a via. A biologia é a ciência do improvável e penso que, em princípio, o corpo trabalha com reacções estatisticamente improváveis. Se o metabolismo se estabelecesse sobre uma série de reacções prováveis e termodinâmicamente espontâneas, nós consumir-nos-íamos e a máquina pararia como um relógio privado dos seus organismos de regulação... No organismo vivo são possíveis reacções que podem parecer impossíveis ou, pelo menos, improváveis para o físico.»

A necessidade de combinar diferentes aspectos

O biofísico deve ser, portanto, um especialista capaz de resolver problemas biológicos pela aplicação de princípios físicos, isto é, de procurar vias prováveis para fenómenos improváveis da vida. Deve saber combinar o aspecto biológico e o aspecto físico, quer dizer, saber como ligar duas maneiras diferentes de pensar sobre um mesmo problema, como combinar uma apreciação qualitativa e uma avaliação quantitativa.

Com o desenvolvimento futuro, as ciências da vida aproximar-se-ão, sem dúvida, de maneira contínua, das ciências exactas. Mas, trata-se de um processo longo e lento, no qual os biofísicos terão que enfrentar muitas dificuldades.

É evidente que o biofísico será mais fàcilmente capaz de combinar os dois tipos de concepções se os seus conhecimentos não se limitarem a ser aprofundados em ciências biológicas e físicas mas também nas ciências vizinhas. Contudo, estas ciências são tão vastas, que não é humanamente possível dominar uma tão grande quantidade de saber. Na verdade, a biofísica não é a única ciência limitada. Mas as ciências limitadas que se desenvolvem entre duas ou várias ciências com o mesmo carácter exacto ou descritivo estão melhor colocadas que aquelas que, tais como a biofísica ou a bioquímica, se desenvolvem entre ciências de diferentes naturezas e de concepções diferentes.

Biofísicos com uma estrita especialização

Uma especialização estrita em biofísica pode atingir-se de duas maneiras: primeiro, de acordo com os domínios das ciências naturais clássicas — a física, a biologia, a medicina, as ciências veterinárias, a zootécnica, a agricultura, etc.; ou, em segundo lugar, de acordo com os domínios da biofísica — a electrobiologia, a bioenergética, a biofísica das radiações, a biofísica molecular, a biofísica dos vírus, ou a construção muscular, etc....

Dadas as possibilidades existentes de ensino, a primeira via seria a mais fácil. Tais especialistas poderiam ser formados a partir dos diplomados em ciências naturais, escolhendo jovens com interesse pronunciado em biofísica. Para a sua formação será preciso alargar e completar os conhecimentos que possuem com a ajuda dos de outros domínios necessários à compreensão dos problemas principais do domínio biofísico considerado. Este ensino pós-universitário não deverá, porém, ser concebido para transformar físicos ou matemáticos em biólogos ou inversamente. O programa de formação pós-universitária de especialistas, partindo de diplomados em ciências naturais deverá portanto ser preparado com grande cuidado. Como o número de tais especialistas de que a beofísica tem actualmente necessidade é relativamente pequeno, não há vantagem em organizar uma formação sistemática para estes em numerosas instituições de ensino superior. Uma das dificuldades reside no facto de um pequeno número de estudantes, especializando-se em vários domínios separados, obrigar ao ensino simultâneo de um número demasiado grande de diferentes ciências. Esta forma de ensino não poderá, portanto, conseguir-se senão com a cooperação de universidades de um ou vários países.

Tais especialistas dedicar-se-iam, depois, à investigação científica, nomeadamente, à que tivesse um carácter complexo. A equipa mais simples para uma tal investigação seria constituída por dois especialistas, um estando orientado para a física e o outro para a biologia, ambos efectuando o seu trabalho no mesmo domínio da biofísica. Muitas vezes, o carácter próprio dos problemas estudados exigirá equipas muito maiores.

Biofísicos com uma especialização mais vasta

Os biofísicos com uma especialização mais larga são requeridos mais vezes, porque podem trabalhar em mais do que um domínio da biofísica. Tais especialistas devem formar-se a partir de diplomados em ciências. Claro que, como a sua especialização é mais vasta, será menor a variedade dos programas de formação. Dada a maior necessidade destes especialistas, teria vantagem organizar a sua formação de maneira sistemática em diferentes universidades ou grupos de universidades num ou vários países.

Biofísicos sem especialização

Os biofísicos desta categoria poderão ser formados mais ràpidamente instituindo cursos directos de biofísica, como existem já ou estão em preparação num certo número de universidades. Estes cursos existem, actualmente, sobretudo em três espécies de disciplinas: biologia, medicina e física, se bem que possam ser instituídos em outras disciplinas tais como a ciência veterinária, a zootécnica, a agronomia, a química e as matemáticas.

Os estudos de biofísica requerem oito ou nove semestres. Dado o grande número de ciências implicadas nestes cursos — física, matemática, química, biologia, medicina e outras — é necessário reduzir o volume da maior parte destas.

Coordenação e colaboração

Se bem que o sistema de formação adoptado dependa, em grande medida, das condições locais, seria útil que pudessem ser realizadas uma certa coordenação internacional e uma normalização dos programas de formação. Dado o número relativamente pouco elevado de estudantes em biofísica, em cada país, seria interessante que os manuais, após tradução, fossem utilizados em mais de um país. Além disso, a normalização da formação contribuirá para a colaboração a todos os níveis nesta ciência relativamente nova. A Organização Internacional de Biofísica pura e aplicada (IOPAB) poderia ajudar consideràvelmente à realização de uma tal coordenação internacional e de uma tal colaboração no domínio da Biofísica.

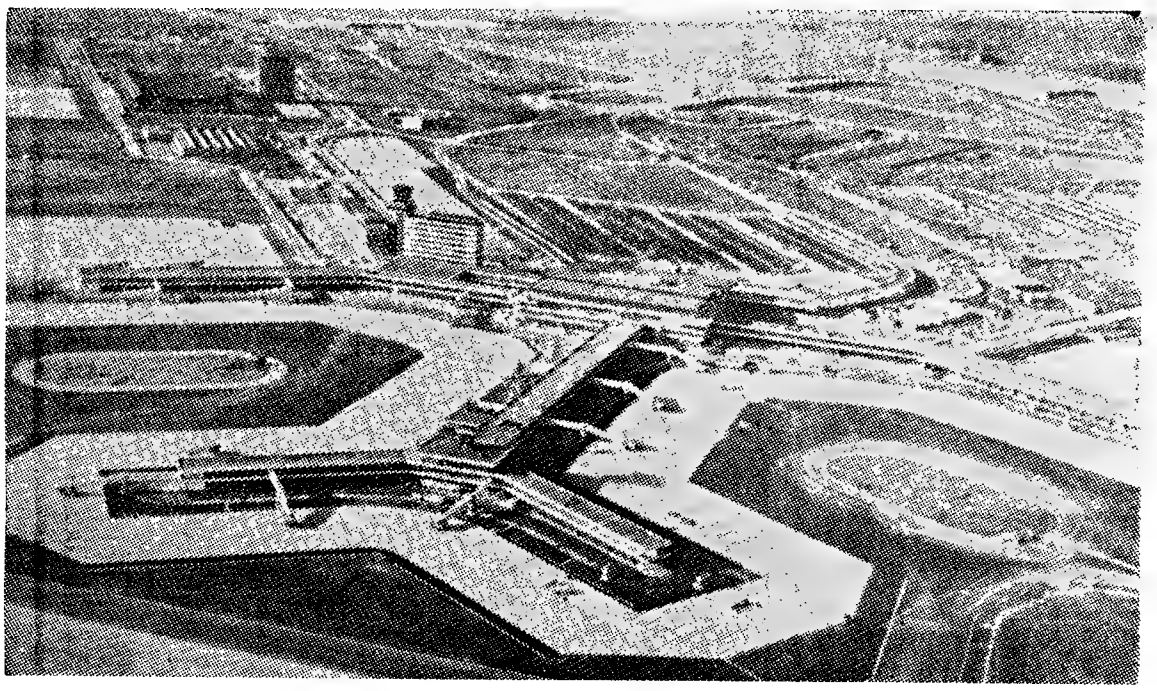
CURSOS DE FÉRIAS

TURMAS JÁ EM FUNCIONAMENTO
● Preparação intensiva para exames de SETEMBRO
● Preparação preliminar para o próximo ano lectivo

ENSINO LICEAL
ADM. AOS INSTITUTOS E FACULDADES

Preços especiais para militares
● Escola São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 865904
● Externato Marquês de Pombal — Telef. 83 46 58
Rua Carrilho Videira, 10 (à Morais Soares)

Em ALVERCA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18 - A.



Vista geral do aeroporto de Schiphol, no centro da Holanda, servindo práticamente o país inteiro. Funcional foi concebido para ser adaptável ao trânsito daqui a muitos anos

A HOLANDA DE HOJE

PORTAS ABERTAS PARA O MUNDO

por RAÚL REGO

OS HOLANDESES mostram-se orgulhosos do seu sistema de comunicações; e é com visível satisfação que falam do primeiro porto do mundo — acentuando uma vez e outra, o primeiro porto do mundo, **já que a posição primacial foi conquistada, recentemente, com Roterdão a ultrapassar Nova York nessa corrida de velocidade, há um ano. O recente da vitória sabe-lhes bem, obtida demais a mais sobre a tentacular América. É uma das encruzilhadas do mundo este pequeno país sereno, de tapetes verdes e que os rios, canais e estradas cortam e recortam. Dos quatro pontos cardeais vêm parar aqui as mercadorias para tomarem o seu destino definitivo, tendo este povo, tolerante e esforçado, conseguido realizar um entreposto único no mundo.**

As relações da Holanda com os portos de Portugal e Espanha, trouxe para portos holandeses a distribuição pela Europa de muitas das mercadorias vindas das Américas e do Oriente, antes de os holandeses se lançarem eles próprios nas empresas de além-mar. Lentamente e com esforço e persistência só comparáveis aos que utilizam na construção do seu território, fizeram o seu comércio. Entrados os produtos nas enseadas, dali seguem subindo a corrente dos rios que vão levar ao interior de toda a Europa. Abre-se o Reno em várias bocas para sugar o que o mar lhes traga e os portos fluviais da Alemanha, da Checoslováquia, da Hungria, da Áustria, hão-de consumir depois.

A Natureza não faz milagres todavia e só a visão e o trabalho dos homens a podem aproveitar, corrigir e domar, transformando-a e fazendo-a servir a seus fins.

ONDE OS NAVIOS COMBATERAM

Essa lição de inteligência e trabalho herculeo começa logo no aeroporto de Schiphol, no centro do país e que verdadeiramente o serve a todo ele. A 15 quilómetros de Amesterdão e a 7 de Haarlem, os holandeses aproveitaram um terreno lodoso, quatro metros abaixo do nível do mar, na altura em que a aviação começou a fazer suas áfricas na segunda década deste século. Aproveitaram - no para campo de aviação militar, em 1917. Seria transformado em aeroporto municipal de Amesterdão em 1926.

Nas escavações indispensáveis apareceram âncoras e pelouros, ferros torcidos e madeiramento de navios afundados. É que no antigo Haarlemmermeer (o Lago de Harlem) se travou feroz batalha naval em 1573, na altura em que, em Portugal, D. Sebastião acalentava o seu sonho africano e preparava tudo para a sepultura de Alcácer-Quibir. Duas esquadras se bateram ali, uma do príncipe Orange e outra da Espanha de Filipe II. As águas cobriram toda esta região até 1852 em que a sentinela de um dique lhes deu ordem de recuar. Numa superfície de 1700 hectares, as construções a ocuparem mais de 35 mil metros quadrados, quatro pistas de aterragem e descolagem, duas delas com 3300 metros de cumprimento e previstas para aviões com o peso total de 300 toneladas. o aeroporto está a ser ponto de atracção internacional. E a sua construção, disposição de embarque e desembarque dos passageiros, facilidade e comodidade com que eles se movimentam, tornam-no, até para os leigos, como nós, um caso estranho.

Olhamos as construções como se vissemos enorme caranguejo espapaçado no terreno. Estende as pernadas para um lado e para outro, e dessas pernadas de centenas de metros de extensão nascem umas garras movediças e cobertas que encostam directamente aos aparelhos. Para eles se entra e deles se sai, sem escadas e sem autocarros, com a maior das comodidades.

Gravura do século XVI de Amsterdão, com seus moinhos e águas da Europa

É hoje em dia dos pontos cruciais

O movimento do aeroporto que era de 348 042 passageiros em 1946, subiu para 1 840 000 em 1963. As previsões do novo aeroporto que abriu há um ano são de 6 ou 7 milhões de passageiros por ano, em 1975, e de 250 a 300 mil toneladas de mercadorias, com 100 mil movimentos comerciais. Este movimento será possível com as instalações actuais; mas o edifício e pistas e cais móveis de embarque poderão ser facilmente transformados e alargados para 25 ou 30 milhões de passageiros por ano e para 1 500 000 toneladas de mercadorias. Quem concebeu o aeroporto, pensou no futuro.

A VENEZA DO NORTE

Schipol é o aeroporto moderno, mas modernos igualmente se podem considerar, apetrechados e funcionais como nenhuns, os portos de mar de Amsterdão e Roterdão que há séculos ligam a Holanda e o centro da Europa a todo o mundo. Se os holandeses se mostram orgulhosos de Schipol não se mostram menos por Roterdão ser o primeiro porto do mundo e Amsterdão o quarto da Europa. O título de artigo de uma revista holandesa é bem significativo: «Agora, Nova York tem apenas o segundo lugar...»

A direcção da TAP levou os seus convidados em visita a esses dois centros de actividade naval unicos. Lição de energia, de organização e de inteligência como não pode haver melhor. Podem servir de exemplo de como se equacionam os problemas de um país e se resolvem com objectividade.

Dizem os holandeses que Amsterdão é uma cidade com um porto, enquanto Roterdão é um porto com uma cidade. Mas na excursão através do porto de Amsterdão, entrelaçando-se os canais, as docas e os estaleiros, os depósitos de óleos e as oficinas e armazéns, com as ruas da cidade, o assombro toma o viajante. Ocupa ele o quarto lugar na Europa, depois de Roterdão, Londres e Hamburgo. Mas para fazer o porto de Amsterdão com fácil acesso ao Mar do Norte, tiveram os holandeses de talhar o canal do Mar do Norte, já que naturalmente para se ir de Amsterdão para o oceano preciso era rodear toda a península e embrenharem-se os navios no lago Zuiderzee. Cavando até Ijmuiden, com a familiaridade com que eles tratam o mar, deram saída á navegação e abriram novo curso de água eles que tantos têm.

Amsterdão é um autêntico labirinto de ruas e água; e o forasteiro sente-se nela como em Veneza. Mais de 400 pontes, muitos viadutos e tuneis, nos dão como que a sensação de nos deslocarmos dentro de uma enorme empresa fabril onde também há edifícios publicos e obras de arte.

O canal foi aberto vai fazer um século, mas não deixou até hoje de ser actualizado e pouco antes da guerra uma nova comporta foi inaugurada e ainda agora se trabalha para dar a essa via marítima a profundidade de 15 metros. Preciso é mantê-lo em condições de receber todo e qualquer navio por maior que seja.

Há navios que permitem fazer a volta do porto, com partidas constantes, para que os forasteiros não deixem de se aperceber de sua grandeza e importancia.

ERASMO EM FLORESTA DE AÇO

A lição é a mesma que iríamos receber no porto de Roterdão ao entrar no barco escarolado e claro, de grandes janelões e um convés superior aberto a todos os ventos. Aos olhos de todos, na escada, uma planta e um retrato, em gravuras antigas, nos dão as glórias locais e os pergaminhos. Na primeira as linhas de água e as ruas da foz do Mosa, na antiguidade, e a legenda: **«Olim fossa merovia nunc Mosa fluvius»**; a segunda é o conhecido perfil olímpico e algo torturado do maior dos humanistas de quinhentos. Em torno do retrato: **«Erasmus Roterodamus Litterarum vindex»**.

É um verdadeiro mundo esse porto em que passam os maiores navios de alto mar, alguns deles aqui tendo nascido nestas forjas, espeques e guindastes que se erguem a um lado e outro, e as barcaças longas, chatas, búdicas, que deslisam por aí fora e podem ir pelo Mosa, pelo Reno além, entrar no Danúbio e Holanda, Alemanha, Áustria e Hungria além, atravessar do Mar do Norte para o Mar Negro ou para o Mediterrâneo. Estaleiros e refinarias, cais e entrepostos atulham as margens. São trinta quilómetros de cais onde atracam por ano mais de 30 000 navios de alto bordo e de 200 000 barcaças fluviais. O porto de Roterdão acha-se também ligado ao canal do Mar do Norte, e consequentemente ao porto de Amsterdão, por um canal de 30 quilómetros de extensão.

Ao cair da tarde, o rio, os barcos, as florestas de guindastes e cilindros dos depósitos das refinarias, tomam os aspectos mais estranhos e reflectem as cores mais variadas, desde o fogo, a verdes metálicos, aos baços pesados da água e chumbo.

Centro nevrálgico e animico ainda se alarga e as escavadoras não deixam de abrir novas docas para tornar maior ainda o que já é tão grande. É que parar é criar bolor e morrer. E não são de há séculos, mas bem recentes, os golpes fundos ateando incêndios e deitando a terra edifícios ou fábricas, quarteirões inteiros e reduzindo Roterdão a uma ruína. Cidade e porto foram arrasados. Lá está, na margem direita, bem perto do cais onde embarcamos para o passeio vesperal, um arco ou asa a subir no espaço, partindo de proa que vai a pique. É o monumento aos homens da marinha mercante que perderam a vida na Segunda Grande Guerra.

A visão da cidade e porto têm-se mais nítidas do alto do «Euromast» aonde a TAP levou os seus convidados para o jantar. É uma enorme torre de 104 metros de altura, toda em cimento, com restaurante para trezentas pessoas lá em cima. E vão-nos indicando que tal avenida foi aberta nos escombros de bairro antigo que as bombas destruíram por completo; tal outra está projectada e irá entroncar fora da cidade já. E, além, as águas do Mosa a desaguarem, com seus ferros, suas chaminés altas de vela acesa, no meio da noite, navios e barcos, a entrarem pelo Mar do Norte no meio de um ror de ilhas. Foi neste centro naval e industrial, com escolas e universidades, fábricas e estátuas, onde passam todos os garotos e se ouvem todas as línguas, que nasceu o autor do «Elogio da Loucura».

Fred Kradoffer (grande artista plástico) morreu esta madrugada

Fred Kradolffer

Estava condenado há tempos e sabiam-no todos os seus amigos e ele próprio se não iludia, embora continuasse a sorrir, enleado, naquele seu jeito tão característico de esteta e tímido. Há dias recolhera a uma casa de saúde onde esta madrugada morria o Fred Kradolffer que para Portugal viera um dia, há 44 anos, e cá se deixara ficar desde então, entrando no ambiente, fazendo um amigo de cada conhecido e praticando as suas artes de esteta e divulgador da estética, levando a harmonia até ao povo.

Pintor, ceramista, escultor, desenhista, decorador, Fred Kradolffer, que morreu com 65 anos, foi acima de tudo um artista, divulgador da Arte. Estudara na Escola de Artes Aplicadas da cidade de Zurique onde nascera, e foi a arte aplicada que o Fred praticou até final em toda a sua actividade. Procurando encharcar a vida de beleza, que essa é a função verdadeira das artes decorativas e aplicadas, Fred Kradolffer achava que não é apenas o monumento, o edifício, o quadro formal que traduzem o artista: êste exprime-se num cartaz, numa janela, em decorações de rosas e manjericos, naquela varanda, ou na disposição dos mais estranhos artigos em montra de casa comercial. E a grande influência do Fred Kradolffer entre nós foi nesse sentido: a arte aplicada á vida seja na decoração de um lar, na ilustração de um livro, na modelação de uma travessa, em cartaz colado a todas as esquinas ou na estatueta a ornamentar salão de baile de hotel de luxo.

Trabalhou intensamente, quer em colaboração com muitos colegas seus, quer no seu atelier, em casas comerciais que recorriam aos seus conselhos, em concursos publicos ou em contratos particulares e, ainda, para marcar presença em dezenas e dezenas de exposições de diversos organismos e instituições. A sua influência foi grande nos meios artísticos portugueses, desde as artes gráficas á ciência da propaganda e ás decorações populares. Não será possível fazer a história da evolução do sentido estético, entre nós, no ultimo meio século, passando sobre o nome de Fred Kradolffer.

Fred Kradolffer era suíço de nascimento. Em Zurique nascera a 12 de Junho de 1903, e lá estudara. Fizera logo em seguida a viagem esclarecedora de ideias e teorias, percorrendo vários países da Europa, com mais demora na Bélgica e em Paris.

Em 1924 veio para Portugal e em Portugal se tornou um dos nossos. Participou em concursos publicos, trabalhou para muitas instituições e colaborou com muitos colegas seus, e entrava em quase todas as exposições de artes plásticas. A sua vida foi a de um artista que nunca se deixou manietar por nada que arte não fosse.

Em 1931 colaborava na decoração do pavilhão português da Exposição Colonial de Vincennes; e, em 1937, colaboraria na Exposição Internacional de Paris, e em 1939 na de Nova York. António Ferro, de quem era amigo, chamara-o a colaborar no SPN, depois no SNI. Colaborou ainda na Exposição do Mundo Português, em 1940.

Fred Kradolffer, com Bernard Marques, Carls Botelho, Maria Keil, Jorge Barradas, tantos outros, estimulava o movimento do contacto dos artistas com o publico. Descia a arte até ao povo.

Obras suas encontram-se no Museu Nacional de Arte Contemporanea e a sua arte pode apreciar-se, entre outros locais, no Teatro Monumental, no Hotel Tivoli, no Hotel Estoril-Sol, no novo Casino do Estoril. Vários edifícios oficiais foram por ele dispostos e noutros se contam obras e, em muitos, foi o seu dedo de mestre e conselheiro; o indicador de harmonia. Ainda em 1958 trabalhou no pavilhão português de Bruxelas. Há dias ainda recebera o Prémio «Diário de Notícias» que foi como que o ultimo aparecimento do Fred Kradolffer em publico. Foi também a ultima homenagem do País a este artista que a nós se pegou e entre nós ficou até ao fim, pela mais sincera das simpatias.

Fred Kradolffer, que era casado com a sr.ª D. Astrid Kradolffer, faleceu esta madrugada no Instituto Português de Oncologia para onde entrara há poucos dias.

O corpo encontra-se depositado na capela do Cemitério Inglês, onde se efectua o funeral amanhã, ás 15 horas.

O ministro da Marinha, acompanhado por vários outros almirantes, quando percorria a zona onde fica instalado o computador electrónico

Um computador electrónico entrou hoje ao serviço do Ministério da Marinha

Com a entrada em funcionamento das novas unidades de que está a ser dotada a nossa Marinha de Guerra vão crescer, certamente, os problemas administrativos que o Ministério da Marinha terá de enfrentar.

A modernização desses serviços de Administração Naval, oficialmente iniciada há seis anos, com a publicação de um diploma e a aquisição de material vário, entrou agora numa fase decisiva com o aluguer de um computador electrónico, feito á I. B. M. Portuguesa, companhia á qual o Ministério da Marinha pagará anualmente dois mil contos pela cedência do aparelho. Este, ficará instalado no Serviço Mecanográfico da Armada, constituindo o Centro de Tratamento da Informação.

Composto por um complicado conjunto, ao serviço do qual fica uma dezena de funcionários, entre eles sete operadoras e uma chefe, o novo departamento tratará, entre outras, das tarefas de processamento de vencimentos, abonos e descontos, estatística financeira, «contrôle» orçamental, registo, informação e ficheiro de pessoal, servindo ainda o registo, inventário e movimento das existências de todos os tipos de material, de sobressalentes e de peças de reserva em depósito ou distribuídas ás unidades navais e estabelecimentos da Armada.

Para assistir á entrada em funcionamento deste complexo electrónico o ministro da Marinha esteve esta manhã no Serviço Mecanográfico do seu Ministério. Com ele estiveram os almirantes Roboredo e Silva, Laurindo dos Santos, Ornelas e Vasconcelos, Cardoso de Oliveira, Morgado Belo, Ramalho Rosa, Joaquim David de Carvalho e Eugénio Ferreira de Almeida, além dos comodoros Renato de Brito, Carlos Alberto da Silva, Rui Terenas Latino, Rogério de Oliveira, Allen Junior, bem como o capitão-de-mar-e-guerra Domingos Diogo Afonso e o capitão-de-fragata Dias Praça.

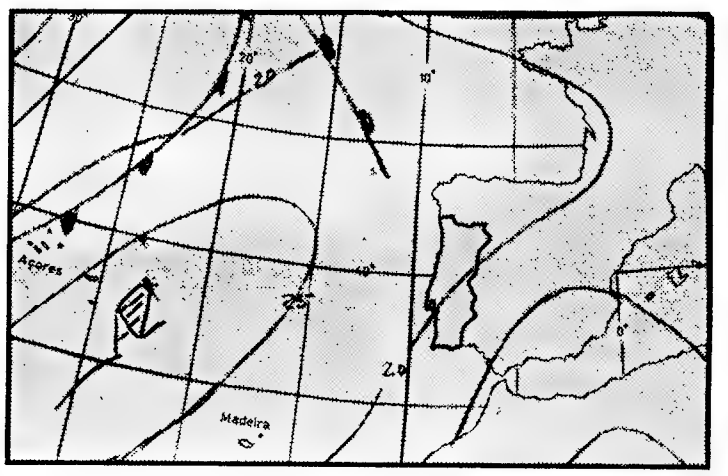
Após uma breve saudação, feita pelo contra-almirante Ornelas e Vasconcelos, superintendente dos Serviços da Armada, o comodoro Allen Junior, director do Serviço de Administração Naval, fez um breve resumo das tarefas que incumbem ao serviço que dirige.

O almirante Quintanilha Mendonça Dias agradeceu, historiando um pouco a acção desenvolvida na criação dos novos serviços. Fez depois uma visita á secção onde fica instalado o computador electrónico, pondo este em funcionamento e descerrando uma lápida comemorativa.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco por influência de uma massa de ar com trajecto continental transportada na circulação conjunto de um anticiclone centrado a nordeste dos Açores e de uma depressão localizada no mar do Norte.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 31°,5; mínima: Penhas da Saúde, 8°.
TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 17°; Faro, 27°; Lisboa, 20°, Penhas Douradas, 16°; Portalegre, 23°; Porto, 17°; Funchal, 21°.
TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 21°,5; na água do mar: 16°,8



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 17 — O território em Portugal continental deverá continuar sob a acção dominante da massa de ar com trajecto continental á excepção da faixa costeira ocidental para norte do cabo Carvoeiro onde haverá influência de ar marítimo.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU GERALMENTE LIMPO, MUITO NUBLADO DURANTE A MANHÃ NA FAIXA COSTEIRA OCIDENTAL AO NORTE DO CABO CARVOEIRO; VENTO FRACO A MODERADO DO QUADRANTE NORTE.

SOL Amanhã: Nascer ás 6 e 24 Ocaso ás 21

PREIA-MAR: Dia 16 — 8 e 52 (3,4 m); 21 e 10 (3,5 m). Dia 17 — 9 e 40 (3,3 m); 22 e 10 (3,3 m). Dia 18 — 10 e 40 (3,2 m); 23 e 10 (3,2 m).
BAIXA-MAR: Dia 16 — 21 e 17 (1,3 m); 14 e 22 (1,5 m). Dia 17 — 3 e 05 (1,5 m); 15 e 27 (1,7 m). Dia 18 — 4 e 07 (1,7 m); 16 e 35 (1,8 m).

Amanhã Dia 25 Dia 1 Dia 8

FRIGORIFICOS ATLANTIC ...melhores não há!

ATLANTIC
9 modelos de 65 a 450 lit.
CONGELADORES A TODA A LARGURA
INTERIOR EM CHAPA ESMALTADA
MODERNO ISOLAMENTO EM POLIURETANO
FECHO MAGNETICO — PEDAL DE ABERTURA

À VENDA NA CASA
M. FERREIRA
Tr. HENRIQUE CARDOSO, N. 22-A
Telef. 764914

Contra a queda de cabelo!
item

MORPHY-RICHARDS

Famosos mundialmente pela sua concepção, eficiência e economia.

Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. SIDA-SUECA, limitada
Rua de S. Nicolau, 44-48 — LISBOA-2

TAÇAS
BRONZES, PLACAS D'HOMENAGEM, MEDALHAS,
TUDO PARA PRÉMIOS, GRANDE STOCK
HELDER CUNHA
RUA JOÃO DAS REGRAS, 3 — TEL. 861462

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

LIVROS NOVOS

«CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR ENTRE JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO E CAMILO CASTELO BRANCO»

Documenta bem uma época esta «*Corespondência Epistolar*» entre Camilo e Vieira de Castro de que se incluiram dois volumes na colecção camiliana da Parceria António Maria Pereira.

Ao ser agora feita a 5.ª edição, conforme a 1.ª, o texto foi fixado e acrescido felizmente o volume com uma boa nota preliminar de Alexandre Cabral.

Alexandre Cabral, que outros volumes da colecção já prefaciou, está a entrar no rol dos camilianistas mais esclarecidos porque daqueles que melhor e mais cuidadamente estudam a obra do grande escritor. Os seus volumes das polémicas de Camilo podem servir de modelo do género.

Esta correspondência entre Camilo e Vieira de Castro ultrapassa em muito o interesse das habituais cartas particulares. Ambos eles pensavam na posteridade ao escrever suas cartas e ambos eles aliás cultivavam a opinião da posteridade. Ambos eles tinham similitudes estreitas de temperamento e se a obra de Vieira de Castro, por demasiado inçada dos defeitos gongóricos, não subsistiria sem a tragédia de que ele foi protagonista, a de Camilo é das maiores de nossa história literária.

Volvido um século sobre essa correspondência, Alexandre Cabral esclarece as dificuldades que ela apresenta para o leitor desprevenido de hoje, de forma a que este se integre realmente no ambiente em que a correspondência foi trocada e lhe deu o seu valor pleno

Deste volume, como sol fazer-se agora na colecção, se fizeram três tiragens: a especial para os bibliófilos, a corrente, e uma tiragem popular sem a nota preambular.

«CRÓNICAS DO TEMPO DO CAVALEIRO CHARLES E DO SEU FIEL ESCUDEIRO POMPIDOUZE»

— por Miguel Barbosa

Nas edições Panorama de autores portugueses saiu a obra de Miguel Barbosa, o autor já consagrado de «O Palheiro» e de «Os Carnívoros» em que ele entra, pela primeira vez, no romance.

Migue, Barbosa faz essa tentativa como um «robot, cientificamente controlado á distância». E prossegue: «Confesso modestamente não passar de uma sucessão infinda de pilhas, condensadoras e células foto-eléctricas, ter nascido no ano 4000 da Era Cristã e ser um abortado fruto de meia duzia de barbudos cientistas que deste modo pretendem controlar o espírito humano. Devo ainda avisá-los de que no meio de qualquer frase, por deficiência do circuito, pode aparecer um registo de sons anomatopaicos ou sucessão de palavras desconexas.»

Essas palavras de Miguel Barbosa dizem da sua intenção e também dos moldes do seu romance.

VIDA MUSICAL

Matrículas no Centro de Estudos Gregorianos

Encontram-se abertas, no Centro de Estudos Gregorianos, as matrículas para todos os cursos que funcionarão regularmente no próximo ano escolar: solfejo, canto gregoriano, modalidade, direcção coral, pedagogia musical Ward (formação de professores para classes infantis), harmonia, latim litúrgico, piano, órgão e improvisação

Além dos cursos referidos, funcionará também uma classe infantil pelo método Ward, na qual podem já inscrever-se crianças de 6 a 7 anos de idade.

Podem ser pedidos no Centro de Estudos Gregorianos o programa do futuro ano escolar e todas as indicações, pessoalmente das 9 ás 12 e das 15 ás 19 h., ou pelo correio: Campo dos Mártires da Pátria, 96, 2.º — Telefone 58228.

VII Cursos Musicais da Costa do Sol

Maurice Eisenberg do «Cello Playing of to Day» vem dirigir a classe de violoncelo dos VII Cursos Musicais Internacionais de Férias, promovido, como habitualmente, pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

As lições decorrem de 10 de Agosto a 7 de Setembro.

Maurice Eisenberg vive em Nova Iorque e é professor de algumas universidades norte-americanas. E' também o director do «Internacional Cello Centre» de Londres. Na capital inglesa e em Paris foi professor de conhecidos artistas portugueses nomeadamente de Madalena de Sá e Costa e Isaura Pavia de Magalhães.

O jornalista Eline Downes do «New York Times» classifica Eisenberg como «um artista brilhante e possuidor de excepcional técnica».

Concerto pela Banda da G.N.R.

Amanhã, ás 21 e 45, decorre o segundo concerto da série que a Banda de Musica da G.N.R., sob a direcção do maestro tenente Silva Dionísio, está a levar a efeito nas ruínas do Convento do Carmo.

Do programa fazem parte as seguintes obras: «Freischutz» (Weber), «Redenção» (C. Frank), «Sigurd Jorsalfar» (Grieg), «Em Louvor da Montanha» (H. do Nascimento), «3 Danças Eslavas» (Dvorak) e «Festas Romanas» (Respighi).

O fruto que apetece no Inverno e no Verão
(no Verão deve bebê-lo bem fresco)
porque dá novas energias, vigor, força plena para viver.
COMPAL, em 10 variedades diferentes, é o fruto que se escolhe à hora que apetece. Sempre pronto, é um condensado feliz de sol e de vitaminas. Beba fruta. Beba COMPAL.

compal
é mesmo natural

Quem é ele ?
Um homem
de preferências bem definidas
Os melhores fatos...
Os melhores carros...
Objectos raros...
e os cigarros KENT
com o filtro exclusivo micronite

KENT, o cigarro americano
preferido em todo o mundo

Repr.: R. S. Contreras, Lda. - R. do Teatral, 4 - Lisboa - Telef. 4 5184

TIME • NEWPORT • KENT • NEWPORT • TIME • NEWPORT • KENT • NEWPORT

CULTURA E NORDESTE

A recente inauguração de uma biblioteca fixa da Fundação Gulbenkian (tinha que ser a Fundação!) em Vila Real é acontecimento que merece relevo por dizer respeito à capital de uma das províncias portuguesas mais abandonadas — tanto que até conquistou direito a ter um «nordeste».

Não sei se Vila Real tinha já uma biblioteca pública; mas sei que o panorama cultural em Trás-os-Montes não é dos mais agradáveis.

Num dos últimos números do Boletim do Grupo «Amigos de Bragança» pode ler-se um artigo — «Macedo de Cavaleiros — um ponto de vista sobre cultura» — que prima pela lucidez, pela desenvoltura de estilo e, até, pela coragem. Após acertadas e oportunas considerações sobre os que «se encontram em melhor posição para influir na formação cultural das gentes» e cujo papel desempenhado é «quase nulo», o autor do artigo, dr. António Cabral, escreve, referindo concretamente o caso de Macedo de Cavaleiros: «...não tem um teatro; não tem um museu; não tem uma biblioteca; não tem sequer uma livraria; tem um Centro Cultural e Recreativo que, por limitação das possibilidades económicas, tem que contentar-se com o segundo dos adjectivos». E mais adiante: «Não há um jornal que se faça eco das ânsias da vila, embora tenha havido, no crepúsculo do século passado, nada menos que dois periódicos: «O Athleta» e «O Correio de Macedo».

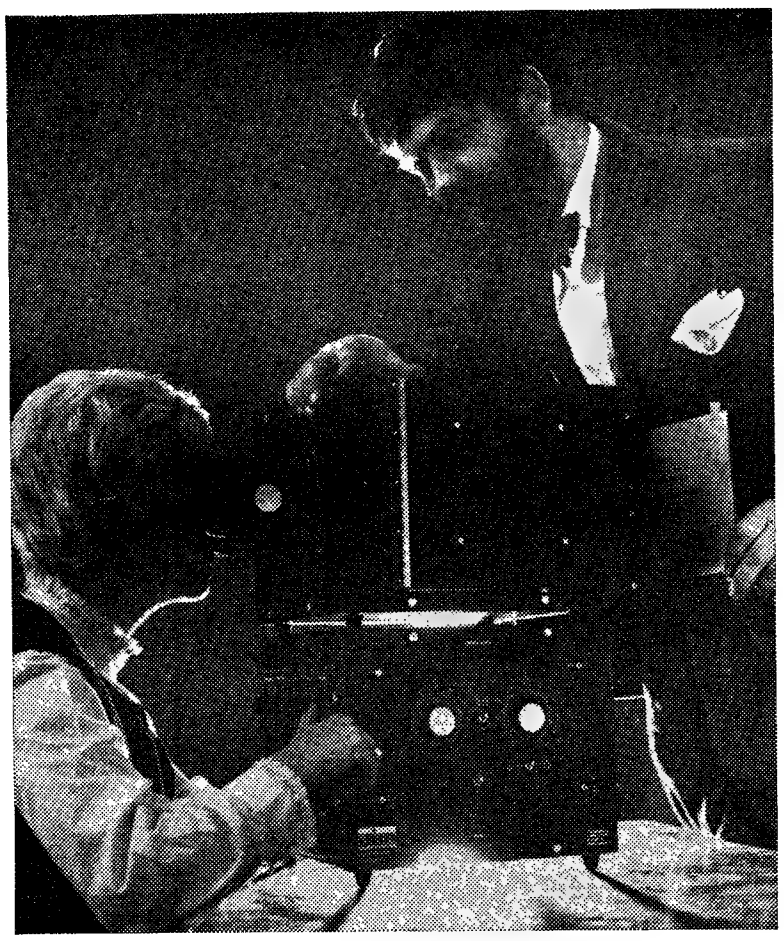
Bastam-nos estas duas pequenas transcrições para determinar as coordenadas daquela vila transmontana no que tange a promoção cultural da população. O autor do artigo vai, porém, mais longe tornando extensivas a todas as zonas rurais as suas considerações. E, ao citar o caso particular de Macedo de Cavaleiros, acentua que não se trata, certamente, de uma excepção.

Pode dizer-se que estamos no coração do Nordeste e é verdade. Pergunta-se, porém: quantas vilas transmontanas (e mesmo do resto do País) poderão responder com um panorama cultural nitidamente melhor?

Se em muitas perguntássemos o que há sobre cultura, talvez nos respondessem como o dr. António Cabral, ao director daquele Boletim:

— «Mas qual cultura, senhor doutor? Da batata ou do pepino?»

A. E. P.



A CAIXA DE PANDORA — Quanto tempo demora uma mensagem visual a ser absorvida? Este problema cabe na atribuição da «caixa de Pandora», curioso aparelho montado em Inglaterra que também serve para medir a dilatação das pupilas. Novidade adicional: as empresas publicitárias estão interessadíssimas na ideia. Querem saber, claro, a eficiência de certos anuncios

O novo embaixador da Venezuela em Lisboa entregou credenciais

No Palácio Nacional de Belém, o Presidente da República recebeu, hoje de manhã, em audiência solene, o novo embaixador da Venezuela no nosso País, sr. dr. Rafael Armando Rojos, que lhe fez entrega das respectivas credenciais. O diplomata venezuelano chegou pelas 11 horas a Belém, precedido de mais dois automóveis conduzindo os secretários da embaixada da Venezuela e do protocolo do Ministério dos Estrangeiros. Na sala Luiz XV, o sr. almirante Américo Thomaz recebeu o embaixador, encontrando se presentes os srs. dr. Franco Nogueira ministro dos Negócios Estrangeiros; embaixador dr. José Luís Archer e dr. Luís Pereira Coutinho, secretários-gerais do Ministério dos Estrangeiros e da Presidência da República; general Humberto Pais, chefe da Casa Militar e oficiais ás ordens e ajudantes do Chefe do Estado. Feita a entrega das cartas que o acreditam como embaixador em Lisboa, o sr. dr. Rafael Armando Rojos passou á sala do Concelho do Estado, onde conversou durante alguns minutos com o sr. Presidente da República.

A O. I. T. E OS DIREITOS DO HOMEM

RELATÓRIO DO DIRECTOR-GERAL DO B. I. T. À CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO TRABALHO

A acção da Organização Internacional do Trabalho em prol dos direitos do homem foi o assunto tratado por David A. Morse, director-geral do Bureau Internacional do Trabalho num relatório apresentado à Conferência Internacional do Trabalho, actualmente com sede em Genebra.

Os quatro principais objectivos que a O.I.T. se tem esforçado por promover no mundo inteiro são a liberdade, a igualdade, a segurança económica e a dignidade.

Este relatório constitui o documento de base para a discussão geral da parte dos 1.148 delegados à conferência dos quais fazem parte 69 ministros.

Embora se tenham verificado progressos consideráveis, o respeito universal dos direitos do homem constituem ainda «para a humanidade uma tarefa duma envergadura impressionante. O relatório insiste sobre a necessidade de se atacar o mal pelas próprias raízes, por meio de esforços repetidos no sentido de remediar a pobreza e o subdesenvolvimento para eliminar as disparidades entre países e regiões e para eliminar o fosso tecnológico que separa as nações, segundo o seu estado de desenvolvimento.

O director geral do B. I. T. sublinha que objectivos da organização no domínio dos direitos do homem decorrem da Constituição da O.I.T. de 1919 e da sua Declaração de Filadélfia de 1944. Nesta, os Estados membros da O.I.T. reafirmaram que «todos os seres humanos, qualquer a sua raça, crença ou sexo, tem o direito de prosseguir o seu progresso material e desenvolvimento espiritual na liberdade e na dignidade, na segurança económica e em iguais oportunidades».

Hoje, no momento em que todos os homens se preocupam com a necessidade absoluta de elevar o nível geral de riqueza material do mundo, a O.I.T. «vela para que o uso que dela se faz, sirva a liberdade e a dignidade do homem».

D. Morse presta homenagem aos esforços de outras organizações internacionais no que respeita aos direitos do homem e particularmente aos da O.N.U. com a elaboração da Declaração Universal dos Direitos do Homem e dos dois Pactos das Nações Unidas relativos, um aos direitos económicos, sociais e culturais, e o outro aos direitos cívicos e políticos.

Uma intensificação da coordenação entre as diferentes organizações seria no entanto do interesse de todos.

Indica ainda que se trata, neste momento, de saber em que medida e de que maneira é que as actividades que a O.I.T. conduz para salvaguardar e promover os direitos do homem — investigação, informação, cooperação técnica, missões de técnicos, programas de educação e de acção, actividades normativas — se podem integrar num vasto programa de conjunto.

INAUGURADA EM L A PRIMEIRA FÁBRI DA PROVÍNCIA DE

• O SUBSECRETÁRIO DO FOMENTO ULTR QUE PRESIDIU AO ACTO INAUGURAL, PÔS EM RELEVO O SIGNIFICADO DO EMPREENDIMENTO DA MABOR A NA CONJUNTURA ECONÓMICA LOCA

LUANDA, 16 — (L.) — As principais entidades de Angola figuravam no conjunto de cerca de setecentas pessoas que ontem assistiram ao acto inaugural da primeira fábrica de pneus da província, a unidade apetrechada com a mais moderna maquinaria do sector, que a Mabor Angolana instalou nos arredores de Luanda, e que é já a segunda empresa, quanto a dimensionamento e investimentos, entre as indústrias transformadoras locais. Um membro do Governo, o dr. Ruy Patrício, subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, o governador-geral de Angola, acompanhado pelo secretário-geral e pelos secretários provinciais da Economia, da Saúde, Fomento Rural, Obras Públicas e Educação, o comandante-chefe das Forças Armadas e individualidades representativas de todos os sectores da vida angolana, dos meios financeiros e económicos aos organismos oficiais, associaram-se ao acontecimento que assinala a entrada em laboração de uma unidade fortemente impulsionadora do desenvolvimento de Angola. Entre as individualidades vindas propositadamente da Metrópole, destacava-se o dr. Miguel Quina, vice-presidente da Mabor Angolana e presidente do conselho de administração do Banco de Crédito Comercial e Industrial.

A cerimónia da bênção das modelares instalações que se erguem ao quilómetro 12 da Estrada da Conduta, e que, mercê da sua implantação, transformaram o local anteriormente desértico, numa zona em pleno desenvolvimento urbanístico, foi o primeiro acto, após á recepção aos convidados. O vigário-geral da diocese procedeu ao acto, ao qual se seguiu uma visita aos vários corpos da fábrica, percorridos atentamente pelos convidados. Coube ao subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino descerrar, entre calorosos aplausos, uma lápida, que ficou a recordar a data que se inscreverá entre os acontecimentos mais salientes da história do fomento económico da Província.

Por último, e antes de um almoço que reuniu todos os convidados, efectuou-se uma breve sessão, durante a qual usaram da palavra o dr. Miguel Gentil Quina e o dr. Ruy Patrício.

O ambiente festivo em que decorreu o acto inaugural pode dizer-se traduzir, simbólicamente, o verdadeiro movimento de opinião que se criou em torno do empreendimento e o apoio que tem recebido da população. Do mesmo modo, a Imprensa, dos diários aos semanários, assim como a Rádio, têm-se feito eco do sentimento de regozijo suscitado pela entrada em funcionamento da nova unidade fabril. Em artigos, comentários e reportagens, por vezes, mesmo, em editoriais, anunciando a inauguração da fábrica ou relatando a visita que ás suas instalações fizeram os representantes dos órgãos da Informação, o público tomou conhecimento detalhado das principais características do empreendimento e do seu profundo significado para o futuro de Angola. Acentuaram os jornais, assim, que a fábrica (exemplo único no aproveitamento da mão-de-obra local, visto que entre 341 empregados e operários apenas menos de 2 % foram recrutados fora de Angola), vem ao encontro das necessidades causadas pelo aumento da rede rodoviária do território, garantindo o abastecimento, em tipos especialmente adaptados ás suas condições, de pneus para os veículos em circulação. A Mabor Angolana representa, por outro lado, uma economia, na balança de pagamentos da província, da ordem de muitas dezenas de milhares de contos, pois abastecerá o mercado com produtos que até agora eram importados.

Como dissemos, o acto inaugural teve a presença do subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, do governador-geral de Angola, tenente-coronel Rebocho Vaz, do comandante-chefe das Forças Armadas e dos secretários provinciais e, ainda, de outras individualidades de destaque, entre as quais o procurador da República, presidente da Relação, autoridades militares, magistratura, membros do corpo consular, directores de serviços públicos e as mais representativas figuras da vida social, política, económica e cultural da província. Presentes, igualmente, entidades responsáveis dos órgãos de Informação de Angola, nomeadamente directores, chefes de Redacção e administradores. Entre os convidados via-se ainda o sr. dr. Guilherme Brás Medeiros, administrador-delegado do «Diário Popular».

Além do dr. Miguel Quina, receberam os convidados os srs. dr. Antão Santos da Cunha, presidente da assembleia geral da Mabor de Angola e administrador do Banco Borges & Irmão; Henrique Malheiro Dias, administrador da Mabor de Angola e da Mabor da Metrópole; dr. Francisco Maia de Loureiro, administrador-residente da Mabor de Angola; dr. José Carlos Calneiros, administrador da Mabor de Angola; Rudolfo Ventura Teixeira, director-geral da Mabor de Angola e director-geral de vendas da Mabor da Metrópole; dr. José Campelo, director-geral da Mabor de Angola; dr. Armando José Abranches Ferreira, Humberto Betencourt Santos, dr. Mário Eduardo Pinho da Costa e eng.º Roberto Hernandez, directores da Mabor de Angola. Presentes, igualmente, os dr. Luís Brás Teixeira, eng.º Aníbal Faro Viana e dr. Manuel Teixeira de Abreu, respectivamente, secretário-geral e directores do Banco de Crédito Comercial e Industrial, e o dr. Domingos Conte de Morais, director do Banco Borges & Irmão, que tem a seu cargo a orientação do Gabinete de estudos económicos daquela instituição.

O discurso do dr. Miguel Quina

Usou, em primeiro lugar, da palavra o dr. Miguel Quina, que traçou as principais características do empreendimento e salientou o valor da Mabor de Angola na conjuntura económica da província, dizendo:

«Angola tem a sua fábrica de pneus e câmaras-de-ar! Este é o facto que assinala para todos nós um dia de júbilo, solenizado pela presença honrosíssima de V. Ex.as

«Seria ingratidão para os que pensaram e souberam querer esta realização; seria subestimar a lição que sempre se apreende de longo e complexo processo evolutivo, que vai do simples requerimento inicial á obra feita, palpável, criação do homem em permanente colaboração com o Criador; seria injustiça para os que foram, para os que são, para os que hão-de vir, não dize seja expr denadas tude per dos nós

«A Ma apenas larização pelo que pagamen portante o fomen a valori para o a cursos.

«Vale,

O dr.

tributo postos co e p do noss «O di na se preendi seu par de 200 garante de port aproveit matéria gola ou produzi exigiu elevado sito de de trab cursos mento de paga viada e res de viços s objecto o inves até hoj de 160 é inven os, exp perfil d se não xa de Angola.

«Mas fine não

EM LUANDA ÁBRICA DE PNEUS DE ANGOLA

ITO ULTRAMARINO, UGURAL, ADO MABOR ANGOLANA A LOCAL

sidades
ede ro-
ntindo
special-
dições,
em cir-
repre-
econo-
tos da
tas de-
s, pois
produ-
rtados.
ugural
re'ário
ramari-
Angola,
faz, do
as Ar-
vinciais
dualida-
quais o
residen-
milita-
do cor-
serviços
ntativas
política,
víncia.
tidades
Infor-
lamente
ação é
onvida-
ilherme
lor-dele-

a, rece-
srs. dr.
residen-
Mabor
do Ban-
que Ma-
da Ma-
da Me-
de Lou-
ente da
Carlos
Mabor
ra Tei-
bor de
vendas
r. José
Mabor
José
rto Bet-
Eduar-
Rober-
Mabor
lmente,
eng.º
Manuel
vamen-
ores do
l e In-
Conte
o Bor-
cargo
e estu-
ituição.
Quina
da pa-
ue tra-
icas do
o va-
conjun-
cia, di-

ica de
te é o
los nós
lo pela
. Ex.as
os que
er esta
r a li-
nde de
evolu-
requeri-
alpável,
anente
; seria
n, para
de vir,

não dizer aqui uma palavra que seja expressão e encontro das coordenadas que balizam a nossa atitude perante a Terra que é de todos nós e que temos de merecer.

«A Mabor de Angola não vale apenas pelo que representa de polarização de homens e de capitais, pelo que significa na balança de pagamentos da província, pelo importante contributo que dá para o fomento da sua economia, para a valorização das suas gentes e para o aproveitamento dos seus recursos.

«Vale, acima de tudo, como enunciadores, sem dúvida, de uma projecção nacional de relevantes consequências; são, antes, o tempo e modo da Mabor Angolana que nos dão os seus traços específicos.

«O diploma que autorizou a sua instalação foi promulgado no princípio de 1961, assim se consagrando um projecto concebido pela Manufactura Nacional da Borracha alguns anos atrás.

«Até aí, os pioneiros da iniciativa não se haviam poupado a esforços nem enjeitado riscos para que mais depressa a Província pudesse ter a sua fábrica.

«E foi precisamente numa altura em que Angola já estava a ser magoada na sua carne e perturbada no sossego da sua vida normal que se constituiu a Mabor Angolana — 15 de Junho de 1961.

Seria mais cómodo e rentável produzir na Metrópole e exportar

«A hora era de apreensão temerosa para alguns, de confiança para a maioria e de cuidada reflexão para todos.

«Pois bem: não houve hesitação que enfraquecesse o querer nem duvida que minasse a certeza, aquela certeza que faz do Homem o motor e dono da História, seu autor e não seu objecto, para o que tem

O dr. Miguel Quina usando da palavra no decorrer do acto inaugural da Mabor Angolana, perante a lápida que acabara de ser descerrada pelo subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino

tributo para a criação dos pressupostos de um progresso harmónico e paralelo das várias parcelas do nosso País.

«O dizer-se que a Mabor Angolana se insere nos maiores empreendimentos de Angola; que o seu parque industrial ocupa cerca de 200 000 metros quadrados; que garante trabalho a várias centenas de portugueses; que se dispõe a aproveitar, na medida do possível, matérias-primas produzidas em Angola ou que aqui possam vir a ser produzidas; que a sua implantação exigiu a formação de técnicos de elevado nível; que levou o propósito de utilizar as potencialidades de trabalho local á realização de cursos acelerados de aperfeiçoamento profissional; que a balança de pagamentos de Angola fica aliviada em várias dezenas de milhares de contos anuais; que os serviços sociais da empresa foram objecto de particular carinho; que o investimento realizado atingiu, até hoje, a elevada cifra de mais de 160 000 contos — dizer tudo isto é inventariar índices que, por si sós, exprimem uma obra e dão o perfil de um empreendimento que, se não é ímpar, nem por isso deixa de ser invulgar em terras de Angola.

«Mas o que mais e melhor a define não são os traços assinalados, de começar por ser dono de si mesmo.

«Isto pode parecer inadequado ou inautêntico no conceito de empresários, para quem a ponderação, o cálculo das margens de rentabilidade e os riscos no tempo e no espaço necessàriamente pesam. Pode parecer, mas não é.

«O empresário de hoje vive imerso no condicionalismo histórico-económico que medeia entre uma economia de livre mercado e uma economia planificada, polos teòricamente puros de duas concepções opostas que a experiência tem mitigado através de sucessivos ajustamentos a fim de enquadrar, num melhor aproveitamento, o ímpeto criador da iniciativa privada numa óptica de conjunto. Na pessoa e na acção do empresário, inserem-se, desta feita, duas posições só aparentemente irredutíveis: ser dono da empresa e simultaneamente mandatário do interesse geral. O individual, sem se desvirtuar nas suas potencialidades, move-se ao serviço de um valor social.

«A criação de uma unidade industrial largamente influente no mercado consumidor, no aforro de divisas, na organização do trabalho e nos equacionamentos com outros sectores industriais e até agrícolas, provoca um impacto, facilitado pela rapidez e variedade dos meios de comunicação, moldador de uma gama de relações humanas e de situações que excedem a esfera dos interesses meramente privados e se projectam no plano do interesse colectivo.

«Sendo assim, como é, não pode causar estranheza que os autores da iniciativa houvessem sentido novo estímulo quando o terrorismo lançou inglòriamente o seu repto.

«Um empresário menos identificado com as concepções enunciadas teria porventura recuado, tanto mais que nada havia despendido até então e nada tinha, por isso, a recuperar.

«A Mabor Angolana, pelo circunstancionalismo em que se constituiu, representa, assim, a serena coragem da têmpera de Portugueses — velhos de mais para terem medo, novos de mais para conhecerem a renuncia.

«Depois... depois houve mais um compasso de espera, numa altura em que já estavam investidos cerca de 65 000 contos.

«Circunstancias certamente divorciadas do bem comum, pareceram apostadas em perturbar a ultimação da obra.

(Continua na 21.ª página)

o reporter de serviço

Luís d'Oliveira Nu

OS REVOLTOSOS DE MAIO

Demos connosco, um dia destes, após a leitura dos matutinos, a cismar em coisas de Paris. De Paris que é para mim como aquelas pessoas de quem sentimos não gostar mas que exercem sobre nós, sem bem o definirmos, um qualquer atractivo. É isso que nos leva às vezes a detestá-las, quando com elas convivemos, e a desejar ao mesmo tempo a sua presença, quando as temos longe. Estranho jogo de atracção-repulsão capaz de nos esfrangalhar os nervos! Embora seja certo que isso dá um certo encanto á vida e dificilmente se entende um repórter sem nervos, em especial se está de serviço.

Pois nós, a cismar, a cismar com coisas de Paris, lembrámo-nos daquelas noites, aqui há meia dúzia de meses, quando, deliciados, percorriamos os corredores do Odeon Theatre, onde se representava «Equilibrio Instável», um «Delicate Balance» que poderá parafrasear a própria situação francesa, em breve aclarada, se é que está aclarada, com os acontecimentos de Maio.

Nessa noite tinhamos ido ao teatro por acaso, aquele acaso que em Paris nos faz à última hora encontrar bilhetes para o teatro, sem programarmos as coisas com uma certa antecedência.

Ao fim da tarde adquiriramos o nosso bilhete e estávamos dal a duas horas no átrio do elegante Odeon. Este, nas escadarias e no «hall», estava superlotado de gente nova. Rapazes e raparigas de vinte ou menos anos, na sua maior parte. Ficámos espantados por ter conseguido comprar bilhete para uma récita académica. Por isso nos não eximimos a perguntar qual era a escola a que dedicavam o espectáculo Responderam-nos que não senhor, que não era escola nenhuma. Aqueles eram espectadores habituais, de várias escolas, sim, porque se estava no Quartier Latin e aquele era o seu principal teatro. As estatísticas demonstravam, aliás, que o público habitual, durante o ano, era fundamentalmente constituído pela camada jovem Com «Delicate Balance», mau grado o seu ar quase académico, os estudantes deliciaram-se, rindo com Edwige Feuillère, e os truques da sua endiabrada «claire», constantemente interrompida com aplausos. No intervalo pareciamos estar no pátio da Sorbonne, trocando impressões entre dois golos de cerveja ou sumo de frutos e admirando as inúmeras gravuras espalhadas pelo Teatro, evocadoras dos cenários, figurinos e principais peças subidas à cena do Teatro de França.

Cinco meses depois foi o que se sabe. A revolta no Bairro Latino, as depredações, o próprio Teatro molestado na sua estrutura. Foi a cena, foi a plateia, os reposteiros, os camarotes, os camarins

Que se passara, pois? Como explicar aquele amor que sùbitamente parecia transformar-se em ódio? Os revoltosos de Maio, um mês depois da ocupação, deixaram o Odeon. Quando os mais velhos, pela voz de algumas eminentes figuras académicas, clamavam que aquilo tinha sido o velho complexo freudiano de luta do filho contra o pai, do macho mais novo contra o macho mais velho.

A MAIS IMPORTANTE TRANSACÇÃO DA IMPRENSA ALEMÃ NOS ÚLTIMOS TEMPOS

Axel Springer, de 56 anos, de alcunha «rei da Imprensa» da Republica Federal da Alemanha vendeu, há pouco tempo, cinco revistas com uma tiragem de 4,7 milhões de exemplares e um valor de venda calculado em 75 a 100 milhões de marcos (19 a 25 milhões de dólares) ao grupo de empresas editoriais Weltfurt e á editora Heirinch Bauer Verlag.

Os órgãos adquiridos pelo grupo Weltfurt são a tipografia Kindler um Schiermeyer, a revista «Jasmin» (tiragem de 1,4 milhões de exemplares) e «Eltern» (1,175 milhões), ambas dedicadas preponderantemente á mulher e á família moderna; «Bravo» (778 000) e «Twen» (212 000), ambas revistas para a juventude. Antes de se fechar surpreendentemente esta importante transacção, Axel Springer negociou com a editora Gruner Jahr, em Hamburgo, empresa dominante no sector das revistas femininas («Brigitte», «Petra», «Constanze», «Es», «Schöner Wohnen»), e além disso, «Die Zeit», o mais importante semanário político alemão e a grande revista ilustrada, também de grande projecção política, «Stern» e «Capital». As negociações entre Springer e a editora Gruner Jahr fracassaram por não se chegar a acordo com os principais redactores do grupo Springer sobre a futura orientação das revistas.

A editora Heinrich Bauer, de Hamburgo, adquiriu o semanário «Das Neue Blatt» (tiragem: 1,144 milhões). Esta editora consolidou a sua posição dominante no sector da chamada Imprensa «Soraya». A Heinrich Bauer Verlag edita as revistas ilustradas «Neue Revue», «Praline», «Neue Post», «Wochenend», «Quick», assim como a importante revista de rádio e televisão «Hören und Sehen».

Os motivos da sensacional decisão

Quanto aos motivos das sensacionais transacções, declara-se que Springer pretenderia «dedicar-se em primeiro lugar ao desenvolvimento e á modernização dos seus jornais diários e dominicais, assim como ás revistas de rádio e televisão». O grupo Springer declarou ainda: «O progresso técnico vertiginoso, sobretudo no domínio da electrónica e as diferentes repercussões do mais moderno meio de comunicação com as massas, a Televisão, no sector dos diários, colocam hoje toda e qualquer editora de jornais ante tarefas completamente novas de imensa projecção. O facto de se ter separado das revistas citadas permite á editora Axel Springer concentrar as suas forças nos seus cinco diários e nos seus dois jornais dominicais». Springer não vendeu o seu «Burro das Moedas de Ouro», a revista de rádio e televisão «Hör zu», base da fortuna de um homem que durante meses seguidos esteve no fulcro de ataques violentos da «oposição extra-parlamentar» a cuja frente se colocou a «Liga dos Estudantes Socialistas Alemães». A transacção agora realizada não deve exercer qualquer influência sobre os ataques deste sector, conquanto — apoiados em parte por publicistas, escritores e politólogos de relevo — tivesse por alvo, segundo se afirmava, a falta de objectividade dos jornais e das revistas do grupo Springer capazes de influir na formação da opinião política.

Springer continua proprietário dos seus jornais com uma tiragem diária de, ao todo, 8,5 milhões de exemplares, o que corresponde, conforme o valor dado ao jornal «Bild am Sonntag», a 31 ou a 39,2 por cento da tiragem de todos os jornais alemães. Axel Springer possui ainda 56 por cento das revistas de programas, estabelecendo-se esta relação entre este facto e o seu desejo de uma Televisão particular a par das estações de Rádio e de Televisão, todos elas instituições publicas.

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA 257

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

O presidente do Banco Mundial e antigo secretário da Defesa dos E. U. A., Robert McNamara, quando se avistou com Nasser, no Cairo. À direita, o ministro egípcio da Economia, Hassan Abbas Zaky

UNIVERSIDADE REABERTA NA ARGENTINA

LA PLATA (Argentina), 16 — (A. N. I.) — A Universidade nacional de La Plata, na Argentina, reabriu ontem, depois de ter estado encerrada desde o dia 4, data em que os estudantes invadiram o edifício da reitoria, donde foram violentamente expulsos pela Polícia.

A reabertura da Universidade processou-se calmamente, mas poucos estudantes ali compareceram, devido a um apelo das organizações académicas para que as aulas sejam boicotadas.

Os 426 estudantes detidos pela Polícia, quando os agentes da autoridade intervieram para pôrem termo á ocupação, são forçados a apresentar novos pedidos de admissão na Universidade.

A Polícia manteve durante todo o dia uma vigilância discreta em redor da Universidade.

A primeira bomba atómica explodiu há 23 anos

TRINITY SITE (Novo México), 16 — (A. N. I.) Passa hoje o vigésimo terceiro aniversário da explosão da primeira bomba atómica, em Trinity Site, Novo México.

Às 5 horas, 29 minutos e 45 segundos do dia 16 de Julho de 1945, uma explosão abalou o deserto do Novo México e lançou o mundo numa nova idade — na era atómica.

Foi director do projecto Robert Offeenheiner e chefiou a equipa de cientistas o dr. Edward Telles.

A grande cratera provocada pela explosão não é hoje mais do que uma depressão no solo desértico do Novo México, e a grande torre metálica que sustentou o engenho, foi substituída por um monumento em pedra.

COMBOIOS DO CAIS DO SODRÉ AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas.

Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

MÉDIO ORIENTE

Os terroristas árabes coordenam as suas actividades

CAIRO, 16 — (F. P.) — O jornal «Al Ahram» anuncia esta manhã que as diversas organizações terroristas da Palestina, cujos representantes estão reunidos no Cairo, chegaram a acordo quanto á constituição de um conselho militar comum.

O conselho teria por encargo organizar e coordenar as actividades dos «comandos» terroristas nos territórios ocupados por Israel. A sua sede seria instalada «algures» em território ocupado

NOVO INCIDENTE

TEL-AVIV, 16 — (F. P.) — Forças jordanas e israelitas trocaram ontem á noite tiros de armas automáticas sobre o Jordão — anunciou o Exército israelita.

O incidente gerou-se quando as posições jordanas começaram a disparar sobre as forças israelitas, na região de Sidka, a 8 quilómetros ao norte da Ponte Damia — explica um comunicado, acrescentando que as forças israelitas replicaram e reduziram as posições jordanas ao silêncio, sem sofrerem perdas.

DESMENTE-SE QUE EXISTA UM PLANO NASSER DE PAZ

BELGRADO, 16 — (F. P.) — O informador da embaixada da R. A. U. nesta cidade desmentiu a existência de um «plano Nasser em cinco pontos» para solucionar a crise do Médio Oriente.

O «Borba» havia publicado um plano, citando «círculos bem informados, mas não oficiais». Segundo o mesmo jornal, o plano dividia-se nos seguintes pontos:

1 — Publicação pelos Governos israelita e egípcio de declarações aprovando a resolução do Conselho de Segurança, datada de 22 de Novembro

2 — Evacuação do Sinai, acompanhada da cessação do estado de guerra entre os dois países e o reconhecimento da integridade de Israel, nas fronteiras definidas por aquela resolução.

3 — Fiscalização das Nações Unidas em Gaza

4 — Plebiscito ou acordo sobre o problema palestiniano em geral.

5 — Liberdade de navegação no Canal de Suez, até que o entabolamento de negociações sobre o caso palestiniano permita a admissão oficial da bandeira nacional israelita.

Senhas de alimentação para pobres norte-americanos

WASHINGTON, 16 — (A. N. I.) — Cerca de vinte mulheres «quakers» e setenta patrocinadoras da «Campanha dos Pobres» invadiram ontem os corredores do Capitólio, procurando entregar fatias de pão caseiro aos membros do Congresso, para assim lhes manifestarem o seu acordo com a legislação sobre as senhas de alimentação a favor dos pobres.

As senhas são vendidas em repartições do Governo, com desconto, segundo as necessidades dos compradores e podem ser trocadas por géneros alimentícios, como se se tratasse de dinheiro, em qualquer estabelecimento do país.

CONVERSAÇÕES EM GIBRALTAR QUE PODERÃO CONDUZIR A RELAÇÕES MAIS ESTREITAS COM A GRÃ-BRETANHA

GIBRALTAR, 16 — (R.) — Começam hoje as conversações para a nova Constituição de Gibraltar, de que resultarão, provàvelmente, relações mais estreitas com a Grã-Bretanha.

Nas conversações não será abordado o assunto da independência da colónia britânica.

A nova Constituição deverá estar enquadrada em cinco cláusulas fundamentais contidas num memorando entregue ao ministro de Estado dos Assuntos da Comunidade, George Thomson, durante a sua visita a Gibraltar, no sábado passado.

Segundo o memorando, os habitantes daquela colónia pretendem:

— Relações invioláveis com a Grã-Bretanha.

— Novo estatuto político sublinhando a exclusiva e permanente soberania da Grã-Bretanha sobre a colónia.

— Isenção da lei da Comunidade Britânica (Commonwealth Act).

— Transferência dos assuntos internos para o Ministério do Interior, sujeita a reservas por parte dos membros eleitos.

— Afirmação de que nada será feito pela Grã-Bretanha relativamente á cláusula de opção do Tratado de Utrecht sem o consentimento da população de Gibraltar expresso por meio de uma maioria de dois terços, através de um referendo.

AUMENTA O PREÇO DO TABACO EM INGLATERRA

LONDRES, 16 — (F. P.) — Má notícia para os fumadores britânicos: o preço dos cigarros, do tabaco e dos charutos vai subir, pela segunda vez desde o princípio do ano.

Em Março, uma subida de cerca de 3 por cento fora provocada por um aumento do imposto sobre o tabaco. Desta vez, não é o Governo mas os fabricantes que se vêem obrigados a subir os seus preços de venda de 1.5 a 3 por cento, consoante os produtos.

Esta subida é devida, principalmente, á fixação do novo valor da moeda (dado que a totalidade do tabaco fumado na Grã-Bretanha é importada) e á questão da Rodésia. Com efeito, os ingleses compravam, no passado, a maior parte do seu tabaco á Rodésia.

Silêncio rodeia a visita de Gretchko à Argélia

ARGEL, 16 — (F. P.) — É a primeira vez que um ministro soviético da importância do marechal Andrei Gretchko visita oficialmente Argélia — notam os observadores, a respeito da chegada do ministro russo da Defesa, ontem á tarde, a esta cidade.

Um silêncio absoluto rodeia a sua visita. O marechal deve avistar-se com o presidente Boumedienne e visitar todos os grandes centros militares do país.

É possível — acrescentam os observadores — que a situação militar no médio-oriente seja o centro das conversações Boumedinne-Gretchko. A visita do marechal deve terminar, em princípio, no dia 21.

EM GREVE OS VARREDORES DE TAMPA

TAMPA (Florida), 16 — (F. P.) — Os varredores da cidade de Tampa, na maioria negros, entraram em greve para apoiarem as suas reivindicações salariais. Pedem um aumento de 25 cêntimos por hora.

O presidente do Município adoptou uma atitude intransigente, anunciando que só depois de 1 de Outubro haverá aumentos de salários. Porto de Tampa, em Saint Petersburg, prepara-se um movimento de greve semelhante.

Tal como em Memphis, onde o pastor King foi assassinado em 4 de Abril, os varredores destas duas cidades pretendem também obter o reconhecimento dos respectivos sindicatos.

TRÊS COMBATES PRÓXIMO DE SAIGÃO

SAIGÃO, 16. — (A. N.I.) — A's primeiras horas de hoje, as tropas aliadas travaram três combates com forças inimigas numa área compreendida entre 90 e 25 quilómetros de Saigão — anunciam informadores militares.

Trata-se das primeiras acções de envergadura na área da capital desde há mais de uma semana, a coincidir com os rumores cada vez mais insistentes de que os guerrilheiros se preparam para uma terceira ofensiva contra Saigão.

A CRISE CHECA ALASTRA AO DESPORTO

MESSINA, 16. — (F. P.). — A crise política entre a Checoslováquia e os seus vizinhos da Europa socialista alastrou agora ao campo do desporto: nos campeonatos da Europa de basquetebol feminino, que acabam de terminar em Messina, a equipa da Checoslováquia dirigiu uma grave acusação contra a equipa polaca.

Segundo as basquetebolistas checas, que eram justamente consideradas as mais fortes em prova depois das russas, a Polónia deixou-se vencer deliberadamente pela Bulgária, de modo a que esta equipa fosse apurada para disputar a final com a U. R. S. S., eliminando assim a Checoslováquia dos primeiros lugares.

A comissão disciplinar do campeonato aceitou o protesto, censurando, oficialmente, a atitude da equipa polaca. Mas, ao mesmo tempo, criticou a Checoslováquia pela falta de entusiasmo com que disputou o «jogo de consolação».

HORÁRIO DOS COMBOIOS

SERVIÇO INTERNACIONAL

Porto - Salamanca - Madrid

Partidas às terças, quintas-feiras e sábados de Porto (São Bento) e às segundas, quartas e sextas-feiras de Salamanca com o seguinte horário:

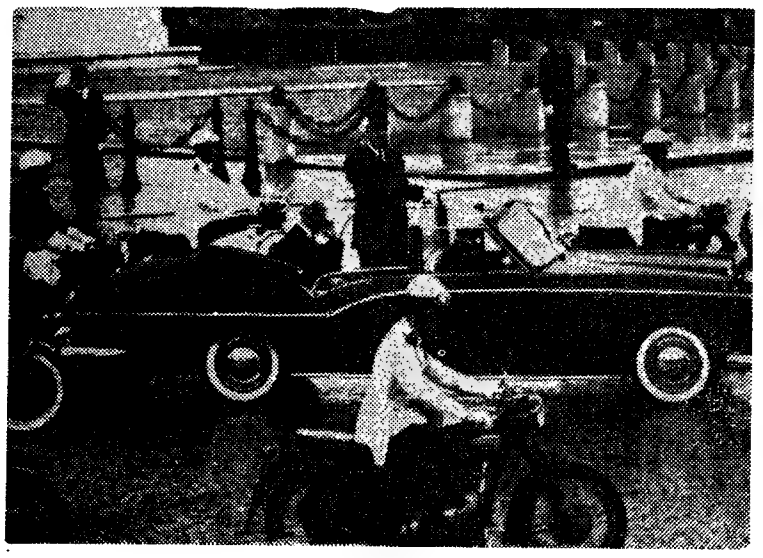
8-30 p.	Porto (São Bento)	—
8-37	Porto (Campanhã)	c. 22-00
8-47	Ermesinde	21-49
9-56	Livração	20-41
11-03	Régua	19-25
11-43	Tua	18-37
12-29	Pocinho	17-50
13-10 c.	Barca de Alva	p. 17-10
13-40 p.		c. 16-38
14-07 c.		p. 16-11
14-22 p.	Fregeneda	c. 15-51
16-42 c.	Salamanca	p. 13-30
18-51 p.		c. 11-42
20-25	Avila	10-11
22-15 c.	Madrid (P. Pio)	p. 8-25

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

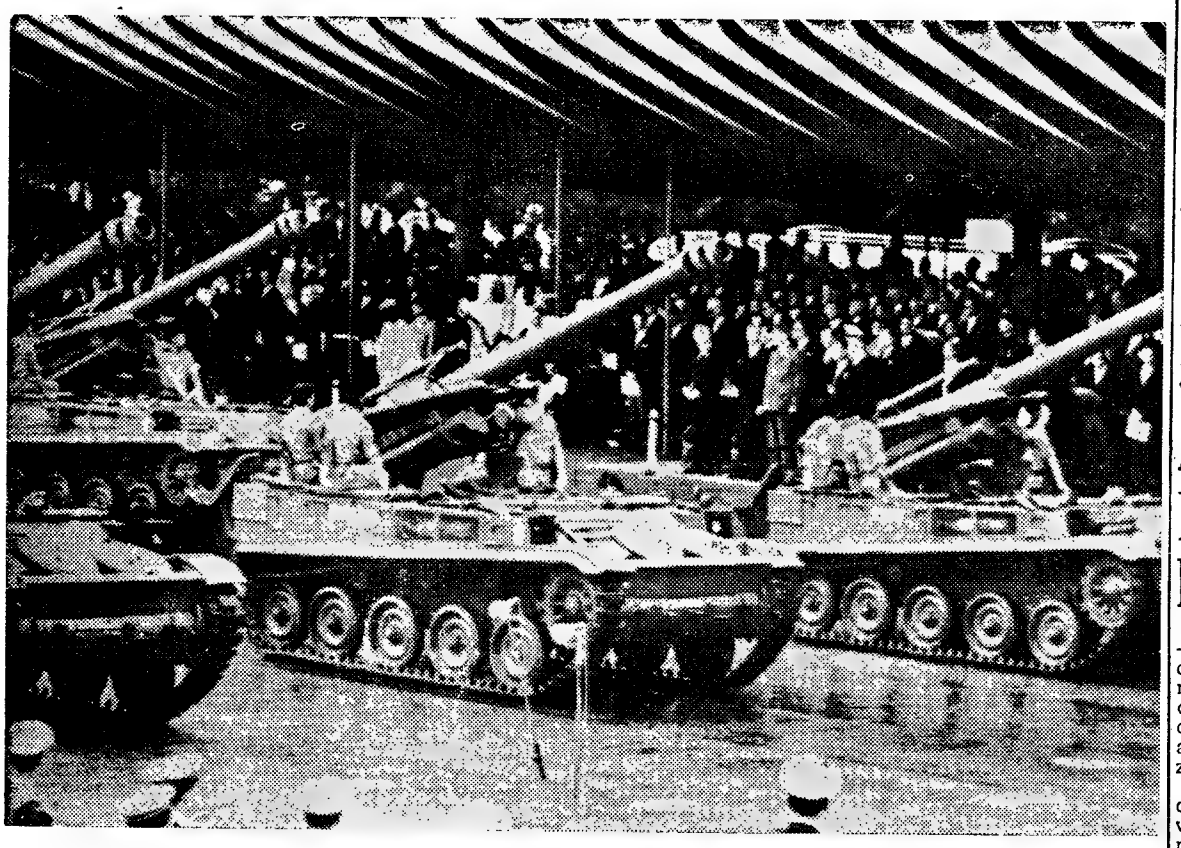
Entrada: Rua do Carmo 98-2.º - Telef 32 65 19

Dr Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — às 18 horas.
Dr Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — às 18 horas.
Dr Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — às 16 horas.
Dr Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 horas.
Dr António Ferrão — Doenças dos olhos — às 14 horas
Dr A de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 horas
Dr Carlos Vilar — Doenças das senhoras e operações — às 18 horas
Dr Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas
Dr Pinto Bastos — Boca e dentes, protese — às 10 horas.
Dr Carlos Ribeiro — Cardiologia, Electrocardiografia — às quintas-feiras — às 16 horas
Prof. Dr Aleu Saldanha — Raios X — às 16 horas
Dr.ª Ana Brás Maria — Ginecologia — ás 3.as e 5.as-feiras — às 16 horas.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA



O presidente de Gaulle (de pé, no carro), chegando, acompanhado pelo primeiro-ministro Couve de Murville, ao Arco do Triunfo, a fim de assistir á parada militar do 14 de Julho, na capital francesa



Novos canhões de 105 mm, montados em tanques AMX, apresentados na parada comemorativa do Dia da Bastilha, em Paris

NELSON ROCKEFELLER CONQUISTA APOIOS

WASHINGTON, 16 — (A. N. I.) — O governador do Estado de Nova York, Nelson Rockefeller, candidato á nomeação pelo Partido Republicano para a eleição presidencial, recebeu o apoio do governador do Colorado, John A. Love, o qual afirmou que apoia a candidatura de Rockefeller «porque considera esse o procedimento certo».

No entanto Love reconheceu que Rockefeller não é o grande favorito e «vai ter muitas dificuldades» para bater o antigo vice-presidente Richard Nixon o candidato republicano actualmente com maior apoio.

O republicano Charles Percy, senador pelo Illinois, manifestou também o seu apoio a Rockefeller e afirmou que o plano de paz para o Vietnam do governador de Nova York «indica absoluta e claramente que ele procura um caminho para pôr termo á guerra»

O plano de paz de Rockefeller, anunciado no sábado, prevê a retirada paralela e gradual das forças militares comunistas e aliadas, tréguas fiscalizadas por uma força internacional de manutenção da paz, inclusão da Frente Nacional de Libertação (ramo político do Vietcong) nas eleições nacionais sul-vietnamianas e a realização de eventuais negociações acerca da possibilidade de reunificação do Vietnam.

Percy salientou que mais de três mil americanos foram mortos no Vietnam desde o início das conversações preliminares em Paris no dia 13 de Maio, e pediu aos delegados americanos ás conversações que intensifiquem os seus esforços.

William Scranton, antigo governador da Pennsylvania, afirmou que os republicanos devem eleger «um homem do seu tempo» e acrescentou que considera Rockfeller esse homem.

ASILO NOS E. U. A. PARA O CARDEAL MINDSZENTY?

WASHINGTON, 16 — (A. N. I.) — O senador Vance Hartke, democrata do Estado Indiana confirmou as notícias de que estava a coordenar esforços para que seja concedido asilo nos Estados Unidos ao cardeal hungaro Joseph Mindszenty

Hartke declarou que «tinha feito diligências junto de círculos do Governo» para que o cardeal, que vive na embaixada dos E.U.A. em Budapeste, desde a revolta de 1956, possa vir para a América do Norte.

O MADISON SQUARE GARDEN ESTÁ A SER DEMOLIDO

(Continuação da 1.ª página)

incluindo Joe Louis, Jack Dempsey, «Sugar» Ray Robinson, Rocky Graziano, Barney Ross e Willie Pepp.

Cassius Clay foi o ultimo peso-pesado a defender o seu título de campeão mundial na arena, onde pairava todas as noites em que havia boxe uma nuvem densa do fumo dos charutos.

A despeito do que representou na história do pugilismo, a maior atracção da história do velho Garden não foi um pugilista, mas o evangelista Billy Graham, que atraiu 1 500 000 pessoas para a cruzada de 16 semanas que ali realizou em 1957.

Nesse mesmo ano, Mike Todd alugou o recinto na Oitava Avenida para uma festa, que lhe custou 400 000 dólares, a fim de comemorar o primeiro aniversário do seu filme «A volta ao Mundo em 80 dias». Elizabeth Taylor, então sr.ª Todd, foi a anfitriã

Após a sua história repleta de acontecimentos, durante a qual assistiu a 150 géneros diferentes de espectáculos, o velho Garden fechou as suas portas pela ultima vez há cinco meses. O ultimo espectáculo que lá se realizou foi uma exposição canina.

CASTIELLA NOS E. U. A.

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Maria Castiella conferenciou ontem, durante mais de quatro horas, com o secretário de Estado norte-americano, Dean Rusk, sobre problemas relacionados com a prorrogação do acordo sobre as bases dos E. U. A. em Espanha.

Castiella apresentou a Dean Rusk um certo número de reivindicações do seu Governo, em especial de um auxílio militar e económico ao seu país.

Não foi publicado qualquer comunicado após o encontro entre os dois ministros, e parece que esta é a última das conversações a um tão alto nível, a realizar antes da abertura das negociações propriamente ditas, provávelmente no início de Setembro. O actual acordo expira a 26 de Setembro

As questões económicas são particularmente importantes para a Espanha : possibilidade de entrada no Mercado Comum — ou pelo menos uma associação com os «Seis» —, eliminação para a Espanha das restrições americanas aos investimentos privados no estrangeiro, nomeadamente na Europa Ocidental.

No plano militar, a Espanha gostaria de poder beneficiar de certas garantias quanto á sua segurança e de um auxílio militar aumentado, em troca da permanência das bases americanas no seu território.

Após o encontro com Dean Rusk, o ministro espanhol recusou-se a fazer qualquer declaração á Imprensa, partindo, ao fim da tarde, para Nova York.

Castiella deve conferenciar hoje com U Thant, na sede das Nações Unidas, antes de regressar a Madrid.

A MARINHA BRASILEIRA OCUPA UM PORTO

RIO DE JANEIRO, 16 — (F. P.) — Noventa soldados de infantaria da Marinha brasileira ocuparam o porto de Itacuruca, situado ao sul do Estado de Guanabara, a fim de pôrem termo ás actividades de contrabandistas que actuam nas redondezas — soube-se ontem no Rio.

Os contrabandistas tinham entrado, a semana passada, na capitania do porto de Itacuruca e sequestrado um oficial de Marinha.

Diversos navios, entre os quais um contra-torpedeiro, foram igualmente enviados para Itacuruca.

PORTUGUÊS MORTO EM FRANÇA

REIMS, 16 — (F. P.) — Um português de 27 anos, José Barata Duarte, encontrou a morte, no domingo, á noite, em Reims, quando se achava numa quermesse.

O jovem passeava, no momento, por detrás de um «stand» de tiro, quando uma bala de carabina 5,5 atravessou a parede e veio alojar-se-lhe na nuca, dando-lhe morte imediata.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS | DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 3 de Agosto às 12 horas — Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 28 a 31 de Julho.

«PÁTRIA» a sair em 9 de Agosto ás 12 horas — Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 4 a 6 de Agosto.

«BENGUELA» a sair em 14 de Agosto — Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 8 a 12 de Agosto.

«LOBITO» a sair em 27 de Agosto — Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário) LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário) Carrega de 21 a 25 de Agosto

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 9 de Agosto ás 18 horas — Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, SAN JUAN DE PUERTO RICO, PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

TORRALTA

CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S.A.R.L.

PRAIA DE ALVOR
A L G A R V E

TABELA DE PREÇOS

APARTAMENTOS ORGANIZADOS

TIPO A

Estudios compostos de:
1 sala c/sofá-cama para 2 pessoas, grande varanda, casa de banho e «kitchenette» equipada c/pequeno fogão, frigorífico e louças.

Preço diário
— Por Pessoa: 125$00

TIPO B

Apartamentos compostos de:
1 sala c/sofá-cama para 2 pessoas, 2 quartos c/2 camas cada, 1 casa de banho, cozinha completamente equipada e grande varanda.
Ocupação: até 6 pessoas.

Preço diário por apartamento

Julho	: 480$00
Agosto/Setembro	: 600$00
Nov. a Março	: 240$00

TIPO C

Apartamentos compostos de:
1 sala c/sofá-cama para 2 pessoas 3 quartos de 2 camas cada, 2 casas de banho, cozinha completamente equipada e 2 varandas.
Ocupação: até 8 pessoas.

Preço diário por apartamento:

Julho	: 560$00
Agosto/Setembro	: 720$00
Nov a Março	: 320$00

NOTA: — Nos preços indicados está incluida a limpeza diária e fornecimento de roupas e louças.

APARTHOTEL TORRE «C»

Quarto c/2 camas e casa de banho privativa e varanda
Preço: incluindo pequeno-almoço. Por Pessoa: 165$00

SERVIÇO DE RESTAURANTE:

Pequeno-almoço	10$00
Cada refeição	50$00

ou

Serviço à lista em carta muito variada

NESTES PREÇOS ESTÃO INCLUIDAS TODAS AS TAXAS, QUER PARA ALOJAMENTO, QUER PARA RESTAURANTE

O nosso Complexo Turístico dispõe de:

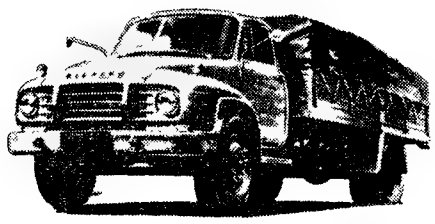
— Salas de Convívio
— Solário
— Bares
— Restaurantes
— Boîte
— Piscina
— Instalações Balneárias
— Barcos para pesca desportiva e ski aquático

NOTA: — Fazem-se preços especiais para estadias longas de um mês e para grupos de agências de viagens ou organizações de férias.

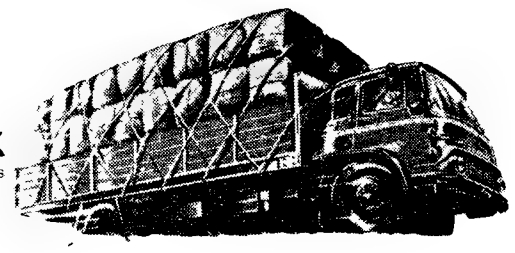
RESERVAS: Av. Duque de Loulé, 66-A, em Lisboa (telefones 54479 e 51748) e Praia de Alvor (telefone 428 de Portimão), ou na sua agência de Viagens

BEDFORD

CAMIÕES PARA TODOS OS FINS



modelos J
3.500 a 10.433 Kgs
de peso bruto



modelos K
3.500 a 15.000 Kgs
de peso bruto

O proprietario da BEDFORD esta sempre protegido pelo serviço de assistência General Motors - SOREL que lhe assegura uma manutenção pronta e eficiente

SOREL CONCESSIONARIA DA GM PORTUGAL
RUA FILIPE FOLQUE, 12 — TEL. P.P.C.A. 58111 (6 LINHAS)
RUA D. LUIS I, 28 — TEL. P.P.C. 662755 665849
LISBOA

ATENÇÃO

ENTREGUE A MANUTENÇÃO DO SEU ASCENSOR À

A REPARADORA DE ASCENSORES IMPÉRIO, LDA.

REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO

RUA DA ARRÁBIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 685531 - 682007

GRANDES DESCONTOS
A PRONTO
FRIGORÍFICOS
ÚLTIMOS MODELOS
RÁDIO REPARADORA-Rua da Palma, 179 (frente aos Correios)

F. RAMADA

COMUNICA QUE AS FÉRIAS ANUAIS DOS SECTORES FABRIS, TERÃO LUGAR DE 1 A 19 DE AGOSTO.

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

Em ALVERCA o «DIARIO DE LISBOA», encontra-se á venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Julho de 1938 publicava:

«Referimo-nos há dias ás cartas que, por insuficiência de endereço, não chegam ao seu destino. Dentro dessa espécie de missivas há que abrir um capítulo á parte para aquelas que trazem endereços cómicos ou disparatados. A publicação de alguns desses endereços daria para um numero do nosso humorístico «Sempre Fixe», se não estivesse já recheado de boa graça portuguesa.

«No Instituto Nacional do Trabalho, por exemplo, recebeu-se um postal com esta indicação no lugar reservado ao endereço: «Pedesse o fabor de entregar no Estituto do Trabalho. Parece-me qué para o Terreiro du Paso».

«E lá foi ter.»

«Não, ELE É o «beatnik». Eu sou uma pessoa sem valor».

CURIOSIDADES

● Na era nuclear

Segundo revelou, na abertura do Curso da Escola Internacional de Investigação Nuclear, que, este ano, decorre em Espanha, o presidente da Junta de Energia Nuclear daquele país, Otero Navascués, o mais potente acelerador nuclear de partículas poderá ser ali instalado.

Essa poderosa máquina de 300 gev ficará instalada nas proximidades de El Escorial.

● Bichos em cativeiro doirado

Foi feito o inventário dos bichos do Jardim Zoológico de Amesterdão, o conhecido «Artis» — operação difícil, principalmente no que diz respeito a peixes e répteis, os quais foram apenas avaliados, de forma global e aproximada.

Posta essa ressalva, foi possível com suficiente precisão calcular em 8700 o total dos animais de 1829 diferentes espécies que vivem naquele doirado cativeiro.

ANEDOTAS

Na escola:

— Ora bem, na parte setentrional da Itália temos os Alpes; e ao meio-dia o que temos, Alfredo?

— Ao melo-dia temos que almoçar, senhor professor.

*

Na enfermaria militar.

— Então como vai isso? — pergunta o major, dirigindo-se ao 28, que está de dieta há uma semana.

— Hum...

— Querias comer?... Hem?!

— Queria, meu major!

— Gostas de peixe?

— Gosto, sim, meu major.

— Bom. Vou dizer ao enfermeiro que te dê duas colheres de óleo de fígado do bacalhau.

*

A mulher, depois de ter passado a noite toda á espera do marido, ataca:

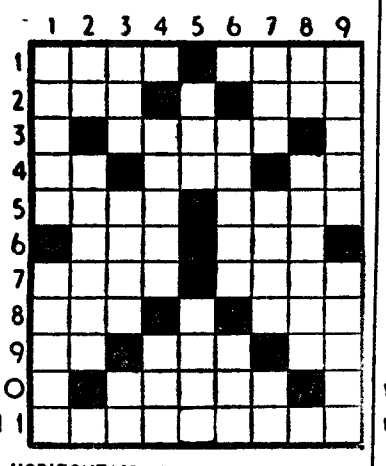
— És capaz de me dizer por que razão vens para casa ás sete da manhã?

— Por causa do pequeno-almoço!

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4880



HORIZONTAIS: 1 — Equipo Dois mil e seiscentos em romano. 2 — Bondoso. Escudeiro 3 — Lograr. 4 — Em a. Monarca. Pronome pessoal 5 — Lavrem. Sair frequentemente á rua 6 — Sapo do Amazonas. Árvores com cuja casca se aromatiza o vinho. 7 — Conduz para cá Transpiras 8 — Chefe etíope. Nome de uma letra. 9 — Artigo definido. Ruim Viração 10 — Cidade do Egipto 11 — Acorrentaram

VERTICAIS: 1 — Apresenta como bom Ponta de areia em frente de Setubal. 2 — Letra grega. Aves trepadoras. 3 — Dois mil e cem em romano Estavas. Cabelo branco. 4 — Ilha do golfo pérsico. Oceano. 5 — Alumen. Tombar 6 — Freguesia do concelho de oimbra. Larva das feridas dos animais. 7 — Grande quantidade. Cidade do estado da Baía (Brasil). Sufixo que designa estado 8 — Quinhentos e um em romano Cidade de Espanha 9 — Gastar Curam.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4879

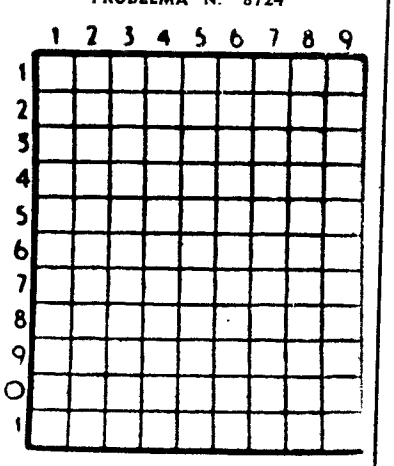
HORIZONTAIS: 1 — Apar. QUEM 2 — Com. A. U. C. E'. 3 — Ab. Alauda. 4 — Br. Ain. As. 5 — Aer. Ódio. 6 — Uma. Om 7 — Nota. Ali. 8 — Ao. Eis AC. 9 — Botara. Oco. 11 — Arma. Eras.

VERTICAIS: 1 — Acabar. Abra. 2 — POBRE. NÃO. 3 — Am. Rua. TEM 4 Aa. Ateara. 5 — Alio. Aira. 6 — Quando. Sa. 7 — UÇU. Ima Or. 8 — Dão. Lança. 9 — Meãs VÍCIOS.

Provérbio: QUEM É POBRE NÃO TEM

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8724



HORIZONTAIS: 1 — Deus dos pastores. Colorido. Nota musical 2 — Vaso onde se guardavam as cinzas dos mortos. Substancia gorda, de composição análoga á do éter e do álcool. 3 — Camareiras. Educa. 4 — Vigia. 5 — Lavrais 6 — Estrépito de desmoronamento. Oásis. Cobalto (s. q.). 7 — Caminharem. Rio da China. 8 — Pequena bigorna de aço e sem hastes. Uma das abreviaturas de Madeira. 9 — O mais. Larva das feridas dos animais. Letra grega 10 — Ficar sem se mover (animal). 11 — O apontar da manhã Montão de molhos de palha, de trigo ou de centeio, sobrepostos em forma de cone

VERTICAIS: 1 — Ponta aguda Frigira. 2 — Contiga Rio da Russia. 3 — Creme. Pertences. Futil (inv.ª). 4 — Ligaram por casamento. Joeira. 5 — Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Boi selvagem. 6 — Caída de novo. Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suiça. 7 — Voz imitativa do ruído de cousa que se parte, especialmente de vidros. Dois mil em romano. Nota musical. 8 — Árvore frondosa. Filtrar. 9 — Fileira. Cidade do México (estado de Vera Cruz).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8723

HORIZONTAIS: 1 — Como. Acém 2 — Caiaram. 3 — Sr. DI. 4 — As. Ovo. Ar. 5 — Lais. Ramo 6 — Aba. Ras. 7 — Até. Cem. 8 — Elmos. 9 — MM. Ois. Mu. 10 — Coa. Sal. 11 — Carcomida.

VERTICAIS: 1 — Cala. MMCC. 2 — Oc. Sabo. Moa. 3 — Mas. Iate. Ar. 4 — Oiros. Elo. 5 — Mimo. 6 — Ardor. Cós. 7 — Cai. Ares. Si. 8 — Em. Amam. Mad. 9 — Prós. Aula

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CAMPANHA de FACILIDADES

GUERRA AO STOCK

Tudo mais barato!
Tudo facilitado!
... e a Looooongo prazo!

EM 30 MESES SEM ENTRADA

15 DIAS de FANTÁSTICAS OFERTAS

Preços de arrazar!
Facilidades à sua escolha!

PAGUE COMO QUISER!

NÃO TRAGA DINHEIRO e... COMPRE À VONTADE!

Jardo

ONDE V. COMPRA TRANQUILIDADE

... e ainda recebe grátis um seguro de vida de valor igual ao das compras efectuadas!

AV. DA LIBERDADE, 131
AV. ALM. REIS, 124
R. S. BENTO, 53-57
P. DE LONDRES, 7
R. 1º DE MAIO, 146 (S. Amaro)

A CP DESEJA-VOS UMA BOA VIAGEM

EXCURSÕES DO DIA 21 DE JULHO

LISBOA A LEIRIA, PINHAL DE LEIRIA, S. PEDRO DE MUEL, PRAIA DA VIEIRA E MONTE REAL
(TRANSPORTE EM COMBOIO, COM AR CONDICIONADO, CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO E ALMOÇO)
Preço em 1.ª classe ..... 185$00

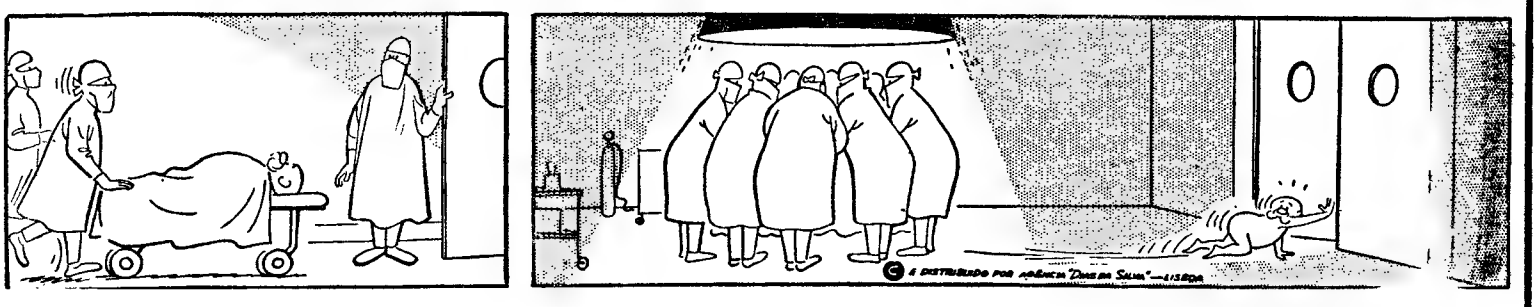
LISBOA A NAZARÉ, PRAIA DAS PAREDES, S. PEDRO DE MUEL, PRAIA DA VIEIRA, MONTE REAL E LEIRIA
(TRANSPORTE EM COMBOIO, COM AR CONDICIONADO, E CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO)
Preço em 1.ª classe ..... 135$00

SÓ TRANSPORTE EM CAMINHO DE FERRO
(PREÇO EM 1.ª CLASSE, COM AR CONDICIONADO)

LISBOA A TORRES VEDRAS e volta ..... 33$00
LISBOA A CALDAS DA RAINHA e volta .... 55$00
LISBOA A S. MARTINHO DO PORTO e volta 60$00
LISBOA A VALADO e volta ..... 68$00
LISBOA A MARINHA GRANDE e volta ..... 77$00
LISBOA A LEIRIA e volta ..... 82$00

BILHETES A VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) E LISBOA (ROSSIO), NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS, NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES (RUA DO ARSENAL, 124) E NOS DESPACHOS CENTRAIS DO CAMINHO DE FERRO, EM LISBOA

AVENTURAS DO TIO CARLOS



PROPRIEDADES

— VENDAS —

ANDAR

LISBOA — POR 370 CONTOS — Em bom local perto de eléctrico c/ 4 enormes casas assoalhadas. Construção e acabamentos de 1.ª. Roupeiros, varandas, etc.

TRATA:

A SONIPAL

R. Conde Redondo, 14-2.º
Telef. 5 22 48

PRÉDIO

POR 1.030 CONTOS: Amadora de gaveto, acabado de construir hab., c/ 3 casas assoalhadas, rendas desde 800$, etc. Rende 74.500$00.

TRATA:

A Luzáfrica

Calç. do Carmo, 6, 2.º (angulo do Rossio) — Telefs. 368080 - 324524

Contacto

PUBLICIDADE
Telef. 763231

PROPRIEDADES

DINHEIRO

s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições, 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, R. da Prata, 291, 2.º-Dt.º Tel. 325487 — 370618 (junto à P. da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA — Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs. 30259 - 34755.

TELEVISORES
AS MELHORES MARCAS
MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO
CASA M. L. FERREIRA
R. D. Estefânia, 48, 1.º andar
(Junto ao Largo)

DINHEIRO
PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juros da lei
RAPIDEZ E SIGILO
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

DINHEIRO

EMPRESTAMOS a partir de 20 contos, em 1.as hipotecas de propriedades nas melhores condições, José Santos, Lda., Rua dos Correeiros, 101, 1.º.

COMPRAS

TERRENOS dentro da cidade de preferência muito próx. da Fundação Gulbenkian.

Pagt.º a dinheiro e só tratamos com o próprio — Resposta a este jornal, R. da Rosa, 57-2.º, ao N.º 365

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

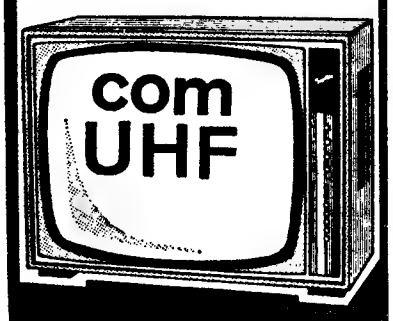
CATRAIO...
COM REQUINTE, À SUA MESA

PRÉDIO

NA ESTRELA

POR 4780 CONTOS, SITUAÇÃO PRIVILEGIADA, bonito imóvel, estrutura em betão armado, óptimos acabamentos, composto de r/ chão e 4.º andar, direito e esquerdo, 3 assoalhadas por inquilino, todo alugado, a render 286 320$00. Facilitam-se 900 contos á Caixa. Trata: UNIÃO EBORENSE — Av. Almirante Reis, 95, 1.º, Dt.º — Telefs. 45722 - 536346.

VEJA OS NOVOS TELEVISORES
SALORA
Premiado com MEDALHA de OURO



SALORA
O TELEVISOR FINLANDÊS DE ALTA QUALIDADE
totalmente fabricado e montado na Finlândia
QUALIDADE E TÉCNICA EXCEPCIONAIS • MELHOR IMAGEM, MELHOR SOM
À VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA: R. António Enes, 20-1.º Tel. 535057
PORTO: Rua Formosa, 172 Tel. 26902

— ANDARES —

LUMIAR — 3 ass., 1 c. banho, coz., desp., 1 roup., hall e marquise, desde 260 c. a 290 c.
OLIVAIS-SUL — 4 e 5 assoalh., 2 e 3 c. banho, coz., desp., 2 roup., preços: desde 390 c. a 445 c.
RESTELO — 3 e 5 ass., 1 e 2 c. banho, hall, desp., coz., roup., madeiras, azulejos e louças de cor, preços: desde 280 c. a 700 c.
ALVALADE — 5, 6 e 7 assoalh., coz., 1 e 3 c. banho, desp., preços: desde 800 c. a 1.300 c.

ORCOSI

R. 1.º de Dezembro, 45-3.º Esq. — Telefs. 36 74 44/32 31 72

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2º TELEF. 369384

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18 - A.

FRIGORÍFICOS

PREÇOS FANTÁSTICOS!

130 litros	.....	2.300$00
170 »	.....	2.950$00
200 »	.....	3.200$00
275 »	.....	4.500$00

CASA M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48, 1.º ANDAR
(Junto ao Largo)

TEM OS SEUS PNEUS LISOS?
CUIDADO: NÃO ARRISQUE A VIDA...
TROQUE-OS POR NOVOS!
SARAIVA & GONZALEZ, LDA. — Av. Duque de Avila, 26-B
— Telef. 51962 —

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

A FIRMA Albertino Henriques da Silva, Ld.ª, compra carros de qualquer marca e modelo, a pronto pagamento. Rua das Amoreiras, 191-A (a Campolide).

Contacto

ANÚNCIOS
Telef. 847260

FURGONETAS: Volkswagen Microbus 9 lug. 1963; Volkswagen utilit.ª 5 lug. e carga, 1958; Austin A-70 utilit.ª, 1956. Fac. troca e pag. Vende:
MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

Taunus 20-M, 1968; Taunus 20-M, 4 portas, 1967; Fiat 850 Coupé 1967; Volkswagen, 1300, 1967; Riley Kestrel, 1966.
Vende: CRISAUTO, LDA. — Av. João Crisóstomo, 13-A.

Jaguar Mark Ten, 1967; Jaguar Typ, é transformável, 1963; Cortina G. T., 1966; Austin 850 Cooper 1967; Austin 850, 1967; Vauxhall V. X. 4.90, 1966.
Fac. pagamento e troca.
Vende:
MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

Fiat 850, 1966; Simca 1000 GL, 1965; M. G. Midget, 1963; Volkswagen Variant S, 1963.
Rec. troca. e pag. Vende: MARCELO: Av. João Crisóstomo, 47-C.

ALUGUER:

NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras, Av. João Crisóstomo, 89
- 57.445 — P. P. C. A. 560071/2/3 BELCAR — Av. 5 de Outubro, 42-B
- 53.4657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49.612 — Jomil Auto — R. Ponta Delgada, 40-A-B
- 76.9848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42.890 — Taxis Universo, Ld.ª Av. Republica, 26
- 53.7476 — REIUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º
- 72.7654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av.ª Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A
- 53.9168 — 53.9345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 6-D
- 53.2999 — SOMARIAUTO Av. João Crisóstomo, 62-A

EUROCAR
Automóveis s/ condutor
Av. Barbosa Bocage, 1
Telefs. 761987 - 769848 - 712773

PORTA-BAGAGENS
em diversos tamanhos
ALFREDO & DIOGO, LDA.
R. Carvalho Araujo, 49-A
LISBOA-1 — Telef. 836231

VULCAIN
RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

80$00 POR DIA
ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA

LISBOA
P. Olegário Mariano, 6-D
Telef. — 553843 - 532637
FARO:
Av. da Republica, 134
Telef. 23928
AGENTES DA
EUROPCARS
Podemos, ainda alugar-lhe carro para a Europa pagando em Lisboa.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

Circunstâncias certamente divorciadas do bem comum pareceram apostadas em perturbar a ultimação da obra

– declarou o dr. Miguel Quina na inauguração da Mabor Angolana

(Continuação da pagina central)

«Foi pena Angola não merecia tais demoras

«E se pensarmos como seria mais cómodo e rentável produzir na Metrópole e exportar, já que aí existiam investimentos, apetrechamento técnico, pessoal e experiência que aqui foi mister criar de novo — tudo de novo — não será irreverência afirmar que merecíamos a compreensão que nos foi concedida.

«Há tanto a fazer, são tão vastos e promissores os caminhos e os recursos, que não podem prevalecer despropositados intentos, que não servem o bem comum, mormente quando era e é o interesse do País que está em causa.

«Alguns, porque nos desconheciam, chegaram a supor que nos havia falecido a coragem. Enganaram-se. Do atraso não somos responsáveis, nem por acção, nem por omissão.

«E a obra pode finalmente prosseguir.

A necessidade de atingir o paralelismo no crescimento dos vários territórios portugueses

«Com a sua superior visão do interesse nacional o Governo, sob a presidência do eminente estadista que perpetuou Portugal em Angola e pelos orientadores do departamento do Ultramar, bem como o Governo-Geral da Província, pela sua mais alta figura e pelo superior responsável do sector da economia, fizeram renascer a possibilidade de se erguer esta magnífica unidade industrial. Honra ao seu alto espírito de governantes.

«Persistimos, porque se impunha oferecer a Angola este elemento de progresso.

«Se assim não fora, se apenas o lucro tivesse sido o elemento originário e dinamizador deste empreendimento, posso assegurar a V. Ex.as que não estaríamos aqui no dia de hoje.

«Uma breve análise mostra que assim é. Basta atentar em alguns numeros e no regime jurídico por que se vai disciplinar a Mabor Angolana durante o período de exclusivo de fabrico.

«É sabido de todos que a produção efectiva da fábrica está muito aquém da sua capacidade ideal de fabrico, por a dimensão do mercado não aconselhar outro volume de produção que não seja o suficiente para responder ás necessidades do consumo local.

«Do facto decorrem duas consequências: á grandeza do empreendimento e volume de capitais investidos não corresponde uma correlativa produtividade imediata; a rentabilidade prevista está longe de caracterizar a industria de pneus e camaras-de-ar em Angola como uma actividade particularmente rendosa.

«É claro que, á medida que o parque automóvel da Província se for ampliando — crescimento directamente condicionado pelo alargamento da rede rodoviária e pelo desenvolvimento económico geral — a empresa terá outras e melhores perspectivas, que, por enquanto, se lhe não oferecem.

«Também não é possível confiar demasiado na expectativa da exportação para o estrangeiro como factor compensatório para a pequena dimensão do mercado consumidor da Província, pois, para além da evidente dificuldade de competir, desde logo nos mercados internacionais com as grandes fábricas da Europa e da América, são bem conhecidas as limitações á exportação dos nossos produtos para os mercados circunvizinhos.

«Os nossos accionistas, ao optarem na aplicação dos seus capitais, muitas vezes produto de pequena poupança, tiveram bem a consciência do alto valor do empreendimento de que é directamente beneficiária a Província de Angola.

«À Mabor Angolana foi concedido um exclusivo de fabrico durante dez anos e uma parcial reserva de mercado, medidas imprescindíveis á sua viabilidade económica.

«Não é a primeira vez que, em homenagem a idênticas razões, são estabelecidas medidas protectoras desta natureza, as quais visam criar condições necessárias á realização de empreendimentos de relevante interesse geral. No nosso caso, a sua oportunidade é corroborada pela premente necessidade de incentivar a economia de regiões em desenvolvimento, para que rápidamente se atinja o paralelismo no crescimento dos vários territórios que compõem o espaço português, pressuposto base da liberalização de trocas que se deseja.

«Só assim se poderá alcançar a dupla finalidade prosseguida realizar uma unificação de mercado e elaborar e executar uma política económica ao serviço de uma mais vasta expansão global e de um rápido suprimento do «déficit» evolutivo de certas regiões.

«Òbviamente, a Mabor Angolana não tinha possibilidade de atingir o limiar da rentabilidade se o reduzido mercado consumidor de Angola fosse livremente partilhado. Em contrapartida foram estabelecidas restrições na distribuição de resultados, imposta uma compreensível preferência pelo fabrico de produtos de interesse para a defesa nacional e ainda a obrigatoriedade de democratizar o seu capital social nos aumentos que venham a verificar-se. Em suma, restrições e encargos que não são comuns nem habituais, mas que, nem por isso, deixaram de ser aceites porque lhes preside o interesse de todos

A Mabor dispõe do mais avançado «background» tecnológico

«A Mabor Angolana não só cumprirá aquilo a que está estritamente obrigada como excederá esses imperativos; e a prová-lo está já o projectado aumento de capital, concedendo uma preferência aos pequenos subscritores que verão as suas inscrições totalmente satisfeitas

«A Mabor Angolana cuidou muito particularmente do elevado nível de qualidade dos seus produtos, dispondo para o efeito de laboratórios equipados com a mais actual aparelhagem e informação científica, e assegurando-se com assistência técnica da mais avançada no fabrico de pneus e câmaras de ar.

«Ninguém desconhece que o pneu de hoje já pouco tem de comum na sua estrutura composição e superfície de tracção com o do passado, e até de um passado recente. O de amanhã será, com certeza, diferente dos pneus de hoje.

«A investigação no domínio da Química, as alterações do piso das estradas, a própria potência e suspensão dos veículos automóveis solicitam e impõem modificações sucessivas na confecção dos pneus, para que diminuam os riscos da condução sem perda de velocidade e conforto tendo em atenção as condições de clima e as características das rodovias.

«Pois a Mabor dispõe do mais avançado «background» tecnológico e está atenta e receptiva a todos os progressos, de forma a garantir uma constante e perfeito actualização da qualidade dos seus produtos.

«Sabe-se que no preço de custo já não são as matérias-primas que desempenham o papel mais significativo, mas sim a mais valia tecnológica e o trabalho incorporados no produto. Não obstante os encargos que essa permanente actualização exige, a nova unidade industrial não se limitará a fabricar pneus: apoiada pela maior e mais experiente fábrica nacional de pneus — a Manufactura Nacional de Borracha — e assistida tècnicamente por uma organização mundial deste sector — a General Tire Rubber Company — está em condições de assegurar o mais elevado nível técnico a qualidade da sua produção

«No desempenho do honroso mandato do Conselho de Administração, e em meu próprio nome, desejaria deixar aqui uma palavra de muito alto apreço e de sincero respeito e gratidão por quantos tornaram possível este empreendimento.

«Salientarei em primeiro lugar o Governo da Nação, saudando-o nas pessoas ilustres de Suas Excelências o ministro do Ultramar e o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino. Tanto deve Angola ao seu esclarecido e incansável labor. A V. Ex.a, senhor subsecretário de Estado, cuja presença neste acto muito nos honra e desvanece, permito-me pedir que aceite, e seja intérprete, junto de S. Ex.a o ministro do Ultramar, dos nossos sentimentos de profundo respeito.

Homenageada a figura do conde da Covilhã

«Desejo igualmente saudar o Governo-Geral de Angola, que sempre acarinhou e encorajou esta iniciativa, cujo interesse para a Província tão bem soube interpretar e sentir, e bem assim as demais autoridades da Província em quem a Mabor Angolana tem encontrado valiosa compreensão e apoio, que seria injusto não enaltecer.

«Saúdo ainda o Banco Emissor da Província e o Banco de Fomento Nacional expressando-lhes o muito apreço e reconhecimeto desta casa extensivos aos Bancos Comerciais a que estamos mais estreitamente ligados — o Banco Borges & Irmão e o Banco de Crédito Comercial e Industrial.

«É-me também muito particularmente grato homenagear nesta oportunidade a figura do senhor Conde da Covilhã, que superiormente preside aos destinos do grupo de empresas em que se integra a Mabor Angolana, e nelas sempre tem sabido transfundir o seu esclarecido espírito de empresário e realizador, sem deixar de as assinalar com a marca do alto sentido humanista que o distingue. Banqueiro e industrial de excepcional relevo, à sua vontade e inteligência criadora muito deve já o progresso económico-social do País.

«E seja-me também permitido que de entre os seus mais dedicados colaboradores distinga o senhor Henrique da Fonseca Malheiro Dias, obreiro inteligente e infatigável do grande complexo industrial que já é hoje a Mabor.

«A General Tire Rubber Company a que, além dos laços económicos, estamos ligados por velhas e amistosas relações pessoais, dispensou-nos uma vez mais um apoio valiosíssimo a que não pode deixar de ser dado o merecido relevo.

«Finalmente, apraz-me prestar homenagem—e faço-o com a maior satisfação — à inteligência, dedicação e proficiência dos dirigentes, técnicos e operários que tão bem planearam e realizaram este empreendimento fabril.

«A todos muito obrigado.

«Meus senhores:

«Chegou-se ao fim da implantação desta fábrica Ela pertence a Angola. E não pretende, aliás, ser outra coisa que uma pedra mais para o grande edifício da indústria angolana, um voto de confiança no progresso de Angola e de Portugal.»

Dr. Ruy Patrício: a nova fábrica constitui componente valioso do parque industrial de Angola

A seguir usou da palavra o Subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, dr. Ruy Patrício, que disse:

« A inauguração oficial desta importante unidade industrial, que constitui componente valiosa do parque industrial de Angola e cujas origens, características, dimensões, efeitos propulsores, directos e indirectos, na economia da província já foram expostos com clareza e estão, em parte, patentes aos nossos olhos, suscita-nos algumas breves considerações em volta de temas importantes.

Este acontecimento exibe o espírito que anima os modernos empresários portugueses; constitui prova do respeito e da protecção que a nossa ordem jurídica e a política do Governo facultam ás iniciativas particulares válidas que se exerçam de harmonia com os interesses da Nação; demonstra a realidade e a efectiva execução da política de integração económica nacional; é mais um elemento importante da expansão do sector industrial de Angola e do desenvolvimento económico geral que se verifica na província; e, como tal, manifesta, mais uma vez, o desafio de competição pacífica para o progresso que hoje lançamos em África.

Seria, sem dúvida, pelo menos exagerado afirmar que o objectivo do lucro deixou de presidir á empresa privada dos nossos dias, mas é verdadeira a afirmação de que os modernos empresários portugueses, quando merecem essa qualificação, se inspiram igualmente por outras preocupações, as quais se ligam á mais correcta orientação dos seus investimentos de harmonia com uma programação da economia portuguesa no seu conjunto, á intensificação das relações de complementaridade técnica, comercial ou financeira, entre os diferentes territórios e actividades produtivas nacionais e á obtenção de melhores resultados sociais da sua produção através da equilibrada distribuição dos rendimentos por elas gerados. Com estas preocupações se dentificaram, sem dúvida, os empresários da Mabor Angolana que planearam e executaram os investimentos feitos neste empreendimento.

Ao definir, no Decreto n.º 46 518, de 4 de Setembro de 1965, os condicionalismos legais que ficaram definitivamente a reger a instalação e o funcionamento da fábrica de pneus e câmaras de ar em Angola, teve o Governo em conta alguns princípios básicos.

Um objectivo (incentivar o crescimento económico dos territórios menos desenvolvidos) e o meio de o servir

Entre outros, avultou o do respeito devido á posição de uma iniciativa privada válida que se exerceu em determinado condicionalismo legal. Houve, naturalmente, que resolver alguns delicados problemas de compatibilização entre o regime geral decorrente dos diplomas legais básicos reguladores da integração económica nacional e a situação concreta em causa. A solução encontrada respeita, naturalmente, o espírito daqueles diplomas, os quais, aliás, não estabelecem soluções rígidas e definitivas em todos os campos e para todos os problemas, antes pelo contrário, constituem aqueles diplomas — e nisso consiste o seu principal mérito tantas vezes injustamente esquecido — um corpo completo de princípios orientadores traduzidos, por sua vez, em soluções técnicas dotadas da flexibilidade necessária para a sua adaptação ás circunstancias e ás novas soluções ditadas pelo progresso do conjunto nacional e de cada uma das suas partes componentes.

Afiguram-se suficientemente claras e expressivas do pensamento orientador seguido neste caso as razões expostas no preâmbulo do Decreto N. 46 518, que me permite aqui recordar:

«A política de integração económica nacional, além dos mecanismos que lhe são inerentes de liberalização interterritorial, de trocas de mercadorias e de serviços e de pagamento, exprime-se ainda noutros aspectos de grande interesse económico e de não menor importância política: são os relativos ás directrizes específicas que imprime a política de desenvolvimento dos vários territórios nacionais. Estas perspectivas levam a admitir prioridade para os investimentos que atenuem disparidades regionais de desenvolvimento, fomentando o crescimento económico dos territórios e regiões menos desenvolvidos e ainda para aqueles que criem ou fortaleçam laços de complementaridade económica, financeira ou técnica entre as diferentes parcelas do território português. O objectivo de icentivar o crescimento económico das regiões menos desenvolvidas do território nacional através de investimentos directamente reprodutivos leva a procurar cercar, quando tal se revele necessário, os novos empreendimentos, de medidas de protecção adequadas, capazes de assegurar a sua viabilidade económica durante um período considerado suficiente para a sua realização e consolidação. Esta política teve consagração legislativa nos diplomas que estabeleceram o quadro geral dos mecanismos de integração económica nacional, designadamente no disposto nos Artigos 5.º do Decreto Lei n.º 44 016, de 8 de Novembro de 1961 e 1.º do Decreto Lei n.º 44 652 de 27 de Outubro de 1962. De entre as medidas de protecção a novos empreendimentos industriais, tem já tradição na legislação industrial portuguesa metropolitana e ultramarina o exclusivo de fabrico concedido por períodos limitados de tempo. Esta protecção justifica-se quado, recohecdo o interesse nacional na criação de uma indústria, a extensão do mercado do respectivo território não permite, a ser aquele partilhado, que o estabelecimento industrial se instale na dimensão mínima e economicamente viável. A concessão do exclusivo de fobrico a uma empresa coloca o importante problema da defesa dos interesses dos consumidores dos respectivos produtos, contra eventuais abusos de poder económico. A História Económica Contemporânea demostra constituir eficaz mecanismo compensador de poder económico a intérvenção directa do poder público na fiscalização da qualidade e preço dos produtos quando não existem condições de uma concorrência que, pelas próprias caracteristicas do mercado, se possa exercer equilibradamente».

Assim tem vindo a ser definida e executada a política de integração económica nacional em estreita conjugação com a política do desenvolvimento harmónico de todos os territórios que compõem a Nação Portuguesa. O balanço objectivo dos factos e das realizações mostra a dimensão do esforço já realizado numa conjuntura particularmente difícil em que não podem deixar de influir os condicionalismos do esforço de defesa da integridade nacional em que estamos empenhados.

Legislação orientada para o desenvolvimento económico do Ultramar

Assim, por exemplo, e em relação ao programa de acção estabelecido no Decreto Lei n. 41 652, o qual é corrente citar, será pertinente recordar a publicação do novo regime de condicionameto industrial à escala nacional, com grande influência o de envolvimento industrial das províncias ultramarinas e publicação já feita de legislação sobre o condicionamento territorial das indústrias, conforme foi previsto no Decreto Lei n.º 46 666; a execução do Plano Intercalar de Fomento, no qual se deu particular relevo aos investimentos nas províncias Ultramarinas e á publicação e início de execução do III Plano de Fomento com avultados investimentos previstos nas províncias, a cargo tanto do sector público como da iniciativa privada; a criação de serviços especializados encarregados do estudo á escala nacional e territorial dos problemas do planeamento e da integração económica e a revisão da orgânica de vários serviços provinciais ligados ás actividades de fomento, no sentido de os dotar de estrutura mais adequada e mais largos meios de acção; a revisão das disposições reguladoras da aplicação de capitais estrangeiros em todo o espaço português, em que se visou a maior participação daqueles capitais no processo de crescimento economico nacional, objectivo que tem vindo a ser sistemáticamente aplicado na prática como mostram tantos exemplos, designadamente nesta Província; a mobilização da poupança interna nas Províncias Ultramarinas para fins de fomento económico, através da emissão e circulação de obrigações de dívida pública provincial em Angola e em Moçambique; a reorganização do sistema de crédito e da estrutura bancária do Ultramar feita em moldes semelhantes aos metropolitanos pelos Decretos-Lei n.º 45 296, de 8 de Outubro de 1963, e n.º 48 369, de 6 de Maio de 1968; o alargamento da rede de instituições de crédito no Ultramar concretizado em diversas autorizações para a instalação de novos Bancos em Angola e em Moçambique ou para a extensão a estas Províncias da actividade de Bancos comerciais metropolitanos; a promulgação do sistema de crédito e seguro de crédito á exportação aplicável ao Ultramar e ás tropas interterritoriais no espaço português; a progressiva constituição no Ultramar de estabelecimentos estaduais de crédito visando o apoio financeiro das actividades privadas para fins previstos nos planos de Fomento já concretizada em todas as Províncias no que respeita ao crédito agrícola; a criação do Serviço Nacional de Emprego, passo para a concretização de uma política de mão-de-obra á escala de todo o espaço português; e a reforma da orgânica das Juntas Provinciais de Povoamento.

«Faltará ainda completar a política de crédito com a constituição em Angola e Moçambique de Institutos de Crédito especializados no Crédito Industrial, que a recente publicação do regime legal re-

(Continua na página seguinte)

A INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DA MABOR ANGOLANA

(Continuação da página anterior)

gularizador das operações de crédito a médio e a longo prazo poderá permitir para breve.

A indústria transformadora de Angola está a evoluir a excelente ritmo

«Deverá também rever-se e completar-se, na sequência de estudos em curso, o regime de incentivos e apoios do Estado á iniciativa privada e completarem-se as medidas de harmonização fiscal já iniciadas com a reforma tributária de Moçambique e com a preparação de um diploma sobre a solução dos problemas de dupla tributação á escala nacional.

«Finalmente, importa referir a progressiva solução do problema das transferências interterritoriais, objecto de importantes medidas tomadas pelo Governo, designadamente em Setembro do ano findo, que muito melhoraram a situação e o qual encontrará no desenvolvimento económico da Província e na expansão das suas exportações, em resultado de todas as medidas de fomento, as bases verdadeiramente sólidas que permitirão o eficaz funcionamento do sistema de pagamentos.

«Tudo isto mosta que se poderá continuar a caminhar com segurança na execução do programa geral da integração do espaço nacional previsto no Decreto-lei número 44 016, embora com os eventuais ajustamentos técnicos que a experiência, entretanto colhida aconselha e ao estudo dos quais o Governo vem dedicando a melhor atenção. Mas também, certamente, sempre continuarão as críticas e as soluções diversas, propagadas tantas vezes por quem confunde a política de integração económica nacional com a política dos interesses privados que serve.

«Sem duvida que a industria transformadora de Angola está a evoluir em excelente ritmo; em 1967 o valor da produção atingiu cerca de 4,5 milhões de contos e o crescimento médio anual a partir de 1963 foi de cerca de 13 %. Espera-se, em face das grandes instalações projectadas, que esta taxa se eleve consideràvelmente nos próximos anos

«No ano de 1967 a industria transformadora desta província alcançou um desenvolvimento verdadeiramente espectacular: foram investidos 654 805 contos (mais 388 379 contos do que em 1966) e concluiram-se alguns estabelecimentos de grande dimensão, como é o caso da fábrica de pneus e camaras de ar da Mabor Angolana. O consumo anual de pneumáticos é superior a 100 000 contos; e como a Mabor irá produzir as principais medidas consumidas em Angola e ainda, possivelmente, colocar excedentes no Ultramar ou no estrangeiro, o seu valor na conjuntura económica do território torna-se bem evidente

«De salientar, também, no ano transacto, o aumento de capital da Companhia de Celulose do Ultramar, que não só veio sanear a situação financeira da empresa como ainda permitir o aumento de capacidade e a diversificação de fabricos com a renovação parcial do equipamento. Este surto de progresso promete ter continuidade no ano corrente. Além da instalação de novas industrias e da ampliação de estabelecimentos existentes, que normalmente decorre do aproveitamento dos produtos da agricultura, da pecuária e da pesca, prevêem-se, a curto e médio prazo, a instalação de outras importantes unidades industriais tais como:

— a instalação de industria químico-farmacêutica;

— a industria de liofilização de frutos e outros alimentos;

— o estabelecimento de uma cadeia de frio;

— o fabrico de tecidos de algodão, lanifícios e tecidos mistos;

— o fabrico de produtos derivados da madeira;

— a ampliação da capacidade de refinação de petróleos na província;

— o fabrico de adubos;

— a instalação das primeiras bases da industria siderurgica;

— a elevação para cerca do dobro da actual produção açucareira da província.

«Por todo o imenso continente ofricano, tão rico na extensão dos seus recursos e na qualidade das suas populações de diversas origens, tão pobre nalguns objectivos imediatos, nos actuais métodos de trabalho e nas influências e pressões estranhas que nele actuam, por toda a África parecia deverem ser prioritárias as tarefas da paz e do progresso, tendo em conta a escassez dos recursos e a imensidão das tarefas a realizar a mais lógica ordenação das prioridades e o mais elementar bom-senso no emprego dos meios aconselhariam a convivência em paz, o comércio recíproco e o confronto no respeito mutuo com os sistemas e métodos alheios como a via mais segura para a estabilidade política e o progresso económico de cada povo africano. Mas não. A convivência pacífica prefere-se o massacre dos povos; aos apelos á paz substituem-se as exortações á guerra; ás trocas mutuas os entraves ao comércio; aos eixos de comunicações que podem servir o crescimento económico de todos, atribui-se primazia ás bases de subversão contra os territórios dos outros

São as realizações válidas de Portugal em África que o inimigo ataca

Somos também vítimas do absurdo destas situações e do grotesco daquelas atitudes e não temos quaisquer ilusões sobre o que pretendem os inimigos de Portugal e os críticos da política portuguesa. O que se combate não são as nossas concepções da vida e da sociedade e a validade das nossas doutrinas de organização política, económica e social; o que se ataca não são os nossos eventuais erros de aplicação ou as nossas possíveis imperfeições de prática; o que se receia não é o menor bem-estar das nossas populações ou a ausência de felicidade dos nossos povos; o que se teme não é uma nossa menor contribuição para o progresso material e cultural da humanidade; o que se combate são os planos de desenvolvimento económico e social que gizamos e executamos, os investimentos publicos em infra-estruturas económicas e sociais que realizamos, os capitais privados nacionais e estrangeiros cuja aplicação na valorização dos nossos recursos facilitamos. O que se ataca são os portos e os caminhos-de-ferro que construimos e exploramos para benefício próprio e alheio, as barragens que planeamos para valorização e progresso de imensas regiões, os planos de irrigação e de fomento das produções que podem alimentar as nossas populações e contribuir para mitigar a carência das outras, as escolas e os hospitais que erguemos. O que se receia são os nossos êxitos e a prova concreta que podemos dar da excelência das nossas soluções e dos nossos métodos de trabalho. O que se teme é que já demonstrámos poder repartir as nossas forças e os nossos meios entre as tarefas da paz e do progresso e as da defesa; o que se não perdoa é não sermos brancos ou só de cor; é sermos cristãos e não desprezarmos os maometanos; é também sermos maometanos e não odiarmos nem desejarmos exterminar os judeus; é termos ainda outros credos e não desejarmos eliminar os respectivos crentes, nem naturalmente permitirmos que eles chacinem os cristãos. Mas, se assim não fosse e se, por absurdo, procedessemos contra a nossa consciência e os nossos sentimentos naturais, logo então teríamos por todo o mundo situações e casos semelhantes e logo encontraríamos solidariedade, votos e apoios sem limite.

«Perante o juizo da História, unico Tribunal cuja legitimidade admitimos para nos julgar pelos actos que são só do nosso foro, pois não atingem as outras Nações, na perspectiva mais larga em que os actos e as vocações dos povos adquirem sentido ou valor, não receamos confrontos e não tememos condenações e só também o temor daquele Juizo poderá levar os nossos inimigos e os seus mentores a terem, finalmente, a coragem moral de aceitarem o desafio da competição pacífica para o progresso que lençámos e continuaremos a lançar enquanto continuamos e continuaremos com a mesma energia a defendermo-nos da guerra a que nos obrigam.»

A terminar, o sr. dr. Ruy Patrício prestou homenagem á obra do conde da Covilhã, enaltecendo a sua valiosa contribuição para o desenvolvimento económico-social da Metrópole e do Ultramar. Agradeceu depois as referências que lhe haviam sido feitas pelo dr. Miguel Quina, a cuja dinamica e competente acção se devem já muito importantes iniciativas nos campos industrial e financeiro

NECROLOGIA

SUFRÁGIOS

Dr. João Rodrigues da Silva Couto

Mandada rezar por suas filhas, sr.as D. Maria Helena Couto Brito de Almeida e D. Vera Couto Sequeira Costa, e demais família, celebra-se amanhã, ás 19 e 30, na igreja de Santa Isabel, missa pelo eterno descanso do sr. dr. João Rodrigues da Silva Couto.

D. Júlia de Sousa Rodrigues

Seu marido, sr. Carlos Eduardo Rodrigues, sua filha, genro, netas e demais família mandam celebrar, pelo eterno descanso de D. Julia de Sousa Rodrigues, missa do 7.º dia, na igreja dos Jerónimos, amanhã, ás 12 e 30.

†

D. JÚLIA DE SOUSA RODRIGUES

MISSA DO 7.º DIA

Carlos Eduardo Rodrigues, Maria Helena de Sousa Rodrigues de Oliveira, seu marido e filhas e demais família participam que amanhã, dia 17, pelas 12.30 horas, na Igreja dos Jerónimos, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua muito querida e extremosa esposa, mãe, sogra, avó e parente, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA MEGA

†

D. JÚLIA DE SOUSA RODRIGUES

MISSA DO 7.º DIA

Os empregados da firma CARLOS EDUARDO RODRIGUES (Construções Civis), participam que amanhã, dia 17, pelas 12.30 horas, na Igreja dos Jerónimos, será celebrada missa pelo eterno descanso da Ex.ma Sr.a D. Julia de Sousa Rodrigues, saudosa esposa do seu estimado patrão, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA MEGA

†

JOÃO RODRIGUES DA SILVA COUTO

A Direcção da Associação Portuguesa de Museologia participa o falecimento do seu saudoso Presidente Honorário e que no dia 17, às 19 e 30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na igreja de Santa Isabel.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. Tel. 771639
(Ao Campo Pequeno)

†

JOÃO RODRIGUES DA SILVA COUTO

A Direcção do Museu Nacional de Arte Antiga participa que no dia 17, às 19 e 30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na igreja de Santa Isabel.

†

JOÃO RODRIGUES DA SILVA COUTO

O Conselho Director do Instituto José de Figueiredo participa que no dia 17, às 19 e 30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na igreja de Santa Isabel.

†

CORONEL

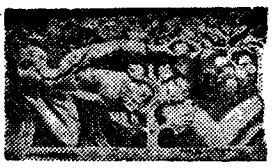
MANUEL DE MATOS SAMPAIO NOBRE

FALECEU

Sua mulher e demais família participam o seu falecimento, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja dos Anjos, para jazigo no cemitério do Alto de São João. Será rezada missa pelas 8,30 horas.

AGÊNCIA ALMEIDA

DIÁRIO DE EVA



TONS SURDOS PARA O INVERNO

A moda para o Inverno de 1968-1969 alonga levemente as saias para as situar, em média, ao nível do joelho, deixando ver a rótula em movimento.

Não haverá, pois, qualquer revolução porque as mulheres habituaram-se a vestir pelo joelho e os comprimentos pelo meio da perna parecem não dever influenciar a moda, pelo menos de dia, mas poderão eventualmente desempenhar um papel a partir do crepúsculo.

O caso refere-se particularmente aos casacos, compridos e ajustados, com botões duplos, grande gola e bandas que se encontram frequentemente em grossas «lainajes» com estampado escocês, guarnecidos com verdadeiras ou falsas peles, segundo os preços. Encontram-se os mesmos modelos em jaquetas compridas, por vezes cintadas sobre vestidos ou saias lisas.

A cintura é bem marcada nos vestidos de Inverno, sempre com mangas compridas e saias «évasées», que retomam os temas das últimas colecções de alta costura. A influência desta no conjunto do pronto-a-vestir é mais importante do que nunca, a tal ponto que a «Woolmark» tomou como base as adaptações das ideias dos costureiros para a sua promoção de Inverno.

Os vestidos de cerimónia são leves e fluidos, muitas vezes em crepe e, entre eles, vê-se uma nova cor, o azul-marinho de Inverno, mais luminoso que o negro ou o castanho para noite.

As gamas de cores parecem mais variadas que em 1967, em que as mulheres se vestiram à base do castanho-escuro. O cinzento médio e a mistura de preto e branco têm a primeira plana. Frequentemente os acessórios e os «collants» alegram-nos com uma nota mais viva.

O vermelho e a cor da abóbora-menina são coloridos bastante utilizados; vê-se também um pouco o verde-escuro e, naturalmente, o «beige» Achei muito chique um cinzento-pérola, que fica bem com raposa clara. As duas cores propostas pelo grupo Prouvost em «tricots», tecidos, acessórios e maquilhagem baseiam-se no verde «advogado» e de abrunhos, ambos surdos e profundos.

NATHALIE MONT-SERVAN

Camisola para Outono-Inverno com mangas e cinto às riscas em dois tons. A gola repete o tom de contraste

MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS

Os guarda-sóis do mercado do Lumiar serão substituídos, num futuro próximo, por uma cobertura fixa

A COBERTURA DO MERCADO DO LUMIAR

Reparámos logo de entrada que os guarda-sóis do Mercado do Lumiar estavam mais velhos, desbotados e rotos. Vimos melões e esquecemos esse pormenor. Depois demos conta de que o mercado se encontrava muito mal fornecido

Dispusemos-nos a percorrer devagar as bancas, anotar os preços, conversar com as vendedeiras. Ouvir, sobretudo, as suas observações:

— Isto não é uma praça, é uma barraca de campanha! — disse alguém para que ouvíssemos.

Não respondemos. Se o espaço de que dispomos fosse grande, teríamos feito perguntas ou simplesmente ouvido o que nos queriam dizer E tantas coisas nos queriam dizer a respeito dos guarda-sóis, que andaram pelo ar a semana passada, por causa do vento, e feriram uma vendedeira, indagaríamos o que se passava com as águas apodrecidas por falta de escoamento. Mas a falta de espaço limita-nos á impressão superficial. No mercado somos a dona de casa que vai saber preços e pouco mais. É como dona de casa que dizemos da má qualidade do piso ou do peixe sem cuidar grandemente das razões E talvez esteja errado.

O fiscal, a substituir o outro que fora em férias, não nos conhecia, e não levou a bem a nossa tarefa Ordens superiores. Compreendemos e recomendámos-lhe que indagasse se a nossa presença ali era ou não permitida. Como dona de casa podemos, para uso pessoal, para sabermos como dispor o nosso orçamento, indagar o preço dos produtos. O problema — se há problema — reside no fotógrafo. Havemos de dispensar o fotógrafo e passar sem a foto do mercado. Qualquer dia. Para não chamar a atenção dos fiscais. É verdade: o relâmpago do «flash» é contra o regulamento, mas a ausência das tabelas de preços parece também ser. E faltava a maior parte das tabelas.

A intervenção do fiscal junto de nós veio permitir-nos saber uma informação agradável. O mercado do Lumiar vai ser coberto em breve. O projecto está em estudo. Antes do Inverno a sua fisionomia será outra. Congratulamo-nos com isso. Estamos sempre disposta a referir e elogiar as iniciativas camarárias. A exaltar o bom aspecto dos novos mercados, sem esquecer, porém, aquilo que nos parece não estar certo. Não estar evidentemente certo. Embora não atentemos de imediato com as razões. Ainda que não saibamos ao certo das causas que levam mercados construídos com a dignidade que deviam merecer os edifícios públicos, a serem pouco frequentados. Tentaremos debruçar-nos sobre o assunto. No futuro.

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo do tomate a 2$50, 3$50 e 5$00; dos pimentos, a 5$00 e 8$00; do feijão verde, a 3$50; do pepino, a 4$00; do feijão de debulhar, a 6$60; dos alhos, a 12$00 e 15$00; das cenouras, a 4$00; da cebola, a 1$50; da azeitona, a 7$50; do tremoço, a 4$00; e da batata, a 1$80.

Cada alface custava $50 e duas, 1$50. Vimo-las também a 2$00 cada. A cabeça de nabo estava a $50; o coração a 7$00; a couve portuguesa a 1$00 e 1$50; e a lombarda, a 5$00 e 8$00. O molho da beterraba vendia-se a 4$00; e a nabiça, a 5$00.

PEIXE

Vimos o quilo do carapau a 2$50, 10$00 e 11$80; do peixe-pombo, a 4$30; do pargo, a 7$00; do marreco, a 2$00; dos chocos, a 10$00; do camarão, a 12$00; da pescada negra, a 16$00; da tainha, a 6$00; do peixe-espada, a 7$90 e 8$80; da corvina, a 13$00; dos rabos de pargo, a 12$00; do pargo legítimo, a 13$00; da faneca, a 12$80; do linguado, a 38$00; da conquilha, a 10$00; dos rabos de pargo mulato, a 6$00; do polvo, a 11$00; e da pescada branca, a 28$00.

FRUTA

O quilo do melão custava 5$00 e 6$00; do pêssego, 5$00, 6$00, 7$00, 8$00, 9$00 e 12$00; da laranja, 5$00, 7$00 e 9$00; da pera, 5$00, 6$00 e 7$00; do limão, 8$00; da ameixa, 4$00, 5$00 e 6$00; da maçã riscadinha, 4$00 e 5$00; da banana, 10$00; e dos damascos, 7$00.

CRIAÇÃO E FLORES

O quilo do frango limpo estava a 27$80, 29$80 e 30$00; da galinha limpa 30$00 e 29$00; e viva, 26$00. A duzia dos ovos custava 15$20

Vimos a duzia dos cravos a 10$00; dos gladíolos, a 15$00; das dálias, a 10$00; e o molho dos malmequeres, a 5$00.

DONA DE CASA

SALVADOS

do incêndio do 3.º andar

da Rua do Carmo, 64

Gabardines para homens, em Terylen e Karnak com e sem espuma e acabamentos em scotchgard, com ligeiras manchas de água:

Preços usuais:	Preços de venda:
800$00	220$00
700$00	190$00

À venda a partir de amanhã na

ARIPS

Rua do Carmo, 64 • Rua de Santa Justa, 109

DESPORTO

O BENFICA e JOSÉ MARIA
estão de acordo - mas o VITÓRIA, não...

• *Contrato assinado entre o angolano e o Benfica... mas o Vitória vai usar o seu direito de opção*

Apesar da negativa do Vitória de Setúbal em estabelecer negociações tendentes á cedência do seu futebolista José Maria, o Benfica tem persistido no seu interesse em adquirir o concurso do excelente jogador angolano. Nestes últimos dias verificaram-se alguns contactos entre dirigentes dos dois clubes, que não levaram, no entanto, nenhuma das partes a desistir dos seus intentos: o Vitória de Setúbal não quer perder o jogador, o Benfica não desiste da ideia de o chamar ás suas fileiras.

O interesse benfiquista, juntando-se, naturalmente, ao do próprio jogador, levou agora á assinatura de um contrato, válido por três anos, mediante o qual o clube lisboeta pagaria a José Maria elevada importancia, que se diz ser de 1200 contos.

A menos que surja qualquer inesperado acordo entre os dois clubes — a desistência do Benfica ou a aceitação de negociações por parte do Vitória — o problema será resolvido pelas normas regulamentares, deparando-se aos setubalenses dois caminhos possíveis:

— Autorizar a saída do jogador, recebendo do Benfica importancia idêntica á do contrato firmado entre este clube e José Maria;

— usar o seu direito de opção, firmando com o utebolista um novo contrato, no valor de 60 por cento do que o Benfica lhe oferece. Isto é, o Vitória, a optar, terá de pagar 720 contos pelas três épocas, se for, efectivamente, de 1200 contos o acordo Benfica-José Maria.

Estivemos hoje em contacto com o eng.º Hélder Viegas, chefe do departamento de futebol do clube lisboeta, que nos confirmou a assinatura do contrato com José Maria. Quanto á verba em causa, o dirigente benfiquista disse-nos apenas «não confirmar nem desmentir» a que foi noticiada: 1200 contos.

Revelou-nos ainda o eng.º Hélder Viegas que o Benfica espera até amanhã pela possibilidade de um acordo com o Vitória. Depois, não havendo esse acordo, entregará o contrato na Federação, tal como preceitua o Regulamento das Relações entre Clubes e Jogadores de Futebol.

Será este ultimo, certamente, o caminho que os coisas vão tomar, pois os setubalenses não abdicam e vão usar do seu direito de opção, seja qual for a verba proposta pelos benfiquistas.

Em Setubal, onde se verifica certa mágoa pela insistência do clube lisboeta, há a convicção de que José Maria não deixará de representar o Vitória, mesmo que o contrato a celebrar tenha de ser o mais caro da história do clube, «Já temos o dinheiro a um canto da gaveta» — teria declarado um dirigente da colectividade sadina.

Roger Bambuck:
• Sei que estou entre os melhores mas há que correr por diversão

Entre os que testemunharam a proeza dos atletas norte-americanos que em Sacramento baixaram o «record» mundial para a espantosa marca de 9,9 s encontrava-se o francês Roger Bambuck, cuja ausência no França-Alemanha, motivada pela sua ida aos Estados Unidos, tanta efervescência provocou nos meios atléticos do seu país.

Roger Bambuck, porém, para quem esta visita á América constituiu a possibilidade de conhecer de perto alguns dos seus adversários mais valorosos nos próximos jogos Olímpicos do México, teve afirmações curiosas no seu regresso a França que não resistimos á tentação de reproduzir.

— «A relativa invulgaridade de se obterem grandes «marcas» em França, coloca a quem as alcança, num plano muito particular. Sei o que de mim esperam em cada corrida e isso cria em mim o terror de correr mal

Nos Estados Unidos não existe esse problema. Os campeões entregam-se á corrida, sobretudo ás provas de «sprint» com a máxima tranquilidade uma vez que o publico não segue nenhum deles em especial. Os atletas norte-americanos, correm, portanto, para divertir-se, e isso é muito importante porque lhe elimina todas as apreensões.

E o campeão francês acrescentou: Agora sei que em valor puro estou no primeiro grupo, pois nos terrenos da técnica não fiz em Sacramento, nenhuma descoberta real. Porém Green e Hines podem executar entre os 50 a 60 metros de corrida um segundo e autêntico «arranque» á base de golpe de rins o que lhes permite cobrar ligeira vantagem por acção dessa brutal mudança de velocidade. Quando quis imitá-los nas semi-finais servo prosseguir no meu estilo e levar uma velocidade aumentada progressivamente.

E concluiu: O momento não é próprio para improvisar, e esta viagem permitiu-me, apesar de tudo, eliminar complexos. Repito: agora sei que estou entre os melhores.

x x x

Continua a assinalar-se pelas pistas de todo o mundo uma impressionante queda de «records». Agora foi o junior checo Plachy, que estabeleceu nova marca para a distancia de 800 metros na sua categoria. Tempo: 1 m. 47 s. 1/10, deixando para trás a sete segundos de diferença o famoso senior Jungwirth.

PELO MUNDO

Os jogadores do Estudiantes pedem um prémio de 75 contos pelos jogos com o Manchester

BUENOS AIRES, 14 — Os jogadores do Estudiantes de La Plata pedem um prémio equivalente a 75 contos pelos jogos com o Manchester United, na «Taça Mundial de Futebol».

Os Estudiantes ganharam a «Taça dos Libertadores da América» e vão defrontar o Manchester, vencedor da «Taça dos Campeões Europeus» a 25 de Setembro em Buenos Aires e a 16 de Outubro em Manchester. — ANI.

O Campeonato da Liga norte-americana

WASHINGTON, 14 — Os «Bays» de Baltimore impuseram uma derrota por 3-1 aos «Whips» de Washington, no próprio campo destes, no encontro que disputaram para o Campeonato da Liga Norte-Americana de futebol.

Foi a primeira derrota dos «Whips» em casa em dois anos.

GOLPE DE TEATRO NA VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA
• *ROLF WOLFSHOOLL, o novo «camisola amarela», é tricampeão mundial de «Ciclo-Cross»*

Súbitamente todo o panorama da «Volta á França» se transformou de maneira radical. Passados os Pirenéus sem novidade quer dizer, com a permanência do belga Van den Berghe no comando da classificação geral, os ciclistas tiveram em Perpignan o seu segundo dia de descanso, onde retemperaram energias e traçaram os seus planos para a ultima semana do «Tour», com o aliciante dos Alpes a sugerir o desencadear da «grande batalha». Nos Alpes estavam todas as esperanças dos trepadores. Nos Alpes se esperava que Poulidor lançasse a sua cartada decisiva em busca de uma recuperação que reforçasse o seu favoritismo para o contra-relógio individual do ultimo dia — unico processo de se libertar da incómoda perseguição que lhe vinha sendo movida pelo belga Bracke.

Todo este plano estava perfeitamente estudado e definido pelo técnico gaulês Marcel Bidot. E seria cumprido escrupulosamente se não surgisse qualquer imprevisto... que surgiu. E logo na saída de Perpignan para Albi (250,5 km).

Enquanto o vencedor do ano passado, Roger Pingeon, se lançava estoicamente na mais espectacular manobra deste «Tour» através das primeiras encostas alpinas, nas perigosas descidas de La Chapelle, ocorreu um acidente que pôs Poulidor fora de combate. Uma manobra perigosa de um dos guardas motociclistas, para evitar atropelar um espectador, provocou a queda de vários ciclistas, dos quais Poulidor foi o mais maltratado. Dando provas da sua enorme coragem, o ciclista gaulês prosseguiu, tendo perdido apenas 1 m e 5 s em relação ao vencedor, o seu compatriota Pingeon, que andou 194 km em fuga, tendo chegado a desfrutar da vantagem de 12 m e 50 s.

Com este percalço, Poulidor desceu para o 9.º lugar da geral, ficando a 5 m e 18 s de Van Den Berghe, que conserva a «camisola amarela».

Para a etapa de ontem, Poulidor alinhou em precárias condições físicas e psicológicas. Os seus mais directos adversários não o pouparam ao longo da etapa de Albi para Aurillac (195 km) pois deparava-se-lhes a sua grande oportunidade — e aproveitaram-na com todas as suas forças: no coração dos Alpes os homens fortes da montanha desencadearam a grande batalha.

E aconteceu autêntico golpe de teatro. O franco Bitossi venceu a etapa com 2 m e 13 s de avanço, mas o alemão Wolfsholl foi o herói do dia ao arrebatar — finalmente — a Van den Berghe a «camisola amarela». A fisionomia do «Tour» mudou por completo. Em segundo lugar da geral surgiu um espanhol (Gregório San Miguel) a escassos 50 s, e nos lugares seguintes o italiano Bitossi (a 1 m e 17 s), os belgas Van Springel (a 2 m e 9 s) e Bracke (a 2 m e 10 s). Poulidor tombou estrondosamente, vencido pela fadiga e pelo desânimo.

Entre os cinco primeiros, três favoritos — Bitossi (3.º), Van Springel (4.º) e Bracke (5.º). O italiano é o mais cotado e o mais apto a superar o alemão e o espanhol até á saída dos Alpes Mas Bracke, se resistir e reduzir pelo menos um minuto ao seu atraso antes do contra-relógio, será um sério candidato á vitória, pois haja em vista que se trata do recordista mundial da hora. Gandarias (6.º a 2 m e 18 s) e Janssen (7.º a 2 m e 21 s), são outros candidatos a considerar. Van den Berghe, em 11.º com 4 m e 25 s de atraso do «leader», ficou irremediávelmente afastado da questão do primeiro lugar.

Mas as possibilidades de Rolf Wolfsholl não podem pôr-se de parte. Como campeão mundial de «ciclo-cross», Wolfsholl é um corredor habituado a terrenos difíceis e, indiscutivelmente, um dos mais altos expoentes do ciclismo alemão destes ultimos anos.

Natural de Colónia, onde nasceu em 27 de Dezembro de 1938, o novo «camisola amarela» do «Tour» iniciou a sua carreira em 1956, tendo passado a profissional quatro anos depois, quando ingressou na equipa «Mercier». Nesse mesmo ano (1960) conquistou o seu primeiro título mundial de «ciclo-cross», que renovou no ano seguinte. Em 1962 passou a dedicar-se ás provas de estrada, classificando-se em 15.º na Volta á França, e no ano seguinte, retornando ao «ciclo-cross», foi campeão do mundo pela terceira vez.

É, pois, um ciclista com excelente palmarés, que já deu sobejas provas das suas possibilidades em terrenos difíceis. Nesta emergência, porém, falta-lhe o apoio de uma equipa á altura da situação.

INSTANTÂNEOS

O FELIZARDO DO ZÉ MARIA...

Parece existir um acordo entre o Benfica e o angolano-setubalense José Maria, pelo qual os benfiquistas se propõem pagar-lhe 1200 contos, se ele trocar as riscas verdes pelo encarnado sem riscas. A coisa promete

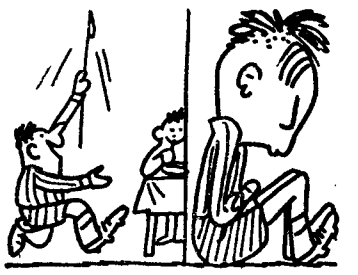
ser séria, é capaz à tal questão da opção, e mesmo que o Vitória opte, o Zé Maria, pela nossa óptica (ou seja, maneira de ver) está sempre a ganhar. O Vitória, optando, teria de pagar-lhe qualquer coisa como 720 contos. Ninguém diga: «coitado do Zé Maria...».

A MARTELO...

O Sporting ganhou o campeonato de atletismo, reapossando-se de uma hegemonia raramente interrompida. Muitos se admiram da longa permanência, no melhor plano do atletismo sportinguista, mas lembrem-se que, além de outros argumentos, até tem um atleta... a «Sustelo». E com ele não há meias medidas: tem de ganhar, ainda que seja «a martelo».

FINAIS SEM FINALIDADE

Já o Seixal festejava o seu título nacional da 3.ª divisão, quando chegou um comunicado federativo a informar que a vitória não estava ainda homologada. Tudo por causa de um jogo, anterior, para o qual nem o Seixal nem o Boavista (o seu adversário na final) meteram prego nem estopa.



Agora, os juvenis do Benfica venceram os da Académica, na final, mas lá veio a Federação dizer que não homologava, é o homologas, devido a outro protesto, uma trapalhada qualquer referente ao «Distrital» de Beja.

Podemos protestar contra o tempo que se leva para apreciar os protestos? É que esta coisa de jogar para o «boneco...».

DIGNOS SUCESSORES

Embora com triunfos difíceis, os juniores do hóquei lá vão seguindo, no Campeonato da Europa, o exemplo dos seus maiores. Isto é, ganhando. Esperemos que assim continuem,

e que o hóquei em patins português saia de Vigo ainda mais... Vigoroso.

Texto de Francisco Camilo — Desenhos de Pargana

DESPORTO

A PROPÓSITO DO MINIBASQUETEBOL

Efectuou-se em Coimbra um festival de encerramento da época de minibasquetebol, uma variante que desponta no meio desportivo português.

Na era dos «minis», também o diminutivo se meteu nos desportos e, segundo os entendidos, com inteira propriedade, visto constituir um movimento basilar para um progresso sério.

Como o próprio vocábulo indica, trata-se de desporto adequado a praticantes de tenra idade, com regulamentação cuidada e própria, que não pode deixar de ter ausente — como se impõe — o princípio competitivo, na sua autêntica asserção. No festival da Lusa Atenas, que se desbobinou no pavilhão gimnodesportivo do popular e prestigioso Sport Clube Conimbricense, com um programa aliciante, estiveram presentes representações da cidade estudantil, Porto e Aveiro, a dar nota de que as gentes de além-Mondego, devotadas aos chamados desportos pobres, chamaram a si o papel de pioneiros nacionais do minibasquetebol, ilação que pode ir buscar-se ao facto de noutras regiões se não dar conta da existência — pelo menos no noticiário corrente — de práticas da variante em causa.

Aconteceu até a curiosa particularidade de no mesmo festival estarem presentes os minibasquetebolistas portuenses que representaram Portugal no recente Torneio Internacional de Madrid.

Outro motivo que abona os esforços daquele sector do País a favor do basquetebol da miudagem, consiste no facto de ter sido escolhido o técnico conimbricense, Apolino Teixeira, para enviado da Direcção-Geral de Desportos, como observador, ao certame madrileno, de cuja missão se desempenhou bem, a avaliar pelos trabalhos que fez publicar no «Diário de Coimbra», mas da qual ainda não veio a público, segundo cremos, o relatório-estudo, que se espera e se impõe.

Seja como fôr e já que se trata de uma variante a que se outorga uma importância fundamental com vistas ao progresso do basquetebol, há que saudar o movimento centro-nortista e festejar a sua tonalidade pioneirista, evidenciando o belo significado do festival de Coimbra, surgido como corolário brilhante de uma época de trabalho de larga e frutuosa objectividade.

Tratando-se de uma actividade em que os seus intervenientes não podem ter em mira intenções de evidenciação, mais são de louvar os esforços que os dirigentes e técnicos da zona estão promovendo a favor do desenvolvimento do desporto da «bola-ao cesto», nos domínios da iniciação.

E, por último, é de desejar que o exemplo de Coimbra-Aveiro-Porto encontre eco favorável em todos os recantos do País, a fim de que o basquetebol, entre nós, tome as proporções — o nível — possíveis e desejadas — e das quais ainda se encontra muitíssimo distante.

LUÍS CORREIA DIAS

Corpos gerentes do G. D. União Ericeirense

Em assembleia geral ordinária, recentemente realizada, o Grupo Desportivo União Ericeirense elegeu os seus corpos gerentes para 1968/1969 que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — Presidente, dr. Manuel Baptista Estrela Peralta; vice-presidente, dr. Manuel Silva Marques de Brito; 1.º-secretário, Henrique Sardo Pereira Canudo; 2.º secretário, José Correia Nunes.

Direcção — Presidente, Mário da Silva Crisóstomo; 1.º vice-presidente, Frederico Duarte Coco; 2.º vice-presidente, Fernando Honorato Jorge; secretário-geral, Albino José de Sousa Branco; 1.º secretário, Aníbal de Oliveira Santos; 2.º secretário, Miguel Marques de Aguiar, tesoureiro, António Ricardo Costa; 1. vogal, Marcelo Ferreira Neves; 2.º vogal, Bernardino Pereira Gonçalves; 1.º suplente, Raimundo Antunes; 2.º suplente, Bernardino Eduardo Teixeira.

Conselho fiscal — Presidente, Joaquim Dias Afonso; secretário, Joaquim Vicente Caetano; relator, António Fortunato.

Conselho técnico — Joaquim Dinis Mata da Nazaré, José Filipe da Silva e António Filipe Vicente.

Jimmy Ellis - Joe Frazer provável confronto para o «Mundial»

HOUSTON (Texas), 12 — (A. N. I.) — É possível que os «pesados» Jimmy Ellis e Joe Frazer se batam para a disputa do título mundial — em aberto — e que a luta se realize a 15 de Janeiro no «Astrodome» de Houston — informa o empresário Fred Hofheinz.

Acrescenta que tentará realizar o combate, se Ellis derrotar Floyd Patterson em Estocolmo em 14 de Setembro, e Fraxier no próximo Outono, vencer Jerry Quarry ou Boone Kirman, dois pugilistas de série que são candidatos ao título.

RANDY MATSON recordista mundial do lançamento do peso reprovado para o serviço militar

PAMPA (Texas), 14 — (A. N. I.) — Randy Matson, recordista mundial do lançamento do peso, não foi aprovado na inspecção médica, para ingresso nas forças armadas norte-americanas.

«Tanto quanto sei, fui rejeitado por causa de uma lesão no joelho» — anunciou o desportista, aluno da Universidade Agrícola e Mecânica do Texas, de 23 anos.

Acrescentou que sofreu a lesão há tempos, a jogar basquetebol, mas que vai retomar os treinos para os Jogos Olímpicos da Cidade do México.

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m 665 kc/s — As 6 Noticiário; 16 e 05: Canções do Jutt Richards; 16 e 35: «A decoração no Mundo actual», por Violeta Boratth. 6 e 30: Roteiro musical português; 7 e 40. Evocação de Coimbra por Luís Goes: 8 e 0: As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais; 9 e 0: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica só musica 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... uma orquestra, 20 e 40: Apresentação do folhetim «Onde está o Felicidade» de Camilo Castelo Branco numa versão de Oliva Guerra; 2 Jornal de Actualidades; 21 e 30: O acordeonista Zé do Ribatejo; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 0: Espectáculo, Magazine de Teatro Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Teresinha Alves. 22 e 50: A Orq. Rapha Brogiotti. 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 55: Sinfonia n.º 5 em dó sustenido menor (Mahler) — Orq. Sinf. da Boston sob a dir de Erich Leinsdorf; 17: Discos raros — Interpretações de Ferruchio Busoni; 7 e 3': Perspectivas da obra de Sibelius: 8 e 30: Musica de tecla; 19: Ópera «Romeu e Julieta» de Gounod, comentada por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de Arco: 20 e 30: Continuação da ópera «Romeu e Julieta» de Gonnod, comentada por Maria Helena de Freitas; 1 e 15: Fecho

3.º Programa — (Cultural em MF 2) 94,3 m — As 23: Musica portuguesa — Obras de João de Sousa Carvalho; 0: Canções de compositores belgas — pelo tenor Louis Devos — ao piano: Marcel Gazelle — O Lied (Herberigs) — Een Kind Speelt (Meulemans): 0 e 08: Ciclo «A Sonata» — A Sonata «Romântica»; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Vedetas da América; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Sucessos portugueses; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: O ritmo e a voz; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03 Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 2 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2. FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Rabbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: O Santo; 22 e 02: Os nossos artistas; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 — kc/s — As 16: Radiorama; 18: Canções das Américas; 18 e 30: Terço, e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s: **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17: **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SECRETARIA

Venda de um lote de terreno no Bairro do Rosário — Avenida Gonçalo Velho Cabral, em Cascais, destinado a um prédio com 12 pisos

A Camara Municipal de Cascais anuncia que no dia 20 do corrente mês, pelas 15 horas, procederá á venda, em hasta publica, de um lote de terreno com 320 m2, destinado á construção de um prédio de rendimento com 12 pisos, situado na Avenida Gonçalo Velho Cabral, no Bairro do Rosário, em Cascais, pelo preço base de licitação de 11 000$00 cada metro quadrado.

As condições de venda e planta de localização, encontram-se patentes no Átrio dos Paços do Concelho todos os dias uteis.

Cascais, 1 de Julho de 1968.

O Presidente da Camara,
António Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

PROGRAMA DA TV

Às 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Culinária; 20 e 20 Vi Corrida TV; 20 e 50: Panorama Literário; 2 e 20 «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 2 e 55: Noite de Teatro — «O Carnava da Vida», de Jorge Tristão, com Pedro Lemos, Joaquim Rosa, Manuela Cassola, Hortense Luz António Sacramento, Elvira Velez, Bettencourt Ataíde Ana Paula e Pereira Saraiva, 23 e 05: «Os Bons Velhos Tempos», BBC para a Eurovisão, 24: Telejornal. Meditação e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Fados e guitarradas por Lucília do Carmo, acompanhada pelos guitarristas Francisco Carvalhinho, António Cheinho e Liberto Conde e pelo violista José Maria Nóbrega 20 e 40: Vida sã em corpo são; 20 e 55: Ao serviço da Nação; 21 e 20: «Carrossel Mágico; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Vi Corrida TV — apresentação do cavaleiro D. Francisco Azarujinha; 22 e 15: Noite de Cinema «As Duas Causas» (Virginia City), um filme de grande metragem com Errol Flynn, Miriam Hopkins, Humphrey Bogart e Randolph Scott, nos principais papéis; 0 e 15: Telejornal, Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% 1. 10	530$00	—	530$00
Consolidado 3% 1 10 ...	—	550$00	555$00
Consolidado 3 /2% 1 10	—	—	660$00
Centenários 4% 940	1.490$00	1.485$00	1.495$00
Obgs Tes. 4 1/2% 942	—	—	—
Ogs Tes 4 1/2 % 1943	—	—	—
Obgs Tes. 4 /2 % 1944	—	—	—
Externo .º série	—	—	850$00
Externo 1.ª série car.	870$00	870$00	—
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Externo 3.ª série car.	—	—	890$00
Caut. de 3.ª série s/juro	—	205$00	—
OBRIGAÇÕES			
Águas de Lisboa 5 %	—	—	—
C. P 4 /2 %	—	900$00	910$00
Gás e Electricid. 3 3/4 %	—	850$00	—
Gás e Electricidade 4 % ...	—	830$00	880$00
Gás e Electricid. 4 1/2 %	—	850$00	—
Gás e Electricid 5 %	—	910$00	—
H. E. Douro	835$00	—	835$00
H. E. Norte de Portugal...	—	850$00	880$00
H. E. S. Estrela	—	—	—
Metropolitano	—	900$00	920$00
Petroquímica	—	—	—
Sonefe	—	790$00	800$00
T. A. P	—	—	—
Termoeléctrica Portuguesa	—	—	835$00
U. Eléctrica Port. 3 3/4%	—	83$00	—
U. Eléctrica Port. 4% 1945	—	83$00	85$00
U. Eléctrica Port. 4% 1948	—	83$00	85$00
U. Eléctrica Port. 4 /2%	—	89$00	91$00
U. Eléctrica Port. 5% 1951	81$00	81$00	81$50
U. Eléctrica Port 5% 1952	81$00	81$00	81$50
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	927$00	940$00
Alentejo	620$00	615$00	620$00
Angola	1.475$00	1.465$00	1.480$00
Burnay	—	2.800$00	2.900$00
Crédito Predial	—	1.860$00	1.890$00
Espírito Santo	—	13.050$00	13.200$00
Lisboa & Açores	3.910$00	3.900$00	3.930$00
Portugal	—	2.450$00	2.580$00
Português do Atlântico ...	—	5.100$00	5.800$00
Totta-Aliança	4.250$00	4.220$00	4.300$00
Ultramarino	1.425$00	1.420$00	1.430$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	285$00	285$00	289$00
Sagres	—	—	1.200$00
Soberana	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	620$00	—
Ag. Cassequel	—	500$00	—
Ag. Colonial	115$00	—	120$00
Ag. das Neves	—	—	115$00
Boror	—	—	—
Cabinda	—	90$00	92$00
C. A. D. A.	—	1.085$00	1.100$00
Cot. do Buzi	60$00	59$50	60$00
Diamantes	1.096$00	1.095$00	1.098$00
Ilha do Príncipe	—	—	410$00
Incomati	—	—	—
Lobito	385$00	380$00	390$00
Moçambique	46$00	45$00	47$00
Sonefe	246$00	247$00	249$00
Zambézia	—	43$00	45$00
C.as Diversas			
Cimentos Leiria	—	—	1.700$00
Cimentos Tejo	—	—	2.440$00
Col. Navegação	—	—	—
C. U. F.	990$00	990$00	995$00
Industria Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	2.280$00	—
Portugal e Colónias	—	1.210$00	1.220$00
Port. de Celulose	3.080$00	3.075$00	3.100$00
Port de Pesca	—	650$00	—
Port. de Tabacos	416$00	415$00	417$00
Sacor	—	4.650$00	4.700$00
Siderurgia Nacional	1.010$00	1.010$00	1.020$00
Socel	—	2.030$00	2.090$00
Tabacos de Portugal	740$00	740$00	750$00
U. F. Azoto	690$00	689$00	—
Águas, Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 934 ...	—	—	395$00
Águas de Lisboa 936 ...	—	390$00	—
Eléctrica das Beiras	—	1.510$00	1.530$00
Gás e Electricidade	375$00	374$00	375$00
H. E. Alto Alentejo	154$00	153$50	155$00
H. E. Cávado	—	1.210$00	1.215$00
H. E. Douro	1.200$00	1.199$00	1.201$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	1.800$00
H. E. Zêzere	—	1.290$00	1.295$00
Nacional de Electricidade	1.300$00	1.295$00	—
Termoeléctrica Portuguesa	1.355$00	1.350$00	1.360$00
União Eléctrica Portuguesa	179$50	179$00	180$00
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	149$90	150$50
F. I. D. E. S.	—	105$10	108$30

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	9/7/68	15/7/68	16/7/68
GERAL	100,7	100,6	100,7
METROPOLITANAS .	100,4	100,2	100,3
ULTRAMARINAS	103,0	103,2	103,2

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand ...	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$25	28$65
Dollar de 5 a 1000 ...	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo ...	6$00	9$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42,0
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$85	5$35
Bélgica — Franco	$55,5	$57,5
França — Franco	5$00	5$60
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra ...	230$00	250$00
Ouro Fino — Barra	36$00	38$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras papeis de crédito
Tel. 321273

Serviços urgentes

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados) 682069

BOMBEIROS — Sapadores 222222 ✲ Voluntarios, 538524.

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865

SAUDE — Cruz Vermelha 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigenio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno D

(Ver pelos bairros das mesmas e telefones entre parênteses)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256) ✲ Tapada, Ldo., Calç. da Tapada, 83-A (634721)

ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)

ALMIRANTE REIS — Luso, Av. Almirante Reis, 99-A (41269) ✲ Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) ✲ Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)

ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mousinho de Albuquerque, 1-A (á Praça Paiva Couceiro) (84357)

ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (71681) ✲ Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 40-B (junto a Entrecampos) (760658).

AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Aguas Livres, 8-D (681515)

AREEIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) ✲ Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) ✲ Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331)

AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av. da República, 55-A (772 32) ✲ Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego) (770324) ✲ Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (4 961-54672) ✲ Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (48966-55360)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zita, R. Casas Novas, lote 66 (3 0172)

BAIXA — Simões Pires, R. do Prata, 5 (362350)

BENFICA — Benfiluz, Est. de Benfica, 444-A (782606) ✲ Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (780511) ✲ Progresso, Est. A-do-Mora, 64-C (702226) ✲ Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)

CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).

CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 25 (322328-323446)

CAMPO DE OURIQUE — Elnalda, Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ Findor, R. D. Maria Pia, 514 (687949)

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 1-18 (553308)

CAMPOLIDE — Ranil, R. Rodrigo da Fonseca, 53 (683438) ✲ Zénel, Rua A, 82 (Bairro da Liberdade (65840) ✲ Nova, R. de Campolide, 97-C (687475)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 5-8 (ao Bairro do Grilo) (382470) ✲ Zema, R. General Justiniano Padrel, 2 (á Calçada dos Barbadinhos), (832580).

ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808)

ESTRELA E LAPA — Alb., R. de Santana á Lapa, 156 (663562)

GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)

LUMIAR — Patulela, R. do Lumiar, 22-24 (790332) ✲ Doura, A. Linhas de Torres, 93-A-B (79113).

MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117)

MOURARIA — Ferrão, R. do Mouraria, 2 (860464)

OLIVAIS — Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-rua B, 4), lote 43 (Olivais Sul) (310026)

PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841)

PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)

PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Pichelaria, 40-B-C (720703-728395)

S. PAULO — Marcos do Nascimento, Calç. Marquês de Abrantes, 36-A (664238).

SANTO AMARO — Botânica, R. do Junqueira, 38-40 (638132)

SANTA MARTA — Morais Sarmento, R. de Santa Marta, 15-A-B (46490).

SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831)

MOSCAVIDE — Farmácia Império — R. de Olivença, 48-A — (Tel. 2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Tel. 2420084)

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090).

PAREDE — Brandão — Av. da República, 17-C (Tel. 247 1054).

ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, 1 (Tel 260391). S. João — Est. Nacional, 18 (Tel. 261186)

CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (tel. 281419); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel 934589) Campos — R. Elias Garcia, 185 (Tel 930072); Clabel — R. António Sardinha, Lote 5, Loja B (Tel 938551); S. Jorge — R. Pedro del Negro, lote 5 — Reboleira (Tel 938708)

DAMAIA — Damaia — P. Alexandre de Gusmão, 9-A (Telef 9705231)

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117); Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 5? (Tel 950123).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 99 (Tel 2940084).

MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391).

VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel 933920)

COLARES — Colares — Abrelo (Tel 299088).

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100);

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel 224020)

ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 121 (Tel. 270076).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (Tel 224302).

BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2273035).

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121).

MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel 239029).

MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel 230008).

SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028).

SETÚBAL — Oliveira — L. da Misericórdia (Tel. 22488).

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel 2 21 85 80)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Veias — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

TRAIÇÃO — no MONUMENTAL

BATALHA SEM REGRESSO — no ALVALADE

MONUMENTAL — Tel. 55 51 31
Às 21.30 (Adultos)
(Adultos)
ESTREIA
TRAIÇÃO
com Petros Fissoun — Elli Fotou

TIVOLI — Telef. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. de 17 anos)
EM REPOSIÇÃO
o imortal filme de John Huston
MOULIN ROUGE
com José Ferrer, Zsa Zsa Gabor e Suzanne Flon

IMPÉRIO — Tel. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
UM EXTRAORDINÁRIO FILME DE ELIA KAZAN
ESPLENDOR NA RELVA
com Natalie Wood e Warren Beatty
TECHNICOLOR

estudio — Tel. 55 51 34
Às 15.30 18.30 e 21.45
(Adultos)
COLOR
Um filme de grande importância de Keisuke Kinoshita
BALADA DE NARAYAMA

ÉDEN — Tel. 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.45 (M. 6 anos)
TECHNICOLOR
A imortal obra de WALT DISNEY
A GATA BORRALHEIRA
(CINDERELLA)

SÃO LUIZ — Tel. 32 71 72
HOJE, ás 21.45
(Adultos)
ESPECTÁCULO DE TEATRO
O TEMPO E A IRA
(VER ANUNCIO ESPECIAL)

Hoje, no SÃO LUIZ, não há espectáculos á tarde.

estudio 444 — Tel. 77 90 95
Às 15.30 e 21.45
(Adultos)
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
Um filme jugoslavo premiado no Festival de Cannes-1967
com Bekim Fehmiu e Bata Zivojinovic
...ATÉ ENCONTREI CIGANOS FELIZES!
Uma obra-prima colorida de Aleksandar Petrovic

ODEON — Tel. 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
HOJE: ULTIMAS DO TRIUNFAL FILME PORTUGUÊS
A famosa obra de Leitão de Barros sobre motivos populares
MARIA PAPOILA
com Mirita Casimiro, António Silva e Estevão Amarante num fado
(Maiores 12 anos)

IMPERIAL — Tel. 4 59 33
Às 15 e ás 21 h.
(Adultos)
O PRAZER DE MATAR
O GRANDE ÍDOLO

LIZ — Tel. 4 85 60
Às 14.45 e 21 h.
(M. 12 anos)
7 MULHERES PARA OS MCGREGORS
AO PÔR DO SOL

TERRASSE — Tel 32 09 17
Às 15 e ás 21 h.
(M. 17 anos)
SEBASTIAN
O MEU FUNERAL EM BERLIM...

CINEMA IDEAL — Tel. 32 41 94
As 21 horas
(M. de 12 anos)
DOGORA (O Monstro do Espaço)
SANGUE EM BUDAPESTE

EM ELVAS
Rainha da Fronteira
«QUINTA DAS AGUIAS»
Paraíso para todos—Telf. 245 e 602

ALVALADE — Tel 76 30 80
Às 21.45 (12 anos)
HOJE: ESTREIA SENSACIONAL
BATALHA SEM REGRESSO
Glenn Ford, George Hamilton, Inger Stevens

Às 15.45: Despedida de «FANNY»
(Adultos)

POLITEAMA — Tel. 32 63 05
As 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
UM FILME COMO NUNCA SE VIU IGUAL!
A espantosa epopeia de um «comando» de criminosos condenados pela justiça militar
DOZE INDOMAVEIS PATIFES
com o incomparável LEE MARVIN
Metrocolor — (M. 17 anos)

ROMA — Balcão 72 91 92 Plateia 72 77 78
As 15.30 e 21.45
(Adultos)
Ira de Furstenberg. Peter Lawford, Georges Geret e Horts Frank
numa sensacional aventura!
DOIS BILHETES PARA O MÉXICO
UM FILME COLORIDO DE CHRISTIAN-JAQUE
AR CONDICIONADO

SÃO JORGE — Tel. 54153 - 54154
As 15.15, 1815 e 21.30
(M 17 anos)
Um comovente documento humano
VIDA SOLITÁRIA
com Edith Evans e Eric Portman

EUROPA — Tel. 66 10 16
As 15.15 e 21.30
(Adultos)
...sepultados na terra e no tempo os mais estranhos serem revivem...
O MUNDO DAS TREVAS
James Donald, Barbara Shelley, e Andrew Keir
AMBIENTE CLIMATIZADO

AVIS — Tel. 471 63
Às 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA
DE ENCHENTES.
A história de um pobre diabo que vai dirigir um colégio de meninas ricas e monte «vé-vés».
AS 8, NA CAMA
Gargalhada permanente com Peter Alexander Gitte e Ingeborg Schobert

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(PARA TODOS)
O grande brinde para grandes e pequenos
BUCHA e ESTICA
OS CAMPEÕES DE OXFORD
NA 1.ª PARTE — os melhores desenhos animados de TOM & JERRY
Ar condicionado

RESTELO — Tel. 61 03 75
As 21.30
(Adultos)
5.ª SEMANA
UM ESTRANHO EM CASA
com James Mason e Geraldine Chaplin

CINE-TEATRO
LIDO — Tel. 93 75 93
AMADORA
As 21.30
(M 17 anos)
Robert Vaughan e David McCallum no melhor filme da série de «Mister Solo»!
O ESPIÃO DE CHAPÉU VERDE

MUNDIAL — Tel. 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
A história é de morrer a rir
O maior êxito do célebre trio
Sophia Loren — Marcello Mastroianni — Vittorio de Sica
QUE PENA SERES VIGARISTA

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
As 21 e 30
(M 17 anos)
OS AMBICIOSOS
(Hotel)
TECHNICOLOR
com Rod Taylor, Catherine Spaak, Karl Malden, Melvyn Douglas e Richard Conte

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Oh, que delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
SÃO LUIZ — Às 21 e 45: «O tempo e a ira» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Chaillot» (17 anos).

CINEMAS
PARIS — Às 21: «Roma era assim» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Os voluntários» (17 anos)
ARCO-ÍRIS — Às 21: «Ao pôr do sol» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «O prazer de Matar» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Tortura diabólica» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Estrada do Inferno» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 19: «O espião com a minha cara» (17 anos).
CAPITÓLIO (Terraço) — Às 21 e 15: «Elas são mais perigosas» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Os devassos» (17 anos)
ORIENTE — Às 21: «Nevada Smith» (17 anos)
CINE UNIÃO DA PONTINHA—Às 21 e 15: «O herói renegado» (12 anos)
CASTANHEIRA — Às 21 e 45: «Tempestade sobre Ceilão» (12 anos).

● Linha de Cascais
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 15: «Istambul missão sangrenta» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «007 operação relâmpago» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Os ambiciosos» (17 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Cavalgada de paixões» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Arabesco» (12 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Na ponta da pistola» (12 anos).
PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21 e 15: «O herói renegado» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS— Às 21 e 15: «Sete pistolas magníficas» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15 «Rita (a filha americana)» e «Carga branca para Hong Kong» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Um desconhecido na cidade» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «A fera amansada» (12 anos).

● Outra banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O agente secreto Fx15» (17 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 5: «Mulheres e recrutas» e «Rebelião de escravas» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Faraó» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «Cantinflas á la minuta» (12 anos).

Artistas portugueses no «Festival do Atlântico»

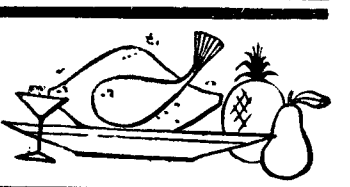
No «Festival da Canção do Atlantico», que se realiza em Santa Cruz de Tenerife (Málaga), de 13 a 15 de Agosto, participam, como convidados de honra, os cançonetistas portugueses Maria de Lurdes Resende e Artur Garcia, além da artista brasileira Mara Abrantes. Na quase totalidade, o repertório que estes intérpretes vão apresentar é da dupla Ferrer Trindade-António José.

MONUMENTAL
VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA»
com
Camilo - Florbela - Nicolau
MARIA ADELINA ★ OCTÁVIO DE MATOS ★ YOLA ★ LINDA SILVA ★ CÉLIA DE SOUSA
AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
VUM-VUM
UM EXCEPCIONAL BALLET INTERNACIONAL
de 25 figuras
Graça! Ritmo! e Lindas Mulheres!
5.ª SEMANA
2 SESSÕES: 20.45 e 23 Horas
DOMINGOS, Á TARDE, ÁS 16 H.
(ADULTOS)

Em digressão pelo País: LAURA ALVES em «A FLOR DO CACTO» — Hoje, em Montemor-o-Novo ★ Amanhã, em Tavira ★ A partir de 6.ª-Feira, no VARIEDADES, em Lisboa ★ HENRIQUE SANTANA e IRENE ISDRO em «AGARRA QUE É MILIONÁRIO» hoje, em Mealhada ★ Amanhã, em Alcobaça — (Adultos)

É NA **FEIRA POPULAR de LISBOA**
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
E EM TODOS OS SEUS RECANTOS QUE ESTÁ A ALEGRIA E A MELHOR ANIMAÇÃO DO POVO DE LISBOA
STANDS DAS MAIS CONCEITUADAS FIRMAS APRESENTAM PRODUTOS FAMOSOS, NUMA DEMONSTRAÇÃO DE ELEVADO VALOR
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER
ABERTURA ÀS 19 HORAS

bom apetite



RESTAURANTE XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA C/ ANANÁS
E FICARÁ CLIENTE

RESTAURANTE SANCHO
Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

Café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA—SNACK-BAR
PASTELARIA
R Saraiva de Carvalho, 145-A
Telefs. 67229-666532

COZINHA ALENTEJANA
Serviço de almoços no jardim
Folclore ao jantar
Av. do Aeroporto, 162
Telef 727071

RESTAURANTE MONTE ALTO
R. Filipe Folque, 10-B-C-D/T. 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55 - 57
Aberto até às 2 h.—Telef. 530758)

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) — Tel. 685908
Parque para automóveis

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(M... ...e 5 anos)

tamborim
Restaurante—Snack - Bar—Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

ILHOTA
RESTAURANTE
R ILHA DO PICO, 19-21
Telef. 49063 (Junto á Estefania)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
COELHO À CAÇADOR

VISITE SESIMBRA
Almoce no
HOTEL ESPADARTE

Serviço á carta e menu do dia — 55$00
Aos domingos, das 12 ás 16 horas, 8 pratos á escolha, incluindo a célebre caldeirada e caril de mariscos
Sala para 300 pessoas, marquise e esplanada frente ao mar
80 quartos com banho — Diárias desde 165$00 Telef. 22 91 89
Baile aos sábados das 22 ás 2. Maiores de 15 anos.

PAREDES É NOME DE GUITARRA

Crónica por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Quando o ouço, estremeço todo por dentro. Atenção: sou um cristal. Posso quebrar. Esta guitarra vibra-me no peito, nos nervos, no sangue. Esta guitarra, se existem deuses, andam por ali, loucos, à solta. Esta guitarra está cheia de mistério, dedos doidos nas cordas tensas. Atenção: sou um cristal. Posso quebrar. Paredes é nome de guitarra. Esta guitarra chamada Paredes.

Foi por uma tarde de um Novembro de festa — a festa da nossa juventude sonhando com (e lutando por) um mundo igual ao que trazia dentro de si — que eu vi o Carlos pela primeira vez. O Teatro Avenida daquela Coimbra vestida de bandeiras no vento, naquele dia comemorativo da sua Tomada da Bastilha, estava cheio como um ovo. A «malta» pendurava-se em todo o sítio. E as capas não eram negras: tinham a cor que lhes quiséssemos dar.

Discursos — nem tanto era preciso para aquele nosso entusiasmo quente de vinte anos. E foi aí que entrou o Carlos Paredes, naquele seu jeito de quem pede sempre desculpa de qualquer coisa. Sentou-se, agarrou-se á guitarra e a guitarra a ele, passaram a ser um corpo só — e eu, *estarrecido*, nós todos *estarrecidos*, um silêncio sem mácula: não era só admiração, não era só emoção, era espanto, um espanto maravilhado, não sabíamos explicar — tudo ía explodir, explodiu, o teatro vem abaixo, eu estremecia todo por dentro, tudo pode acontecer numa tarde assim de um Novembro de festa...

E o Carlos agradecendo, sempre aquele jeito de quem pede desculpa. Tudo ía explodir, explodiu, o teatro vem abaixo, as palavras faltam-me, é uma loucura naquele velho Avenida da Coimbra vestida de bandeiras no vento. O prof. Paulo Quintela, a meu lado (homem do tempo em que o Régio escrevia: «Ai choro em que o Paredes / vibrando os dedos em garra / despedaçava a guitarra / punho os bordões a estalar») havia-me dito: «Ele teve o maior de todos os mestres. Mas não acredito que possa chegar á altura do pai, do Artur». Agora, também não falava — batia palmas até as mãos lhe doerem.

Perdido no meio da «malta», perdido no meio do entusiasmo, eu pensei, juro que pensei: «este homem tem mil dedos». Depois vi — ante aquele seu eterno sorriso de menino crescido — que tinha só dez dedos, dez dedos humanos — por isso era tão grande.

(Isto — não só admiração, não só emoção, espanto, e nem sei que mais — tem aliás, como sublinhou algures Alain Oulman, sido partilhado por milhares de pessoas, entre as quais artistas de concerto da União Soviética, que o convidaram depois a dar uma série de concertos no seu país. De resto, é Oulman também que conta: «A primeira vez que o ouvi tocar foi em casa da Amália Rodrigues que também nunca o ouvira anteriormente. Ficámos todos desfeitos. Amália chorava e dizia que só lhe apetecia bater-lhe — reacção muito frequente nela quando se sente comovida com o virtuosismo de alguém».)

Eu não vou falar, eu não sou capaz de falar, serenamente, do que o Carlos trouxe de novo á guitarra, da sonoridade fantástica que ele consegue arrancar-lhe, da sua técnica prodigiosa, insuperável, do que ele *descobriu* no instrumento, das suas pesquisas para lhe introduzir mais uma corda, etc., etc. Lembro, por exemplo, o António Portugal, um dos maiores guitarristas de sempre de Coimbra, a dizer-me que quando vê o Carlos tocar até fica com complexos.

No entanto, o Carlos Paredes é um homem de uma modéstia e timidez raras, que lhe dão o tal ar de quem está sempre a pedir desculpa de tudo. E se não vem com a guitarra pela mão, como uma filha, não sabe em que posição ficar, é uma espécie de massa enorme, quase inerte — e apesar disso com a imensa simpatia do seu sorriso de menino crescido.

Até que aquele metro e oitenta, de noventa quilos, aquela massa parada, aquele bloco que se diria sem nervo, pega na guitarra, agarra-se á guitarra e a guitarra a ele, são um corpo só — e o Carlos transfigura-se por completo, é outro homem, quer dizer: é ele mesmo, inteiro, com alma, nervos, sangue, sonho, terra, tudo vibrando naquela guitarra fantástica — «Oh, guitarra! / Corazon malherido / por cinco espadas», oh guitarra! bicho de ritmo e harmonia.

Os seus olhos enchem-se de brilho, deslizam pela guitarra, sacodem-na perdidamente, os mil dedos — quero dizer: esses dez dedos humaníssimos — são garras, são brisa, são raizes, são pássaros repentinos, é um pássaro também, esta guitarra, ao nosso encontro voa, canta dentro de cada um, ouço dentro de mim esse canto em que canta Portugal.

Mas não são só os olhos, só os dedos, não é só aquele metro e oitenta, de noventa quilos — é todo ele que luta com a guitarra, funga, torce-se, fica arfante, é uma luta sem quartel, uma luta de que o Carlos sai sempre vitorioso. Enquanto a seu lado o grande viola Fernando Alvim é o seu contraponto calmo, sereno, exacto.

(Se eu tenho de ser poeta — pensei certo dia — é sobre este ar de guitarra. É com esta guitarra chamada Paredes, cuja musica (a musica de que ele é autor e intérprete, e em que um e outro fazem uma unidade incindível) sinto que nos exprime como nenhuma outra. Eu quer dizer, nós — os poetas que amo. Por que não dizê-los, pois com a música e a guitarra do Carlos? «Formidável», havia ele de concordar com aquele calmo entusiasmo que põe em todas as coisas.

E então muita coisa aconteceu — muita coisa que não cabe nesta crónica — para muita gente simples, boa, generosa e receptiva como não são os «intelectuais» e burgueses, para gente do povo que ambos amamos eu disse versos que a sua guitarra ajudou a serem ainda mais eles e mais comunicativos, que em alguns casos, a certo nível, recriou, em outros sublinhou discretamente com a sua humildade de artista genial Genial, *repito — e não me estou a lembrar de artista genial.* Genial, *repito quem se possa aplicar este terrível adjectivo.)*

Artista genial (cujo último «long-play» foi há pouco considerado o melhor disco do ano — por isso lhe sendo atribuído o Prémio Pozal Domingues, que de manhã á noite, nesta terra cheia de explicáveis paradoxos, trabalha como delegado de propaganda médica...).

«Paredes é nome de guitarra»

Cidade, poesia e música...

*

Esta guitarra, se existem deuses, andam por ali, loucos, á solta. Mas não existem deuses: existem homens. Existe um povo — este nosso povo de um passado com um sabor marítimo a saudade, de um presente que todos sabemos como é, de um futuro sonhado a abrir portas e janelas.

E a melancolia, a tristeza, a raiva, a esperança, tudo, tudo sai vibrado, vibrante, desta guitarra cheia de mistério. Paredes é nome de guitarra e esta guitarra toca a nossa pátria, canta o nosso povo. O povo está dentro desta guitarra e por isso esta guitarra está dentro de mim — de mim, de ti, de nós...

«VOLTA À FRANÇA»

POULIDOR DESISTIU

AURILLAC, 16 — (F. P.) Raymond Poulidor desistiu da Volta a França em bicicleta. Pela primeira vez desde que começou a correr na Volta, o ciclista francês não a concluirá.

Muito combalido da queda que deu no domingo, com o rosto inchado e quase sem poder mover as pernas, Poulidor declarou não ter conseguido dormir durante toda a noite. Acompanhado pela mulher, que desde ontem á noite não o abandona, o ciclista vai voltar a casa, em Saint Leonard de Noblat.

INGLÊS NA IRLANDA
Cursos para jovens dos 12 aos 18 anos
4 SEMANAS — 8.900$00
VIAGEM AÉREA — CURSO — ALOJAMENTO
REFEIÇÕES — EXCURSÕES — SEGURO, ETC.
Informações e inscrições:
VIAGENS BUNSSON TURISMO
A ÚNICA AGÊNCIA ESPECIALIZADA EM CURSOS NO ESTRANGEIRO
R. Braamcamp, 15-D LISBOA Tel. 4 04 59-4 04 68-56 09 75

VIAGEM ao JAPÃO
DE 28 DE SETEMBRO A 28 DE OUTUBRO
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO
Cursos Superiores — Rua do Sacramento á Lapa, 15
Av. Duque de Loulé, 126-1.º
CURSOS PREPARATÓRIOS — Av. da República, 25-1.º Dto.
ESCOLA SUPERIOR DE TRADUTORES E INTÉRPRETES
ESCOLA SUPERIOR DE SECRETARIADO
ESCOLA SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
ESCOLA PORTUGUESA DE TURISMO
FRANCÊS — INGLÊS — ALEMÃO para todos os níveis (a partir de Outubro)
CURSOS ESPECIAIS DE INGLÊS PARA AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Folhetos descritivos e outras informações nas três Secretarias e pelos telefones: 67 53 95 - 67 37 66 - 53 96 41

CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

DESLUSTRAGEM A SECO
Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, sl. (único no género).

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

Diario de Lisboa

N.º 560

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

III CONCURSO DE LETRAS E ARTES FÓSFORO FERRERO

ARTES PLÁSTICAS:

JOAQUIM CARLOS VIEIRA LOPES JORDÃO

«O REPOUSO»

ENSAIO:

NÃO FOI ATRIBUÍDO PRÉMIO

FOTOGRAFIA:

NÃO FOI ATRIBUÍDO PRÉMIO

ATENÇÃO!

O concurso Fósforo Ferrero continua por mais 3 semanas nas modalidades de

ARTES PLÁSTICAS
ENSAIO
FOTOGRAFIA

Os trabalhos devem ser enviados até sábado. Os premiados no concurso Fósforo Ferrero podem receber as importâncias dos seus prémios no «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44, todos os dias úteis das 11 às 13 horas.

1. PRÉMIO DE ENSAIO
8. SEMANA

A POESIA EXPERIMENTAL

Onde tem a arte o seu fundamento? Na actividade criadora do homem. Portanto, quem pensou no fim da arte, da poesia, pelo abandono de umas certas formas artísticas clássicas, ou pela desagregação dos sistemas recentes, não se lembrou que negar a arte, a poesia, seria negar a própria actividade do homem, a sua realidade, deixá-lo sem uma das suas partes vitais E se pensarmos no progresso contínuo da ciência, na realização constante de novas invenções, veremos que essa actividade do homem não desapareceu. Lembremos as aspirações de Icaro pretendendo voar com asas de cera, no âmbito da lenda passemos pela «Passarola», de Gusmão, e pensemos agora nos aviões supersónicos, nos mísseis teleguiados. Será que podemos negar a actividade criadora do homem? Ora sendo ela o fundamento da arte, da poesia, consequentemente não se pode pensar num fim desta, como alguem pretendeu.

Ora vivemos numa época de investigação. E não só isso: os resultados dessa investigação são objectivados pela experiência. É, pois, também uma época experimentalista. Ora a poesia tem de reflectir essa mentalidade, tem de ser também experimental, entrar mais pelos sentidos que pelo sentimento. É precisamente esse o fim desta poesia. Preocupa-se do poema como objecto Os meios de realização do acto criador precisam de uma constante actualização. E é nessa necessidade que está o ponto de partida da poesia experimental. Defini-la, um pouco difícil. E «não procuremos, como diz E M de Melo Castro em «A PROPOSIÇÃO 2.01», «uma definição de Poesia; sejam antes os actos e os objectos da Poesia que no-la revelem. Actos e objectos da Poesia que são os poemas. Actos em que o homem se projecta para fora de si, construindo-se e encontrando-se. Porque é no despertar de nós próprios que a Poesia se cria. Porque a construção do objecto belo, na sua lenta e dolorosa procura, é a própria Poesia e o seu método criador».

Esta poesia é o fim de todas as ortodoxias e convenções. Para que a actividade estética esteja ao nível dos outros actos da sua vida, o homem tem de actualizar os meios da realização do acto criador. A vida evolui económica, social e cientificamente de ano para ano, e a vida estética tem que acompanhá-la

Todo o processo poético tem de ser submetido a um despojamento de tudo o que é acessório. Assim a poesia experimental ergue-se contra a poesia convencional baseada em princípios como «limites linguísticos da poe-

(Continua na 3.ª página)

NARRATIVA SIMÉTRICA

JOÃO BONIFÁCIO-SERRA
LUÍS ALMEIDA-MARTINS
MIGUEL SERRAS PEREIRA

(por ordem alfa-bética ou a(?)b(e)c(e)dária como ensina sina a isenção)

(mas quando o bom Champollion amigo de Napoléon decifrou os hieroglifos da pedra poliedra achada em Rosetta abrindo assim o caminho para uma egiptologia sistematizada já então desde cedo alguns dos mais belos testemunhos da actividade artística deste povo ovo suado escravo sacrificado eram conhecidos embora guardads nos nossos antros antigos (cavernas cavadas em interiores ocos escuros de mastabas); eram sagradas regras normas símbolos indiscutíveis tão evidentes como a pele da mulher ser rosada ou amarelada e a do homem acastanhada ou os vestuários não mudarem nada ao longo dos milénios (três) durante os quais esta curiosa civilização aparece registada; imutável é também a óptica ou a posição do olho que observa a cena espalmada a duas dimensões estagnada; o pé que avança é o esquerdo e aquela parte do tornozelo nunca aparece pintada; um dia um tal Enóbio pintor foi condenado e no meio dos maiores sacrifícios o mataram por ter pintado no interior de um sarcófago um homem e uma mulher da mesma cor). Por isso ajusto justa a gravata e saio fazendo fingir ares entendidos para não repararem em mim. Debalde eu o sei debalde me conduziram num sonho até um quadro de Bosch me forçaram a sair do recipiente e um rato verde me interrogou com vóz amável e amada por uma rata azulada; eram pios chios cios ciciados e um demónio novar levava a escada para cima da igreja incendiada. Fizeram-me um julgamento sumário; com voz sumida acabei por confessar sincero; salvei-me da condenação jurando modificar a minha conduta de cão.

Regressei arripiado encharcado amedrontado.

Todavia voltei hoje a pôr a gravata.

Desde que te vi nunca mais te esqueci. Levavas um casaco azul comprido ou talvez fosse vermelho muito curto (longo longo era o casaco); levavas é certo um casaco e se não me engano o teu cabelo é castanho. Ofereceste-me o braço um dos teus eu proporcionei-te o meu em troca (só agora deves ter reparado que isto te é dedicado) lancei-te uma gargalhada (sempre é mais do que um sorriso) e comprei-te suspirantemente um cravo azul o que é raro mas há (cá nunca vi). Ficámos assim a dançar até ao fim da tardia tarde noite algumas walsa (que eu prefiro escrever com w porque é mais walsa que valsa) voláteis quando nos rendemos ás evidências e fomos forçados compungidos a admitir que (baldados os esforços! mau grado tudo o que empreendemos! não recompensados os sacrifícios! oh! oh!) já não havia mais walsas o resto eram folk-songs inglesas e americanas. Chovia chuva chchchch lá fora áquela hora; aconchegámo-nos num canto quente carinhoso caridoso com cobertores mantas tantas que não não sentíamos o fino frio; aí me contaste a tua história a tua história a minha história um tecido. Uma fibra: por fora havia casas asas e meu deus uma egípcia quem diria pois é verdade uma egípcia bamboleando ando ando o seio desnudo (por sinal o esquerdo como é hábito). Nós recolhemos mais para o escuro num barco corredor profundo fundo e onde as sombras por destapar sorriam para nós virgens nilóticos. Discursei como quando te vi; e logo esqueci(-te). Tu verás (esgaravatando na Suécia um arqueólogo encontrou um viking ignorado colhido por uma possante tempestade de neve enquanto escalava um incomensurável fiorde; teria cerca de um metro e setenta e cinco de altura olhos azuis mãos largas fronte abundante o tórax pouco desenvolvido; segundo tudo leva a crer abalara de casa asa num dia de fino vento tiritando trepidando como velho vadio viking ou wiking pouco importa pois a diferença era então a memória que sustinham dos dias contados (um dois três — os vikings mais não sabiam) por nefasto oráculo).

Trago na memoria a cor do chumbo — toda te assestas olhos ouvidos mãos a minha história tu vaga tremenda escutas lês: eis a palavra: fabril. Teria menos de oito anos assim no tempo as coisas são — grandes letras ol factivas olfactivas e negras no muro circundante pedante de uma fábrica de industrias rurais. Que podia eu dizer-te a ti que me afagas assas assim frágil vencedor descuidado na glória gratuita duma chegada sem antes sem estradas e nem sermões e nem espadas. Que podia dizer-te ciciar-te te a ti pfffff como um gato quente senão que um dia vi escritos numa parede branca ampla correcta os caracteres negros o nome balançado extenso fixado com esforço e afinco duma qualquer companhia fabril cujo nome — se não erro — logo esqueci. Só a palavra fabril me restou obsessiva misteriosa rica de sugestões descarada cheia de sentidos secretos orgânicos de prazeres que teria pudor de revelar. Havia sacos de papelão cheios de produtos de moagem havia a curiosa engraçadíssima actividade económica a terminologia que as pessoas assombrosa com desenvoltura (volúpia) tornavam comestível problemática: reivindicações greve descalabro finanças crédito empréstimo saldo salário nível classe. (Que sabia eu de tudo isto ávido dos vocábulos técnicos convulsos infernados e de mecânicas metáforas úteis algures alhures desesperadas sempre: o pecado a luxuria a avareza e tantos quantos outros mais o padre da catequese recitava. E eu eu cúmplice de insídias funestas recônditos remorsos discussões intérminas clandestino. Teria menos de oito anos e lembro-me que á tarde enfim em casa orei friorento tempestuoso o que pela rua entretecera até á exaustão: amanhã vou á igreja pedir ao Jesus que me ajude por causa dos pecados fabris.

Fabril trago na memória a cor do chumbo. Minucioso insinuoso investigo a tua história a minha infância e despojar-te num gesto seco a manta enrolo á volta dos nossos troncos. A manta ou mantas nos veste(m) os corpos sofridos. Alegres agora irmãos semeando-se.

De camisa lavada saboreio o gosto a linho. Dos meus ombros retenho tenho a mágoa mastigada. De mãos nos bolsos mastigo a comida de ontem e movo removo as pálpebras o crânio apalpo à espera da notícia. Na juke-box entorno o silêncio a rua em torno de uma cerveja nórdica. Segue-se na ordem que me espanta as carpideiras o beijo eterno e de pedra as coxas de minha mãe estou ensopado mas esqueço fàcilmente pois o teu corpo me arrasta rói e possui modos diferentes de uivar à noite. Divertidos desvestidos os fantasmas forjam crimes engenhosos benevolentes amnistiam os que culpados haviam sido. Havia ainda quem pusesse cinza no pão como as anacoretas.

Em instância última eis que me chamam Ferdinand. Debalde: vous êtes fou. Debalde ainda: est-ce que vous m'aimez? É fácil raio é mesmo fácil. Ao dentista não vou em Florença ou Saint-Michel e tiro os óculos aproveitando disfarço a gargalhada e arrepio pio o teu casaco azul comprido o teu casaco azul cumprido. Mudamos de posição: (entretanto volto a chamar-te a atenção para o facto de isto te ser dedicado) o passeio assim o exige. Levanto-te a gola de pele assim o teu pescoço perde a brancura e esquece que dançamos. Ah mas também tu tens artes de quem serve à mesa vestida de vermelho sem pintura alguma ta ligne de hanche um estrépito de trovão sublime sublime verdadeiramente. Ta ligne de hanche ma ligne de chance as nossas linhas e nós anchos de as termos linhas limítrofes de nós (que orgulho). Afinal tu o teu casaco o certo seio da egípcia o v (w)iking é tudo o mesmo e para vós ou ti comprei roubei agarrei o blue triste azul cravo-febril fabrilmente; que permaneço pareço já tão velho com idade indefinida (vinte e cinco anos me atribuem alguns nomes respeitados na nossa praça baça e eu os respeito e admito minto) e não esqueço o que de fabril há existe nas mais delicadas engrenagens neo-realistas e nos intocáveis ideais de alguns artistas. Velho mantenho retenho o efeito fabril hostil argentário proletário de tudo.

Com efeito vejamos: mantas tantas cobertores enrolamos em tornodos troncos dos amores: cor do teu casaco curto comias tu é verdade não negues comias disseste lambias roubavas apanhavas das silvas das Silvas na aldeia cheia de lento vento. Amávamo-nos.
(um dia um tal Enóbio pintor foi condenado e no meio dos maiores suplícios o mataram por ter pintado um homem e uma mulher da mesma cor)

Debalde finjo fazer ares entendidos; de balde me levam ainda e sempre ao quadro de Bosch aos ratos souris sorrindo: desfaleço. Aí me condenam desta vez definitivamente a trinta e quatro anos de morte prematura.

P. S. — Invoquei recitei fabrilmente a história do v(w)iking mas o tribunal não se comoveu-demoveu. Como disse (e mereço) desfaleço.

****

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

TERÇA FEIRA
16 — JULHO — 1968

1.º PRÉMIO DE CONTO 8.ª SEMANA

O JOGO DA CAÇA

por

JOSÉ MANUEL CATARINO SOARES

O contador a empurrar os quilómetros com o seu dedo mecânico e invisível, o boné camuflado do sr. Gomes com a pala gordurenta, o bigode do sr. Brás, eu com a cadela perdigueira entre os pés e as armas repousando para a função, bem amarradas nos estojos compridos, lá atrás.

— Você não vai cansado? — perguntou o sr. Gomes.

— Não.

— Se quiser descansar, diga.

— Não vale a pena.

— Não se sente maçado aí há tempo?

— Não. Dói-me o traseiro da posição, mas de resto estou fixe.

— Veja lá. Se quiser, eu passo para esse lado.

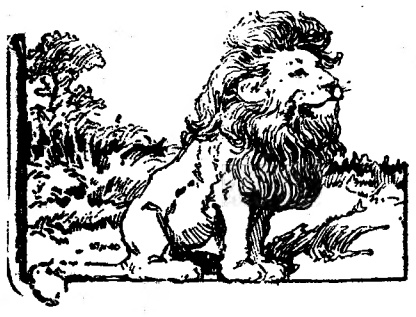
— Não vale a pena. Mas se você insiste muito, trocamos.

— Então encoste aí o carro que também preciso de esticar as pernas.

Saímos os quatro.

Voltámos ao «Land-Rover» e o sr. Gomes passou para o volante. Esgalhava naquilo sem consciência do peso do pé. Corríamos velozmente, como se o ano de 1965 nos viesse no encalço, a ponto de o sr. Brás dizer que havia uma leve diferença entre um «jeep» e um carro de corridas. Percorreramos já cerca de duzentos quilómetros, duzentos quilómetros de estrada que eu sentia nas articulações através da suspensão dura — cada pedra era uma pedra, uma cova era uma cova. A cadela lambia-me as mãos, e eu retribuía afagando-lhe a cabeça, solidários lá atrás, perto das armas. E sempre que, como agora, me encontrava numa posição incómoda, reflectia. Pensava: «qualquer dia tens que escrever, tens de começar a pensar nisso. Entretanto regista tudo e vai reflectindo. Enquanto não achares que é realmente importante escrever aprende a pensar. Se o que vês não te chega, arranja um terceiro olho ou mesmo um quarto. Com quatro olhos e treino estás preparado. A questão depois reside na escolha. Há coisas menos importantes que atacam o indivíduo e o tolhem, e se pensas escrever trata de te livrares delas quanto antes». Nessa altura o sr. Gomes atacou a «Carolina».

Com as licenças de porte de arma em ordem, a licença de



caça em ordem, o livrete e a carta de condução em ordem, os bilhetes de identidade em ordem, íamos legalmente bem dispostos.

Havia talvez dois quilómetros que a «Carolina» tinha morrido, e atacámos «A Caminho da Califórnia». Iamos a caminho de outra coisa, mas podia-se pensar até que era a Califórnia. Depois o sr. Gomes disse que já tinha a boca seca, e a frase ficou ali, no interior da cabina, á procura de um lugar onde beber.

Escurecia rápidamente, e nas bermas da estrada viam-se homens voltando para casa. O boné do sr. Gomes, por efeito da camuflagem, desapareceu pouco a pouco, e agora, na escuridão quase total, o sr. Gomes transportava nos ombros sem o saber, uma cabeça monstruosa. Iamos calados olhando a estrada e nem percebi que chegáramos.

Entrámos na cantina: primeiro o sr. Gomes com a boca seca, depois o sr. Brás igualmente seco. A cadela e eu, um pouco distanciados e também secos, mas sem aparentar. Começámos ao balcão e fomos acabar numa sala reservada onde nos serviram o jantar. Comemos alarvemente e o sr. Brás arrotou duas vezes com a mão no bigode. Depois mandaram-me comprar charutos. O empregado era da minha idade e falava com um sujeito de óculos sem armação e descalço. O sujeito falava correctamente, empregando termos pouco comuns. Dizia muitas vezes «precisamente» e assim, descalço, com o copo de «Catembe» na mão, e uns calções esburacados, pus-me a especular sobre o que poderia ser. Fosse o que fosse, era um sujeito curioso: falava correctamente português e imaginei-o a ler à luz de um «petromax» «As pupilas do Sr. Reitor». Provàvelmente por associação de ideias: óculos-leitura-pupilas, e já agora podia imaginá-lo a ensinar numa escola rural, ou ainda outra coisa que não declaro por ser delirante.

— Vão caçar? — perguntou o empregado.

— É verdade — disse eu — a região é muito boa, segundo dizem.

— Muito boa, mesmo muito boa, mas há melhor.

— Disseram-nos que esta era das melhores.

— Não digo que não, mas há gente a mais a saber disso.

— De qualquer maneira não conhecemos outra. Tenho a impressão que ficamos por aqui.

— Mas eu indico-lhes uma melhor! Fica a uns vinte quilómetros de quem segue.

O régulo é muito meu amigo. Curei-lhe uma vez uma infecção com umas unidades de terramicina que tinha aí de reserva, e desde essa ocasião somos amigos.

Fez um esbôço em papel de embrulho. O desenho era muito claro.

— Tem a certeza que percebe?

— Absoluta.

— Olhe, o senhor diga-lhe que vão da parte do Pedro. O Pedro mandou-os ter com ele. Não se esquece?

— Não me esqueço. Estamos lá por indicação do Pedro.

— Exactamente — confirmou ele com um sorriso.

Depois quis que eu bebesse qualquer coisa. A casa pagava e era uma honra e um prazer, ao que eu respondi que não via onde estava a honra, mas enfim, já que assim o considerava, bebia-se.

Fiquei a saber que o avô dele tinha sido um homem muito honrado, de mãos calosas, que comia o que lhe pagavam pelo suor do rosto. E o neto, ali á minha frente, garantia que morrera feliz. Eu disse que era um exemplo muito interessante, e que casos daqueles existiam poucos. Ele estaca muito comovido; íamos a meio da garrafa, e naquele ritmo comovia-se fácilmente.

— Vai mais um? — perguntou.

Eu disse que não: tinha sido um grande prazer, mas mais, seria abusar da sua amabilidade, ao que ele respondeu não ser abuso nenhum: era uma honra e um prazer. Eu disse que aceitava a honra mas não via onde estava o prazer, perdão! aceitava o prazer, mas não via onde estava a honra e tinha realmente de ir-me embora. Ele insistiu num cálice mais.

Eu disse que um cálice era muito. Ele disse «nada disso», que o avô bebia-lhe bem e nunca lhe tinha feito mal. Levantava-se pontualmente e nunca ninguém o tinha visto tocado. «O seu avô é um indivíduo extraordinário» — disse eu, «era» — disse ele, «um indivíduo fora de série. Há poucos avôs assim». «também acho» — concordou ele. O sujeito negro, de óculos sem armação disse: «precisamente». Dei as boas noites e fui-me deitar. Na sala reservada o sr. Brás contava ao sr. Gomes, as proezas de um furão que tivera em tempos na Europa. O furão tinha sido visto por uns guardas florestais, e o sr. Brás estava metido num grande sarilho.

— Boa noite — disse eu.

— Já? — perguntou ele.

— Já — disse eu.

— Então os charutos?

— Oh! esqueci-me.

Por detrás tinha o rio. À sua frente os guardas desciam, inclinados, as botas soltando calhaus que rolavam pelo declive. Desciam, abrindo as hastes de um ângulo com o vértice lá em cima, onde juntos, o tinham observado. O sr. Brás sopesava os

contras de uma descida rápida, para tentar depois fugir ao longo da margem. Enquanto eu estivera na conversa, batera toda a área florestal da margem esquerda, desde a ponte ao cotovelo, onde havia um pequeno dique parcialmente desfeito.

— Pronto, deixa lá — disse ele.

E escapou-se pelo declive em direcção ao rio, sem saber ao certo o que faria depois.

Estava eu deitado olhando a noite, quando o indivíduo que me tinha roubado a bicicleta, passou em frente á janela uma vez, e logo outra e outra. Passeava na varanda. Levantei-me a tremer: há séculos que andava atrás dele e desta vez ia-lhe aos queixos. Sorriu polidamente quando abrí a porta e saí. Sorriu e continuou calmamente em passos medidos, de mãos atrás das costas. Então saltei-lhe em cima e filei-lhe o pescoço. Parecia que estava a agarrar num polvo. Ele era esponjoso.

— Em que pensas, pá? — perguntou o sr. Gomes virando-se.

— Nada.

— Diz lá, era na miuda?

— Não, era num sonho.

Estava muito escuro, e a estrada ia-se desenrolando á frente dos faróis, que a cada instante a perseguiam para lá do nevoeiro. Fazia frio húmido, dentro do carro. Tinhamos passado por quatro desvios e todos pareciam ser o que procurávamos. O que procurávamos terminava numa aldeia e lá estavam as palhotas dispostas em alas, viradas para um grande largo de terra batida. No meio da vereda que se internava no mato, estava um homem acocorado junto de uma fogueira. Estava ainda muito escuro, embora o dia estivesse prestes a nascer. O homem conservava-se quieto, com os braços apoiados nos joelhos, olhando para nós. O sr. Brás deu um passo em frente e cumprimentou em dialecto chope.

— Di tchite!

— Di tchite! — respondeu o homem.

— Nós viemos para falar com o régulo daqui.

— Eu sou filho do régulo — disse o homem. Disse aquilo como algo de incontestável. — Meu está doente, muito doente. Como disse o senhor que chamava?

— Brás.

— Eu lembro o sr. Brás. Veio caçar em Zindimela no outro ano, com aqueles senhores da Brigada do Algodão.

O sr. Brás além da arma trouxera a fama de imbatível. Há menos de quatro horas, quando uma impala saíra repentinamente de um tufo de vegetação, sobressaltada pelo cheiro da cadela, o primeiro tiro fora dele e quase instantâneo. A impala flectiu bruscamente para a esquerda, o sr. Brás rodou nos calcanhares e disparou de novo. Foi quando ela entrou no meu campo de tiro. Parecia impossível atingi-la. Apontei cuidadosamente, um pouco á frente da região que entroncava no pescoço. Fremiam-me as pálpebras e por entre a névoa que me sujava a vista via-lhe vulto acobreado fugindo do real. Depois, premi o gatilho, e simultânea à sensação que errara, a impala deu um salto maior e desesperado, e caiu com as patas anteriores dobradas, como se tivesse tropeçado numa barreira invisível.

— Bom tiro! — disse o sr. Gomes.

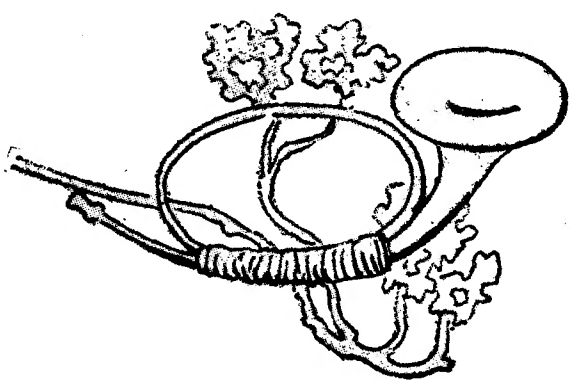
«Sorte, pura sorte e mais nada» «sorte o tanas, foi um tiro com classe» «não, acredite, tive muito leite, nem sequer sei onde alvejei, só via uma coisa a correr e sabia que era agora ou nunca».

O sr. Brás dissera:

— Foi um tiro de sorte, mas matou e é o que importa.

Fiquei irritado quando ele estragou o jogo com aquela frase bruta. Mas com sorte ou sem ela, a impala era minha, e estava visto que não haveria mais nenhum tiro como o meu. Era de certeza uma bala ensinada, das que fazem coisas que nunca as suporíamos capazes.

Estávamos sentados debaixo de uma grande árvore. A cadela tinha escavado frenéticamente um



buraco, onde se espojara arquejante. Não adiantava caçar com aquele calor. Eram duas horas da tarde e o sol estava no pino. A caça tinha procurado os sítios sombrios, sairia de novo ao escurecer, quando o tempo refrescasse. O sr. Gomes disse ao sr. Brás que prosseguisse se era assim tão doido.

O sr. Brás ficou, ressentido connosco, com a cadela, e com tudo o que era vivo e queria morto quanto antes. Diante de nós estendia-se a planície, e limitando a planície, a linha do horizonte ondulava no topo de montanhas. Assim, áquela distância, as montanhas de um verde escuro e líquido, criavam a ilusão do mar.

A cadela ia no seu terceiro buraco. Era uma cadela inteligente, e trabalhara muito e bem, mas não como o dono desejaria. Não havia provávelmente no mundo, cadela que trabalhasse como ele as via trabalhar em pensamento, e por isso batera-lhe várias vezes durante o dia. A cadela que, para além de trabalhar muito e bem, desconhecia o problema dele, ficou ensopada de suor e de mêdo, que lhe brotava agora da língua, fora da boca e viva como uma bandeira ao vento. Eu estava a seguir a progressão de um comboio de formigas muito extenso, quando o coelho surgiu.

— Olha um coelho! — exclamou o sr. Gomes.

A cadela que também exclamara «olha um coelho!» levantou-se e desapareceu célere, na sua peugada. O sr. Brás esqueceu-se de todos os seus agravos, e declarou que a sua cadela era boa como o raio: podia estar a morrer de cansaço mas não resistia a uma boa corrida. Estávamos demasiado cansados para ir vêr o que se passava, e entretanto o comboio de formigas prosseguia. Devia ser uma viagem migratória, transportavam os haveres acima das cabeças, de tal maneira que estes rolavam como se avançassem apoiados num colchão de ar. Depois, a cadela voltou com o coelho na boca, preso pelo pescoço e sacudindo as patas eléctricamente. O sr. Brás levantou-se ufano, bateu com a mão na perna chamando-a com estalidos de língua. A cadela largou o coelho e saltou amedrontada.

A primeira bala despegou-lhe quase completamente um largo pedaço de carne na região das têtas, a segunda atingiu-a no pescoço, e foi assim.

O nosso guia aproximou-se e apalpou-lhe suavemente o corpo. Não havia nada a fazer. Voltámos rodando lentamente. O sr. Gomes aconselhou-me a tentar dormir. Abri a janela e estendi-me na cama, calçado, sem sequer tirar o chapéu. Via claramente que era um problema grave apesar da autorização para matarmos corpos com as quatro patas no chão. Portanto era uma questão de posição e terminologia. Não se podia falar em pés, porque baralhava tudo. Quer dizer: as patas resolviam o problema, embora pensando bem não fosse assim tão simples. Eu tinha visto numerosos filmes de Walt Disney e estava a lembrar-me de «Bambi» e os seus grandes olhos cheios de ternura. Portanto era aborrecido pôr fora de combate uma Bambi.

«Faz-te sócio da Liga de Defesa dos animais, são tudo pessoas idóneas que ás vezes legam a fortuna ao gato».

— Que lindo gesto! — dissera a minha avô a ler a notícia no jornal.

— Pena é o gato não compreender — dissera eu.

— Compreende sim senhor!

Não discuti mais o assunto; ela era sócia da liga e sabia muito de gatos.

Estava nisto quando o sr. Gomes me acordou.

O sr. Brás esperava na sala, onde no dia anterior procurava desesperadamente que lhe não confiscassem o furão. Na altura era muito pobre e caçava para comer. Sorriu e eu sorri. Entrámos no carro e nos primeiros cinquenta quilómetros tudo correu bem. Depois começou a falar de tal maneira, que a dada altura já não sabia quem havia de lamentar: se ele ou a cadela. Dizia que era o seu único amigo e outras coisas do género. O sr. Gomes afirmou que a coisa não era assim tão má. As pessoas desfaziam-se das cadelas conforme podiam, de um cão, era muito raro. Mas aí com uns duzentos escudos, á falta de bons conhecimentos, também se arranjava um fácilmente.

A POESIA EXPERIMENTAL

(Continuação da 1.ª página)

sia; necessidade de discursividade; poesia como comunicação; a poesia uma forma de expressão, etc.». O poeta convencional só se apercebe do espaço que o rodeia. O poeta experimental ocupa o espaço com a sua poesia, sendo muitas vezes o próprio poema quem faz a definição do próprio espaço que ocupa. O desenvolvimento desse sentimento espacial é uma manifestação da oposição entre a poesia experimental e a poesia convencional. Temos um exemplo em o «Monumento», de E. M de Melo Castro, onde nos deve interessar sobretudo a definição do espaço que ocupa:

let
the
men
free

let
the
man
be
free

let the free be men
LET THE FREE BE MEN

O poesia experimental está, pois, em oposição à convencional, embora não completamente.

JOGO DE SIGNIFICANTES

«A poesia experimental descobre ante o leitor um jogo de significantes, fonemas, espaços, palavras, imagens, sons materiais, regras, etc.», diz Melo Castro. Significantes. as palavras, sílabas, uma vogal, um acento, são também significantes, e cada qual com um significado. A poesia é um jogo em que o poeta joga com tudo isso, e com a sua própria existência, o seu ser, a sua actividade perceptiva. É nesse momento que a poesia surge, quando o poeta consegue jogar com esses dois campos.

Contudo, este jogo necessita de um estrutura, mas uma estrutura constituída pela clássica forma e pelo conteúdo, que em si são inseparáveis. «Dizer que uma quadra tem quatro versos de sete sílabas, com rimas cruzadas, nada é poèticamente. Dizer que uma quadra tem como tema «os teus olhos», é igualmente nada. Mas escrever e dizer a quadra, pode ser já uma experiência estética» (Melo Castro). O poeta deve, pois, combinar com afinado gosto estético aqueles dois elementos para conseguir um poema.

RIGOR NA POESIA EXPERIMENTAL? QUAL?

Mas haverá verdadeiramente rigor na poesia experimental? Que classe de rigor será, se o há? Já sabemos que a procura do rigor da linguagem é uma tendência da poesia moderna em evolução a caminho dos métodos experimentais. Vejamos exemplos: primeiramente um excerto de uma poesia de Herberto Hélder:

«Cara, retrato, canal, álcool.
Sinistro na mão um peixe levantado
louco, alguém
gritando, ia gritando pela fábrica fora.
Rosas enoveladas vergavam no sono,
enquanto letras com cabelos
escorrendo no muro.
Extraordinário, pendurado no sono
sinistro, um negro peixe
morria durante a neve inteira.
Com esse peixe alguém ia gritando:
cabelo quente, telha molhada.

Gritando cor de martelos, em peixes
com som de rosas:
Castiçal, silveira, linho e:
porta porta

Será o rigor destas poesias um simples rigor de linguagem e terminologia? É mais que isso. O rigor na poesia experimental consiste numa redução à estrutura básica, é uma via de depuração poética. Assim o poema será mais objectivo e rigoroso quanto mais reuzido for, quanto mais silábico, pois assim será percebido de vários e diferentes modos pelo leitor. É por isso um rigor mais psicológico que lógico.

«É necessário, diz E. M. de Melo Castro, entender esse «rigor da Poesia» pelo qual a maioria dos poetas tenta alcançar algo mais que um mero e simplista ajuste entre o que pretende dizer e o que de facto consegue escrever».

A poesia experimental procura meios de realização extralinguísticos, o visual, o auditivo, o táctil, tudo o que possa emocionar e ser útil ao mesmo tempo, tudo o que não precisa de ser lido para ser entendido. É que a única poesia que tem valor sociológico é a que intervém física e directamente na vida quotidiana dos indivíduos. É a poesia que esses indivíduos recebem pela rádio, televisão, cinema e por todos os meios de comunicação. Daí que exclame um poeta: «Li um poema sobre o pão, as searas, o trabalho do campo, as reivindicações, etc. Fiquei desgostoso. É que o único «poema do pão» é fazer uma pública e universal distribuição permanente de «pão-secos»! «A poesia precisa pois de uma existência objectiva que possa impressionar a percepção daquele que se serve dela, não digamos do que a lê. Daí a poesia experimental acabar com a comunicação entre os indivíduos por meio de poemas. O que frui da poesia, da obra de arte, não comunica com o autor, mas, por meio dela, comunica consigo mesmo. Por isso diz Stochausen: «a obra de arte, dá-se como objecto que é; compete ao público usá-la como entender e achar que melhor lhe serve».

Seria ideal poder apresentar aqui exemplos de cada forma de poesia experimental: visual, auditiva, respiratória, linguística, conceptual matemátca, sinestésica e espacial. Apenas me limitarei a expor dois exemplos para dar uma pequena ideia de alguns tipos de poesia experimental:

quotidiano
uotidiano
otidiano
tidiano
idiano
diano
iano
ano
no
o
on
ona
onai
onaid
onaidi
onaidit
onaidito
onaiditou
onaiditouq
(Alvarenga Belo)

14342
23306
41612
32216

50018
21254
14018
32414

31235
54122
30425

43313
51215
89353
«Soneto soma 14×» —
Melo Castro

Estes exemplos são de fácil transcrição, se não fosse a dificuldade em transcrever muitos outros, possìvelmente mais chamativos e enigmáticos, tentaríamos fazê-lo, se bem que o espaço o não permitisse bem

Há poemas de todas as classes: gráficos, plásticos, concretos e combinatórios. Poemas há em que as combinações ascendem a milhares, pelo menos a sua possibilidade de combinação.

Posto isto, e para concluir o pequeno ensaio sobre poesia experimental, pertguntarei: como entender uma poesia deste género?

Difícil expor um juízo válido para todos. Quase todos os autores nos deixam os títulos das suas obras e alguns explicam-nas mesmo. Neste caso já temos uma senda para nos adentrarmos no bosque das suas hipóteses. Mas o mais frequente é encontrar-nos sós, frente à obra, sabendo dela apenas o título. Neste caso o que temos de fazer é abandonarmo-nos voluntária e totalmente à impressão da obra. E na poesia experimental, talvez (?) não seja péssimo caminho seguir o critério do «meu próprio gosto». Trata-se de nos acomodarmos à obra e que a obra se enquadre aos nossos próprios gostos.

Em certo sentido podíamos quase afirmar que entender a poesia experimental é criá-la de novo, com nova forma, nossa, senti-la, concebê-la, numa palavra ser um segundo autor do poema.

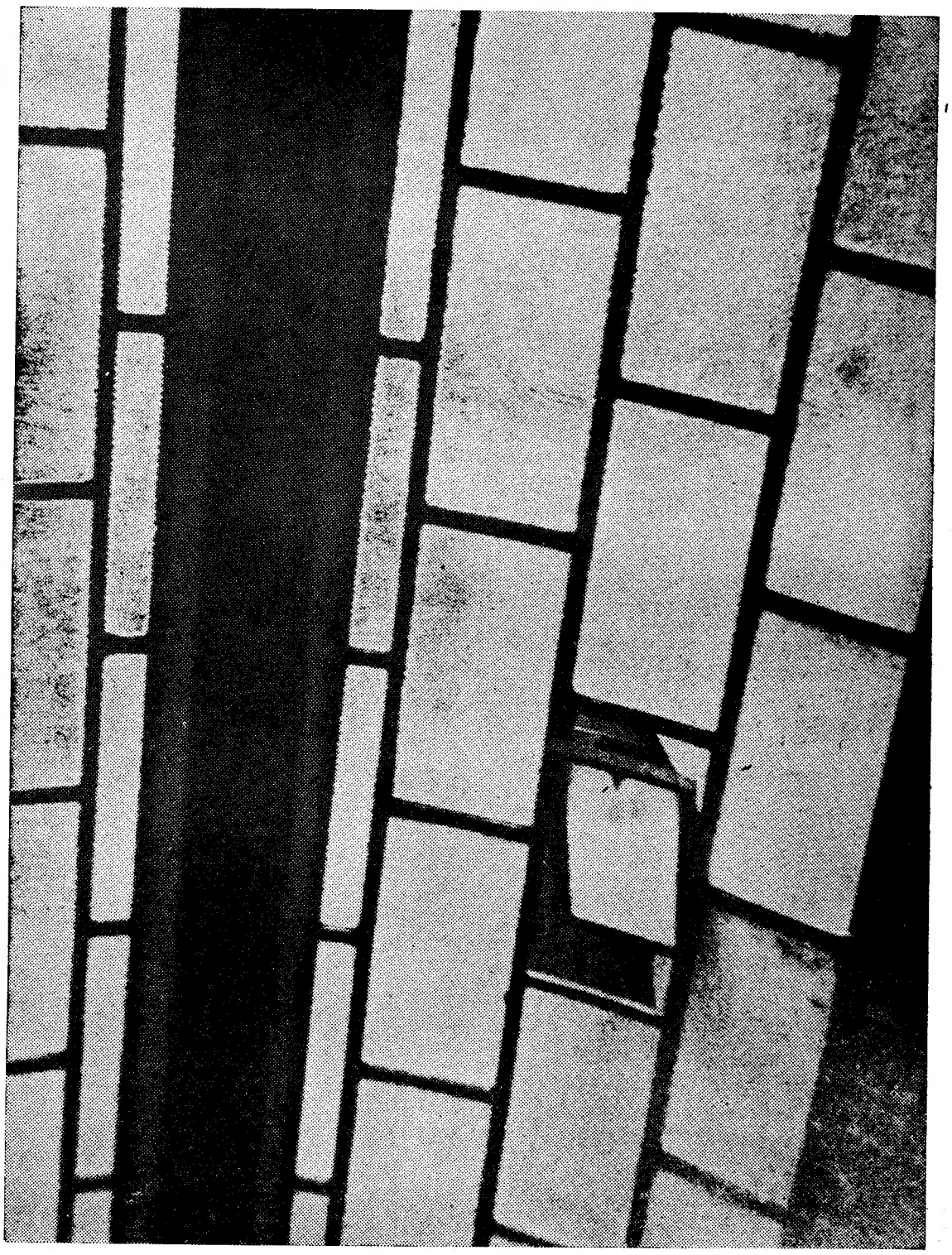
Outro exemplo uma leitura do «Poema Encontrado», de António Aragão:

na sua pele em órbita
oh minha rapariga de estrelas!
livre me destruo festa debaixo do movimento
e segredo terras do alto das datas

minha atenção amotina-se
está destaca-se seja A!
e esqueço uma catedral em casa
ainda o domingo exibido pelo coração
altero um filho
povoo um perigo
oh minha prodigiosa minha atenção!
só hoje e amanhã o que sucede serve

por
MARIA JOVITA MOTA FONSECA

1.º PRÉMIO DE FOTOGRAFIA — 8.ª SEMANA



ACORDES LUMINOSOS
— dissonância —
ou
ESTUDO PARA UMA ESTRUTURALIZAÇÃO OBJECTIVA DE RECTÂNGULOS DE LUZ

de PEDRO PROENÇA

1.º PRÉMIO DE POESIA
8. SEMANA
ENFERMIDADES

1—A VEEMÊNCIA

apoia(-se) (n)os gestos
barrocos e na
palavra o dom

é culta no indicador
reside
ajuda docemente a testa
[oblonga
compromete a mão pesada
[intermitente

anda de auto
carro a veemência
é surda mas não
afásica

veste toga nas cerimónias
entra de pasta
nos tribunais e
nas assembleias por vezes pede
um copo de água e
não desiste

a veemência nos cafés
volupta circulada de um ci-
[garro
cumprimenta os tios
e não esquece os afilhados
limpando o lenço aos lábios
[perfilados
ajeita o vinco demagógico nas
[calças

recebe encomendas
ao domicílio ou em qualquer
[parte
outra tanto
faz

é gloriosa no espanto que
a rodeia fulminante
no tronco que passeia
a via pública

assina-se — a veemência

2—A PIEDADE

acredita
que
amadurece no sonho equili-
[brado
do cheiro que sentimos oh
se sentimos

e faz partidas faz
nos defeitos e nas valsas
mas não nos trusts
nem na bolsa

reparte-se
a piedade e
recolhe-se no
mau tempo e no sábio
conselho de a todos abraçar
de preferência

mas como
se o gesto saudável trai
a ruga e a tinta do olhar
o rito e o estudo do
falar

canta a miséria sobretudo
e petulante vaga inquire
da saúde com mesuras

requer sempre algum tempo
a palavra e o caminho ade-
[quados
lamenta o deslizo ponteiro
e o rol das tristezas
impagáveis

sabe de cor a
conveniência
de experiente nem esconde
a raiva que abjura

é difícil creiam mas
tem-se — a piedade

JOAO BONIFACIO-SERRA

CONTO DE FIM DE NOITE

por MÁRIO GABRIEL BONITO

Quando ele estava já embriagado resolvi trazê-lo embora. Aliás, suportara apenas o ambiente, pelo cansaço de não mais que fazer senão ler e pensar nos últimos dias. A música e o fumo semeavam-me a letargia sobre a pele, enquanto ele bebera todo o tempo.

Não me parecia ele, ou pelo menos era um desconhecido que eu julgara conhecer até há escassas horas.

Deixei-o desbobinar umas palavras sem nexo enquanto caminhávamos junto á praia e lembrei-me subitamente de o recuperar da embriaguês, isto é, provocar a viagem inversa do álcool. Não no sentido do vómito, antes pelo alcance psicológico.

Comecei por interrogá-lo sobre o mar ali á beira. O prazer da extensão, o repousante vaivém das ondas, os diversos matizes diurnos e aquele-outro escuro da noite morna do começo de Verão.

Quando ele estava já embriagado resolvi trazê-lo embora. Aliás, suportara apenas o ambiente, pelo cansaço de não mais que fazer senão ler e pensar nos últimos dias. A música e o fumo semeavam-me a letargia sobre a pele, enquanto ele bebera todo o tempo.

Não me parecia ele, ou pelo menos era um desconhecido que eu julgara conhecer até há escassas horas.

Deixei-o desbobinar umas palavras sem nexo enquanto caminhávamos junto á praia e lembrei-me subitamente de o recuperar da embriaguês, isto é, provocar a viagem inversa do álcool. Não no sentido do vómito, antes pelo alcance psicológico.

Comecei por interrogá-lo sobre o mar ali á beira. O prazer da extensão, o repousante vaivém das ondas, os diversos matizes diurnos e aquele-outro escuro da noite morna do começo de Verão.

Isolava-nos do casario um alto pinhal. apenas se ouvia ruído dos carros na estrada.

O dia ao nascer significa prazer intenso para quem dormiu e recomeça mais uma jornada. Mas é triste quando a noite está cheia de estrelas e de ar leve, e nos sentimos completamente nós.

Quando o Sol fez a sua aparição não pudemos fixá-lo imediatamente. Demasiado brilhante, anunciando calor próximo.

Respondeu-me que não era má ideia molharmos os pés, tomarmos banho vestidos, mesmo mergulhar da rocha escarpada a alguns metros.

Aí o caso tornara-se um pouco insólito.

Na falta de maior inspiração conversei sobre a areia. Cada grão era um problema particular de cada homem. Um castelo na areia, uma causa colectiva. Fazer e desfazer castelos na areia, eis a construção e a indiferença para os problemas humanos. Pretendi ostentar a gravidade que as palavras teriam noutra ocasião.

Quanto a ele, não lhe apetecia sujar as mãos em castelos de areia: aliás não se enxergava um palmo, a Lua era nova.

Já aqui pude extrair benefícadente, como um tiro de espingarda.

Ambos ficámos emocionados. Porque não é corrente verem-se muitas, e porque os tiros atingem e fazem doer.

Antes de continuar a recuperação dele. instituí um momento de convalescença para mim próprio.

Ao longe brilhava de quando em vez uma pequena luz que enchia o horizonte a espaços. O farol: e descrevi a função de guiar os desprevenidos, de precaver os acidentes, estendendo o raciocínio á condução dos homens dentro das instituições. E da necessidade do farol.

Ele falou dos outros faróis. Mas já compreendia: os automóveis sujeitos a choque, á noite, sem luzes.

A noite ia no fim e nós também.

Sentara-me numa laje calcárea salpicada pelas ondas que trepavam a encosta e coberta de vegetação quase-musgo, seca pelo sal.

Percorreu-me um arrepio, pela noite morna que fugia e o súbito calor que me tomava.

Acho que falei descontroladamente do Sol que todos esperam e deviam ter reservado, da necessidade do seu calor e compreensão. De um Sol que se faz vida e a alimenta. Nos cansa e abafa, nos repousa e abriga. Que é simplicidade tão-só luz e complicação dos ciclos atmosféricos. Do Sol que, para cada um, nasce e morre milhões de vezes. E que funciona, tal como todos aspiraríamos.

O meu amigo lembrava-se ainda do baile e recordou «Dawn is a feeling».

A surpresa da sua total compreensão e o prémio daquele pequeno esforço chegaram-me para soltar a embriaguez que eu atingira com o amanhecer; que sucedera uma paixão solar.

Mais lúcido que eu, disse ele ainda:

— Guarda o teu choro para quando tiveres sede.